

WE.BRASIL

Revista Digital – Ano 2 – Número 5 – Maio 2020

ESGRIMA E ESCOLA

Nossos Atletas e o Colunista Marcelo Corsetti falam sobre o assunto

CONHEÇA MELHOR

O Presidente da CBE Dr. Ricardo Machado

ENTREVISTA

Com o Presidente da ABE:
Dr. Henrique Rochel

1 - Entrevista com o Ídolo do Passado Pablo Mangiaterra

2 - Ações Inesquecíveis

3 - Esgrima em Minas Gerais

4 - Entrevistas

Presidente da Confederação Brasileira de Esgrima - Dr. Ricardo Machado

5 - Matérias Voltadas a Educação

Laura Papaiano
Maurício Pelegrino
Murilo Garrigós

6 - Entrevista ABE

Dr. Henrique Rochel - Presidente

7 - Matérias Especiais

Espaçolaser
Mosqueteiros Paraisópolis
Mosqueteiras da República
Opinião da Especialista
Esgrima em Santos



8 - Entrevista com os Atletas

Victória Vizeu
Pedro Marostega
Lorenzo Mion
Alexandre Camargo

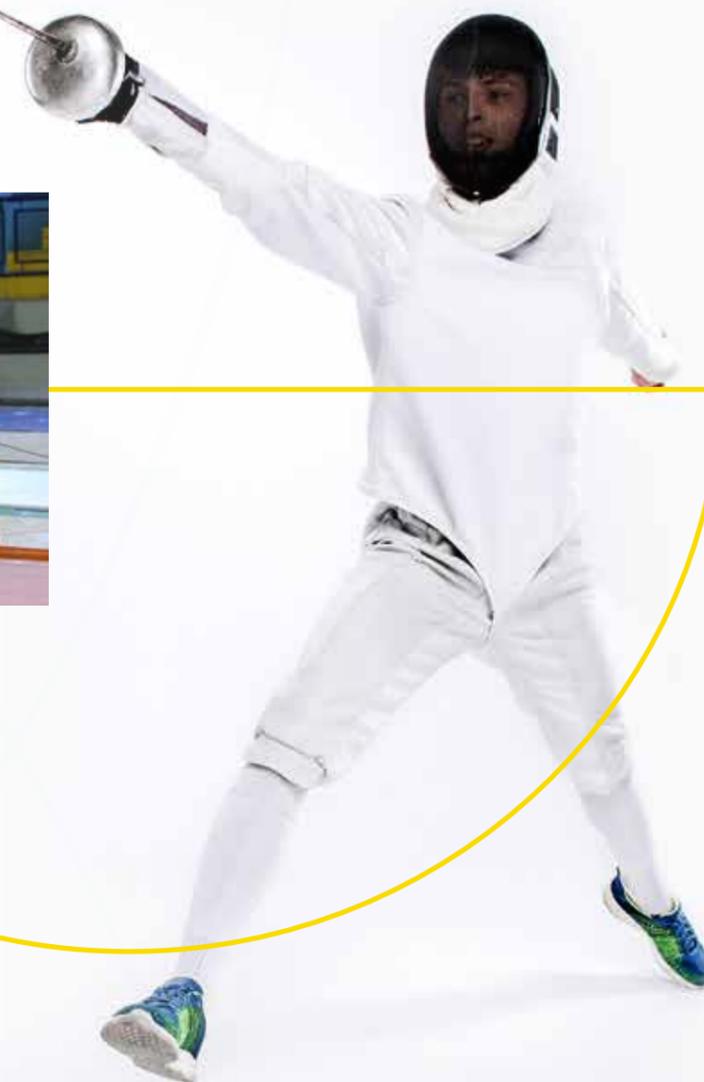
9 - Entrevista com os Técnicos

Alexandre Teixeira
Bernardo Schwuchow

10 - Colunas

Letra e Armonia com Marcelo Corsetti
Alberto Murray Olímpico
Opinião do Pierre
Só na Voadora – Lafaiete Papaiano

11 - Momentos na Competição





L Papaiano: Nome completo?

Pablo Mangiaterra.

Nome de Competição, Mangiaterra

Idade, 53

Clube, Esporte Clube Pinheiros

Técnico – Mestre Buonafina, Guillermo Saucedo e Guillermo Betacourt

Conquistas:

Campeonatos Sul-americanos de esgrima:

- Argentina-1985 - Juvenil - 3º lugar por equipe
- Brasil-1986 - Juvenil - 3º lugar por equipe
- Peru - 1987 - Juvenil - 3º lugar por equipe
- Montevideo - 1989 - 3º Colocado Individual
- Peru - 1990 - Adulto - Campeão por equipe
- Brasil 1991 - 2º lugar por equipe

Nacionais:

- Tri Campeão Brasileiro Adulto
- 7 vezes campeão da Copa Brasil de Esgrima adulto

Estaduais:

- 17 vezes campeão Paulista de Esgrima

LP: Como vc conheceu a esgrima e se interessou por ela?

PM: Eu já praticava judô há alguns anos quando minha irmã – Laura Mangiaterra - começou a fazer esgrima. As salas eram uma do lado da outra no Pinheiros. Gostava muito de judô, mas eu sempre adorei competir.

Numa época, o judô teve um diretor que não gostava de ir nas competições e decidiu praticamente não aceitar convites para novos torneios, o que fazia com que treinássemos sem nenhum objetivo. Enquanto isso, Laura começou a ir a diversas competições, inclusive em viagens pelo Brasil. Daí eu comecei a ir na sala e me convidaram para treinar. Comecei alguns treinos e gostei. Já não era tão pequeno, tinha uns 14 anos, mas acabei ficando por 17 anos da minha vida.

LP: Como e onde vc começou na esgrima?

PM: Na sala do Pinheiros mesmo em 1981. Fazendo florete, como todos nós no clube, mas troquei pelo sabre 1 ano e meio depois.

LP: Fale um pouco de suas conquistas com a esgrima?

PM: Considero conquistas não somente as medalhas em competições, mas também as participações em torneios internacionais como: Mundial em Denver-USA 1989; Universidade Duisburg - Alemanha 1989 (32º); Pan-americano - Cuba - 1991 (10º)

Isto porque, eu pratiquei esgrima em uma época que o sabre era visto como uma arma que não tinha nenhum futuro pela confederação e, portanto, o apoio era mínimo.

Então, conseguir viajar para as competições internacionais foram vitórias expressivas.

Interessante também que meu objetivo era ganhar lutas mais do que ganhar competições. Como comecei um pouco tarde na esgrima, meus principais adversários já tinham carreiras consolidadas no sabre quando comecei a competir no cenário nacional, daí conseguir vencer uma luta com os principais eram conquistas que me davam grande prazer.

Mas, de qualquer maneira, como competição, acredito que a vitória no Peru, no sul-americano de 1990, onde conquistamos o primeiro lugar e vencemos a Argentina que tinha uma equipe de super campeões e veteranos foi uma das mais importantes da minha carreira.

Por isso eu acredito que foi uma grande conquista. Ainda mais em cima da Argentina, sempre tem um gosto especial, rss!

LP: O que a Esgrima agregou em sua vida?

PM: Sempre fui muito interessado em história e cultura de povos diferentes. Tanto dentro do nosso país, bem como os estrangeiros. O principal aspecto foi a oportunidade de perceber o quanto somos pequenos neste mundo e quanto temos a aprender com a diversidade dos povos que existem.



Viajei por diversos países em uma época que viajar era uma conquista. Por isso, buscava conhecer a cultura e costumes de todos os lugares que estive.

Na época que fui treinar na Itália, sendo um dos primeiros atletas brasileiros a fazer isso, pude aprender uma nova língua e estar no país que era referência no sabre.

Além disso, como muitas vezes tive que me desenvolver sozinho na esgrima, me ensinou a ser auto suficiente e determinado em aprender.

LP: Fale de como eram os seus treinos e a sua preparação?

PM: Pratiquei a esgrima em um período muito amador. Além disso, o Pinheiros não era um clube de sabristas, por isso éramos meio esquecidos e tínhamos que nos virar com os treinos. No começo não tínhamos preparação física específica. Os atletas mais antigos é que puxavam o treino e nos levavam para correr para aquecer.

Depois voltávamos para a sala e fazíamos escola de passos. Daí começávamos a lutar, esperando que o mestre nos desse aula. De vez em quando, alguns dos atletas mais antigos queriam introduzir alguns sistemas mais organizados de preparação, mas durava pouco, pois eles partiam para competições e ficávamos sozinhos novamente.

Aos poucos foram sendo introduzidos alguns sistemas mais modernos de treinos, com preparação e física e musculação. Mas isso foi mais no final dos anos oitenta e início dos 90.

Eu me lembro que treinava umas 4hs por dia.

Quando fui para Itália, aprendi algumas técnicas de treino que mantive quando voltei para o Brasil.

Me lembro que nas férias de Janeiro era um período que aumentávamos o treino físico, mas tudo era muito individual.

LP: Técnicos inesquecíveis?

PM: Esta é uma pergunta interessante. O meu primeiro mestre foi o Buonafina, que não era sabrista e pouco entendia da arma. Ele também sabia disso, por isso ele me observava nas competições e via quais eram os golpes que eu conseguia dar e tentava melhorar minha velocidade e agilidade nas pernas, mais do que minha técnica no sabre.

No começo, aprendi muito observando os adversários, principalmente a turma do Paulistano onde estavam a maioria dos sabristas em São Paulo, e do Sogipa e GNU, de Porto Alegre. Daí, eu conversava com o Mestre e comentava do que tinha visto e treinávamos esses golpes.

Mas, o esgrimista que mais me ensinou sobre o Sabre na minha vida sem dúvida foi o Regis Trois. Ele nem deve se lembrar disso, mas ele tinha paciência comigo de me falar que a minha postura era ineficiente para o sabre, que a forma que eu segurava a arma estava errada. Então, eu o procurava nas competições para tentar absorver o máximo de conhecimento possível e ele nunca se negou a me explicar nada. Já quando ele era o técnico encarregado do sabre juvenil, ele me ensinou algo muito importante: dar um paço de cada vez em uma competição. Focar em cada luta, sem olhar para o próximo adversário, até a luta acabar.



Ele muito gente boa. Como ele, havia muitos naquela época.

LP: Jogar esgrima sem um braço deve ser difícil e sem os dois? Por favor nos conte esta história.

PM: Essa foi no sul-americano juvenil de 1986 na Água Branca em São Paulo.

Quarenta dias antes da competição eu tive uma ruptura parcial dos ligamentos do tornozelo quando estava jogando basquete no final do treino. Tive uma torção tão forte que achei que tinha rompido tudo.

Fiquei 25 dias de gesso e muleta. Uma das semanas antes do sul-americano eu voltei aos treinos.

Uns dias antes da competição a confederação nos fez jogar várias eliminatórias para definir a equipe. Os classificados foram o Oswaldo Monteiro, o Wander Nunes, o Paulo Teixeira e eu, que era o único remanescente da equipe que foi para o Sul-americano da Argentina no ano anterior.

Por tudo isso, minhas expectativas eram baixas. Porém, durante a competição, fui crescendo e ganhando, chagando nas finais vencendo um venezuelano que era bicampeão sul-americano juvenil numa de minhas melhores lutas e que me fez ser conhecido na América do Sul.

Quando fui jogar contra o Argentino Guillermo Rovit, estava ganhando de 5 a 1 e dominando a luta. Porém, em um dos meus golpes favoritos - parada de quinta agachando - na virada do braço, senti uma forte dor no ombro que me fez cair no chão. O corpo acusou a falta de treino nos últimos 40 dias e do excesso de lutas na última semana.

Na confusão os brasileiros acharam que o argentino tinha me atingido e começaram a xingar. O médico, que era argentino, me examinou e disse que meu ombro estava luxado. Ao me levantar, apoiei o braço e o ombro voltou pro lugar.

Fiquei na dúvida se o médico tinha dito a verdade ou queria me tirar da competição. Por isso, voltei a competir.

Ao fazer o mesmo movimento, o ombro saiu novamente e caí no chão tendo a certeza que estava fora, o que foi constatado pelo médico novamente. Mas me levantei e ele entrou novamente. Daí pedi para trocar de braço e lutar com a canhoto, pelo menos para terminar a luta.

Só que os argentinos ficaram preocupados: "vai que ele ganha mesmo assim". Daí disseram que eu tinha sido atendido duas vezes e não podia voltar a lutar. Apelamos ao comitê organizador e quase todos os demais representantes dos outros países votaram a favor da continuidade.

Os argentinos ainda tentaram uma última cartada e disse-



ram que eu não podia jogar com a canhoto com roupa de destro. O que se viu foram vários atletas de diversos países procurando uma roupa de canhoto para me emprestar. Um venezuelano disse para eu colocar a roupa do avesso o que faria a proteção ficar do lado do canhoto e assim o arbitro permitiu que eu continuasse.

Ainda consegui fazer mais um ponto no argentino e levei uns quatro. Daí, tentei fazer um movimento mais aberto e o ombro canhoto também luxou. Então, nada mais pude fazer do que desistir, porque para lutar com a boca tinha de ficar sem máscara e daí não dava, né?

No final a organização me deu um dos mais importantes troféus, o do atleta que melhor demonstrou que o importante é competir. (mas eu queira era ganhar!!)

LP: Qual o melhor sentimento que a esgrima te trouxe?

PM: Superação, sem dúvida.

Por todas essas dificuldades que comentei, o de não ter um mestre de sabre por muitos anos; o de ser um dos primeiros atletas do Brasil a ir treinar sozinho na Itália sem apoio da confederação; o de não ter companheiros fortes para treinar no meu clube; de não ser um grande atleta fisicamente; de operar o ombro ter conseguido voltar a competir em alto nível e em pouquíssimo tempo; o de fazer sabre no Brasil em uma época que essa arma era totalmente desconsiderada pela CBE, o sentimento que tenho sobre a esgrima é o de superação.

LP: Qual o momento inesquecível que vc teve com a esgrima?

PM: Com a esgrima tive vários momentos inesquecíveis: o primeiro pódio internacional no sul-americano de Buenos Aires

em 1985. Participar da cerimônia de abertura do Pan de Havana em 1991, entre outras. Conhecer tantos atletas que eu via na televisão nesse pan-americano e poder conversar com eles na mesa também foi algo que nunca vou esquecer.

Mas um que aconteceu por causa da esgrima.

Quando fui treinar na Itália em 1987, fui para ficar 3 meses em Roma, sem conhecer ninguém na cidade e a única referência era um primo do mestre Buonafina.

Quando cheguei no aeroporto, as minhas malas e o saco de armas tinham ficado na conexão da Espanha e deveriam chegar no dia seguinte. Mas não havia certeza.

Só tinha o dinheiro e a roupa do corpo. Peguei o ônibus para o centro de Roma e começou a me abater um certo desespero por conta de todas as incertezas do começo da viagem e me senti um pouco deprimido.

Quando o ônibus entrou na cidade e comeci a ver algumas das maravilhas que conhecia apenas em livros de história e me dei conta de onde estava. Daí, o ônibus fez uma curva e dei de cara com o Coliseu. Foi uma das visões mais emocionantes da minha vida e que me deu muita força porque sabia que a esgrima é que tinha me propiciado esse momento. (e o meus pais, é claro!)

LP: Qual o ponto alto da sua carreira de esgrimista?

PM: Eu considero que a minha participação na Universiade de Duisburg em 1989 o meu ponto alto, porque eu tinha ficado dois verões seguidos na Itália treinando (inverno europeu) e tinha pulado de patamar no Brasil em termos de resultados nas competições.

Disputei a competição individual e passei na pule com 3 vitórias e duas derrotas e perdi na primeira eliminatória para um



jovem soviético por dois pontos e terminei em 32º lugar de mais de 70 atletas.

Durante a competição, vários atletas da Itália vieram conversar comigo sobre os treinos e se iria voltar a treinar em Roma. Entre eles, TONHI TERENCE, medalhista olímpico e que eu havia conhecido nos treinos de Roma. Me senti parte de um grupo importante da esgrima.

LP: Houve uma época em que o Sabre Elétrico no Brasil, dependia de um único aparelho, vc tem alguma história engraçada sobre isso?

PM: A confederação brasileira tinha homologado um aparelho de esgrima e isso deu esperança aos sabristas que iríamos começar a jogar todas as competições e treinos com esse aparelho.

Acho que foi no treino para o sul-americano de 1990 de Lima ou do Pan de Cuba que fazíamos em São Paulo, que o Cramer disse que não tinha trazido nenhum aparelho de sabre elétrico. Perguntamos se alguém podia ir buscar no Rio e ele disse que não tinha ninguém para fazer isso. Daí falei para o Trois e pro Menalda que eu estava disposto a ir até o Rio buscar o aparelho e eles toparam ir junto comigo.

Os treinos eram de tarde e saímos cedo de manhã para o Rio de Janeiro.

Naquela época não tinha radar na estrada e precisávamos voltar para o treino da tarde, porque o Cramer não queria que ninguém faltasse.

Eu tinha um gol cinza na época eu acho que fui a uns 150 km/h porque o Trois e o Menalda ficaram mudos e de olhos esbugalhados o tempo todo, na ida e na volta. Fizemos a viagem em menos de 8 horas.

Quando chegamos, acho que os gaúchos tinham se borrado e o Trois falava pra todo mundo: "ninguém passou a gente a viagem toda!!" Com os olhos ainda saltados.

LP: Na época em que vc jogava quais os apoios que vc recebia?

PM: Além da minha família que tinha condições de me bancar na época, o Clube Pinheiros teve um papel fundamental em vários torneios que eu tinha ranking para participar, mas a CBE não tinha interesse de mandar uma equipe de sabre.

LP: Vc foi introduzido na Esgrima pelo Dr. Volinto?

PM: Hahaha!! Como disse o grande Moreira da Silva "passei no teste da farinha, sentei e estava tudo bem"

LP: Quem foram seus grandes adversários e companheiros de



competição?

PM: Foram fases. No início, quando ainda não participava de competições nacionais e era juvenil, a turma de sabre o Paulistano, com o lamandu Gutierrez, o Sebastião Rangel e o "Papis" Iglesias.

Depois, vieram as competições nacionais e comecei a enfrentar a "armada" gaúcha, com Trois, Menalda, Joca, entre outros.

Internacionalmente vieram os argentinos, com Lucas Saucedo, Rovit, e Venezuelanos como Bravo e Tesorero.

Como companheiros tive o privilégio de jogar na equipe juvenil por dois anos seguidos com o Paulo Teixeira, Wander Nunes e Oswaldo Monteiro. Mas as O Ricardo Menalda e o Regis Trois foram grandes companheiros de competições. Tanto como equipe adulta, bem como nas saídas noturnas, Hahaha!

LP: Vc teve um grande adversário com quem vc gostava mto de jogar, independente da vitória ou derrota?

Para mim o mais difícil de vencer e que me deu grande prazer quando aconteceu foi o Ricardo Menalda, que, além de grande atleta na época, era muito inteligente. Então, quando comecei a ter algumas vitórias, percebi que realmente tinha passado para novo patamar.

LP: Nos diga o que vc sentia quando era vitorioso e quando era derrotado?

PM: A minha esgrima não era intuitiva, por tudo que relatei. Cada vitória tinha sido pensada e planejada para acontecer. As vitórias significavam um trabalho bem feito, já que significava que as estratégias tinham se encaixado. As derrotas significavam uma pedra que deveria ser transposta.

Algumas derrotas doeram mais pois foram em momentos de desconcentração por fatores externos e isso eu não podia controlar, o que me dava a sensação de ter perdido uma oportunidade de aprender algo. Como a derrota no pan que me fez ficar fora da final, apesar de ter me preparado fisicamente como nunca tinha estado. Mas, problemas de relacionamento da equipe causado por divergências de instruções da confederação me tiraram a concentração e perdi totalmente minha capacidade de me competir.

LP: Depois que vc parou com a esgrima, vc sentiu que as entidades, Confederação, Federação, Clubes impuseram um sentimento de esquecimento, de esquecer a sua história no esporte e de outros atletas que praticaram o esporte?

PM: Não tem dúvida disso. Nunca me senti um ídolo e nem acho que fiz coisas muito importantes, mas outros atletas antes de mim e mesmo contemporâneos eu sinto que nunca tiveram reconhecimento pelos dirigentes, como Chico Buonafina entre outros.



Na Itália os ex-atletas são convidados constantemente para serem árbitros ou dirigentes dentro da federação para se manterem em evidência e serem exemplos para os mais novos.

Agora com o Esgrimaster isso pode mudar. É um projeto muito interessante e que deveria ser melhor aproveitado pela confederação e federações para fomentar a esgrima.

LP: A esgrima no Brasil tem memória, ela se lembra dos atletas que construíram e estruturaram o esporte?

PM: Não, muito pouco mesmo.

Os atletas têm mais.

Me lembro de quando teve o Pan-Americanos do Rio em 2007, o Alessandro Di Agostino, técnico de sabre Italiano veio ao Brasil porque era o técnico do Renzo Agresta. Eu o conheço desde o tempo que treinei com ele em Roma.

Daí, alguns ex-esgrimistas, marcamos de comer uma pizza no Pinheiros.

Quando cheguei no clube, fiquei na sala esperando o pessoal terminar de treinar e estavam o Paulo Teixeira, você (Lafaiete), o Marcos Cardoso, o Roberto Capellano, o próprio Alessandro e o Renzo, entre outros.

Alguns atletas jovens estavam treinando e vieram cumprimentar os seus técnicos que estavam sentados conosco. Daí, um deles me estendeu a mão por educação e eu disse, "prazer Pablo". Ele me disse, "Pablo?, Pablo Mangiaterra?". "Sim", "Você me conhece?" e ele disse algo que me deixou muito feliz: "Não, mas já ouvi muitas histórias tuas".

Achei muito legal isso.

LP: Este sentimento de esquecimento ou não traz sentimento de alegria ou tristeza?

Como disse, tristeza. Não porque me sinto uma figura importante. Mas acho que nenhum esporte se desenvolve sem memória. E isso é uma das minhas maiores frustrações.

O tênis teve vários campeões. Veja o Guga. Foi um dos maiores atletas da história mundial e do Brasil, logicamente. Mesmo assim, por pouco uso da imagem de forma correta pela confederação, o tênis pouco se desenvolveu no Brasil.

LP: Jogar esgrima, competir, te prepara para a vida?

PM: Esta é uma pergunta um pouco complicada. Acho que isso é algo muito individual. Depende do técnico que você tem. E principalmente dos seus pais.

Assim como você, Lafaiete, eu tive pais que me apoiaram, mas nunca passaram a mão na minha cabeça. Nunca justificaram uma derrota minha dizendo que eu tinha sido prejudicado, ou algo parecido. Sempre buscaram me mostrar o que eu podia fazer melhor e o que eu devia fazer diferente.

No começo da minha carreira eu era um atleta muito chato. Por autodefesa de ter pouco apoio nas competições, reclamava de tudo e de todos. A culpa das derrotas nunca era minha.

Lembro que um dia meu pai me disse: "Se você vai ficar justificando para os outros a derrota, você não vai aprender nada com elas". "Então é melhor você parar a esgrima, porque você não vai chegar a lugar nenhum".

Daí eu percebi que ninguém ia me ajudar a fazer algo importante se eu não lutasse contra essa paranoia de perseguição. Daí em diante, eu deslanchei e eu busco fazer isso até hoje nas adversidades que se apresentaram na minha vida.



A esgrima é um esporte individual. O seu maior adversário é a desculpa. Ela pode ser incentivada pelo Mestre ou pelos pais porque é mais fácil isso do que se esforçar mais.

Se o atleta não conseguir vencer esse adversário, ele vai fazer isso para o resto de sua vida.

LP: O que vc diria para as gerações de esgrimistas que vem por aí?

PM: Tenha objetivos e planeje cada passo.

Alguns vão chegar mais rápido no topo, outros podem demorar mais, mas se o atleta não sabe onde quer chegar, qualquer conquista não será comemorada, pois não saberá que foi uma vitória.

Cada objetivo vale. Pequeno ou grande, não importa. Dar um toque em um adversário que parece intocável, desde que planejado deve ser tão comemorado quanto participar de uma competição importante.

Bem no começo de minha vida de sabrista havia um atleta chamado Tarik Sarhan. Ele era muito engraçado, mas não era bom sabrista. Mais um da escola do: não é bom floretista ou espadista, vai jogar sabre.

Mas ele já competia no sabre há mais tempo do que eu. Nos treinos ele fazia questão de ganhar de mim. Coloquei como um dos meus primeiros objetivos vencer ele.

Daí, nos treinos comecei a ficar cada vez mais próximos da vitória.

Um dia ele me disse que se eu ganhasse dele tendo começado o sabre há pouco tempo, ele pararia a esgrima. Obviamente esse desafio se tornou uma meta que não tardou a acontecer.

Claro que ele não parou a esgrima por isso. Mas me serviu para focar em um objetivo. ◀

ALGUNS VÃO CHEGAR MAIS RÁPIDO NO TOPO, OUTROS PODEM DEMORAR MAIS!



Ações inesquecíveis



Marcando e mudando História da Esgrima em Minas Gerais

Tendo recebido o gentil convite para falar sobre a história da esgrima em Minas Gerais, vou me permitir focar sobretudo nos acontecimentos de Belo Horizonte, sem destinar às iniciativas em outras cidades o espaço merecido e dentro dos limites do meu conhecimento. Peço desculpas antecipadas.

O relato a partir da década de 1980 serve como exemplo para as dificuldades inerentes à implantação da esgrima em localidades onde não há qualquer estrutura prévia, assim como nenhuma demanda espontânea de clubes e outras entidades. Talvez seja desafio semelhante àquele que apaixonados por todo o Brasil enfrentaram e enfrentarão em novos estados, cidades ou clubes. Não faz parte de nossas tradições qualquer política de acolhimento dessas iniciativas precursoras. E nosso caso era particularmente desfavorável, pois na maior parte dos primeiros tempos sequer contávamos com o apoio de mestres d'armas ou de profissionais de Educação Física. Sobrevivíamos do voluntarismo amador e apaixonado.

Muitos detalhes serão omitidos, mas um pequeno cuidado será destinado aos personagens que, no decorrer da narrativa, retornam anos depois com novos papéis e associações. Pois a polivalência é nossa essência e ter presenciado todas essas maravilhas é prerrogativa de quem teve continuidade.

Essa não foi a primeira sala d'armas em Belo Horizonte, mas sabemos que no início da década de 1940 havia uma esgrima bem organizada no Minas Tênis Clube, sob a direção do mestre Berzelius Veloso Figueira, que trabalhava as três armas. A conexão com o meio militar era forte, pois esse mestre era major e comandante do CPOR. Tinha uma personalidade envolvente que arrebanhava os alunos que se destacavam nas aulas de esgrima e baioneta para se desenvolverem no clube. José Israel Vargas, eminente cientista e ministro da Ciência e Tecnologia de 1992 a 1999, pertenceu a esse grupo. Almir Wildhagen Figueira mais tarde se tornaria professor do curso de Educação Física da UFMG e, até a década de 1970, providenciou para que

a esgrima fosse ensinada em disciplinas regulares. Como consequência tardia desse esforço, em 1997 foi iniciado um curso de extensão de esgrima, aproveitando justamente o equipamento adquirido no tempo desse professor, após ter passado mais de duas décadas guardado em uma grande caixa no depósito.

Não se sabe ao certo o quanto Belo Horizonte na década de 1940 conseguia se integrar ao universo da esgrima civil brasileira. Mas há registro que os praticantes mais eufóricos chegaram a esboçar uma Federação Mineira de Esgrima, que infelizmente não se concretizou. Após o encerramento do grupo do MTC a esgrima permaneceu limitada a iniciativas pontuais nos ambientes acadêmico e militar.



MINAS TÊNIS CLUBE, INÍCIO DA DÉCADA DE 1940.



EM 1981 A ESGRIMA EM BELO

Horizonte se reativou com a chegada de um professor que havia sido atleta do Fluminense, onde teve aulas com Jorge Moreno. Uma pessoa de carisma marcante, que mais tarde fez carreira como desenhista e escritor sob o nome de Max Velati, e que retornará à história da esgrima mineira em vários outros momentos. Aí se iniciava um período de duas décadas de esgrima implantada sobretudo em academias de ginástica e musculação, mas em alguns momentos sobrevivendo em treinos de quintal.



OBS. TENENTE BAZUCHI É O ÚLTIMO EM PÉ A DIREITA, CARLOS MOREIRA É O PRIMEIRO SENTADO DA ESQUERDA PARA A DIREITA, EVANDRO OLIVEIRA É O QUINTO SENTADO DA ESQUERDA PARA A DIREITA.

A INTRODUÇÃO DA ESPADA EM

BH começou em 1995, com meu retorno de um período em que treinei na sala d'armas da Universidade de Princeton com o mestre Michel Sebastiani. E com a ajuda voluntária de José Andretta, espadista de destaque da Sogipa e pertencente a uma família tradicional da esgrima gaúcha. Uma noite, antes do treino, nos chegou aquele cavalheiro bem vestido, possivelmente saído de uma reunião de negócios. Se apresentou dizendo que havia feito parte da equipe nacional de espada por oito anos. Lembro que olhei

Foi uma fase marcada pelo idealismo, mas também por sérias limitações de equipamento e pouca integração com o cenário nacional. Os professores que se sucediam tinham atividades profissionais em outras áreas e motivação derivada exclusivamente do apego ao esporte. As mensalidades pagas pelos alunos cobriam somente o aluguel do espaço e a compra de equipamento. Quase todos dependiam de uniformes feitos por costureiras amadoras na esgrima, às vezes a avó de alguém, frequentemente mal reforçados e com detalhes estranhos a

nosso esporte. Jogava-se florete mudo por ser a arma tradicional para iniciação e por ter arbitragem mais viável na falta de equipamento de sinalização automática.

Nesse período inicial, deram aulas o precursor Max Velati, que tinha foco na esgrima clássica, Alonso Fernandes, eu próprio, o mestre d'armas Vítor Bazuchi, José Andretta, Ricardo Martins, Gérson Schmidt e Leonardo Portes. Em 1986 o tenente Bazuchi era egresso do bom curso de mestre d'armas da EsEFEx. Chegou a solicitar à Confederação Brasileira de Esgrima permissão para levar seu grupo para as provas nacionais das categorias livre e juvenil. Mas a iniciativa não foi acolhida pela confederação. Seria possível, mas com o pagamento de valores proibitivos. As oportunidades para disputar competições surgiam sobretudo no âmbito militar, dado que o tenente Bazuchi estabeleceu uma iniciação no Colégio Militar de Belo Horizonte, além de apoiar o grupo civil mais experiente. Em outubro de 1987, equipes civil e militar de BH participaram de uma prova de florete no Colégio Militar de Brasília. Uma curiosidade foi a participação, jogando pelo CMB, do futuro mestre d'armas Evandro Oliveira, ainda adolescente.

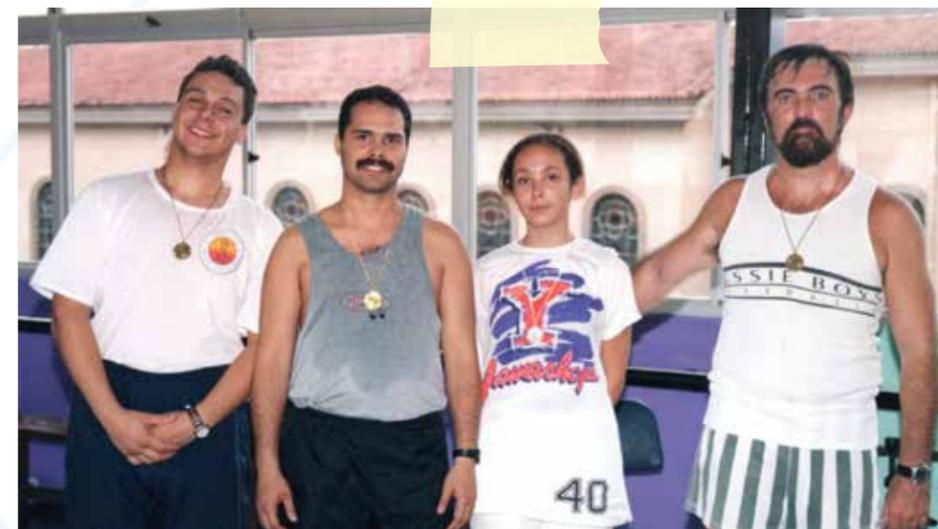
COLÉGIO MILITAR DE BRASÍLIA, 25/10/1987

pensativo para seu rosto barbudo e respondi – “Bom, nesse caso acho que não temos muito para te ensinar...” – ao que ele respondeu de imediato – “Mas eu vim para ajudar!”. E como ajudou!

Na mesma época, em Juiz de Fora, o professor cubano Luis Bretones construiu um grupo que participava de provas no Rio de Janeiro, com pretensões de integração ao cenário nacional. Logo surgiu uma parceria entre nós de BH e o Florespa, nome escolhido pelo cubano com referência às armas que ensinava. Organizamos várias provas e sessões de

I POR CARLOS MOREIRA

treinamento em ambas as cidades. Eventualmente esse professor decidiu emigrar para Miami, onde hoje tem sua própria sala d'armas com o mesmo nome da edição brasileira. A experiência em Juiz de Fora incluiu também incursões no universo da esgrima adaptada, então praticamente inexistente no Brasil. Bretones preparou um atleta para o Campeonato Mundial de Esgrima em Cadeira de Rodas de Euskirchen de 1998 e realizou uma tentativa pioneira de implantação de esgrima para cegos. Um dos adolescentes mais promissores do Florespa, Kleber Castro, quase duas décadas mais tarde retornaria ao esporte para se tornar professor do grupo de esgrima adaptada do Barroca Tênis Clube.



TORNEIO BH-JF, BELO HORIZONTE 08/12/1996

OBS. DA ESQUERDA PARA A DIREITA: RODRIGO MEDEIROS, LUIS BRETONES, MARINA E JOSÉ ANDRETTA.

A TÃO AGUARDADA INSERÇÃO

no circuito nacional só aconteceu em 1997, quando o grupo de BH contou com o gentil convite da saudosa Dona Amélia para jogar as provas nacionais e estaduais pelo Vasco da Gama. Foi um passo difícil, mas em breve os atletas de BH jogando pelo Vasco já eram mais numerosos que os do Rio de Janeiro. O primeiro resultado de alguma expressão aconteceu em outubro daquele ano, com uma entrada nas quartas-de-final da prova de espada masculina do Torneio Nacional Cidade de São Paulo. Um ano depois nossos atletas Athos Guedes e Flávio Veloso seriam os primeiros a fazer estágios de treinamento no exterior. Treinaram na Inglaterra e na França e disputaram várias provas FIE na Europa.

Em 1998 os mineiros passaram a competir pelo Club Atlético Paulistano, aproveitando a acolhida do mestre Régis Trois e buscando ter acesso também ao calendário de provas estaduais de São Paulo. Por essa entidade competimos até

2001. Ao todo foram cinco anos sendo inscritos na CBE por entidades de outros estados, que nos receberam com a mais absoluta generosidade. No Brasil daquela época não havia a possibilidade de atletas se filiarem individualmente à Confederação Brasileira de Esgrima, ainda que isso fosse possível em alguns países, ou de atletas disputarem determinada prova nacional como avulso, tal como se tornou possível poucos anos atrás. Devido a isso, depois que começamos a ter nossas próprias entidades vinculadas à CBE, criamos a tradição de acolher atletas que, por diferentes motivos, precisavam de um clube para participar de competições nacionais ou internacionais. Dezenas de atletas se beneficiaram dessa política.

Em seus primeiros anos no circuito nacional, os atletas de BH treinavam e competiam em florete e espada. Mas os melhores resultados sempre eram na espada. A esgrima nacional já contava com uma geração nova de mestres sintoniza-

dos com as evoluções recentes do florete. Ao passo que em BH as referências técnicas e estratégicas ainda eram das décadas anteriores, sem que houvesse mestres e atletas que pudessem auxiliar na atualização. A preferência por golpes lançados e sobretudo a reinterpretação das regras de prioridade eram uma realidade que nos causava estranheza. Além disso, na época a espada oferecia um cenário muito mais rico de provas estaduais e amistosas em São Paulo, Brasília e nas instituições militares, o que era essencial para uma evolução gradativa. É dessa época o início de uma longa interlocução com a EPCAr de Barbacena e com o Pentatlo Aeronáutico. Dessa forma, o grupo foi progressivamente se afastando do florete e privilegiando a espada.

I Torneio Mineiro de Esgrima



*“A elegância do Balé,
a estratégia do Xadrez,
A agressividade das
artes marciais”*

Apoio:
• Confederação Brasileira de Esgrima
• Clube dos Subtenentes e Sargentos do Exército de Belo Horizonte
• EPCAR - Barbacena
• Universidade Federal de Minas Gerais

Patrocínio:



Master Society



AFS



SAMP

BANNER DO I TORNEIO MINEIRO DE ESGRIMA
27/11/1999.

EM 1999 FOI REALIZADO O PRIMEIRO

Torneio Mineiro de Esgrima. Era para ser o campeonato mineiro, mas uma consulta à CBE resultou na indicação da mudança de nome, pois não havia uma federação estadual para promover um “campeonato”. Demos de ombros e decidimos que uma das primeiras medidas implementadas por uma futura federação seria o reconhecimento dos TME como equivalentes a campeonatos estaduais. Esse evento vem sendo realizado ininterruptamente nos segundos semestres de cada ano desde então, com 18 edições em Belo Horizonte, duas em Ouro Preto e uma em Montes Claros. Em 2003 começamos as Taças Belo Horizonte de Esgrima, sempre realizadas nos primeiros semestres. Mais adiante também os Torneios Início, Torneios Encerramento, Torneios de Inverno, etc. Assim como as provas regularmente organizadas pela EPCAR em Barbacena. Até chegarmos aos calendários estaduais recentes, com cerca de oito provas anuais, inclusive para as categorias infantis e de base. Grande parte dos resultados, inclusive com ferramentas para a pesquisa por atleta e para a geração de estatísticas, estão disponíveis na Enciclopédia da Esgrima Mineira, organizada e disponibilizada por Evandro Paradela no endereço <http://www.esgrimamg.com.br/repositorio/>

A primeira sala voltada exclusivamente para a esgrima fundada em BH em tempos modernos foi a Rapier, Arte & Ciência da Esgrima. Uma sociedade que previa atuação nas esgrimas esportiva, clássica e cenográfica. Lá foi organizado nosso primeiro estágio internacional, com a visita do mestre francês Jean-David Poquet, radicado na Guiana Francesa e formador de grandes atletas, particularmente o multicampeão Ulrich Robeiri. O mestre Poquet gostou da cidade e quis se mudar para Belo Horizonte. Chegamos a visitar alguns dos melhores colégios levando um projeto voltado para as categorias de base. Mas encontramos a dura realidade de que o potencial de formação de atletas de alto rendimento não seduzia essas instituições. Algumas até com interesse declarado por esportes competitivos, mas na prática focando somente nas provas do âmbito escolar.

| POR CARLOS MOREIRA



SALA DA RAPIER EM 20/01/2001.
OBS. À ESQUERDA JEAN-DAVID POQUET, À DIREITA ATHOS GUEDES.

A experiência da Rapier foi esportivamente engrandecedora, mas o aluguel ficou pesado. Assim, em 2002 os esgrimistas se transferiram para o salão de festas do Clube Recreativo Mineiro, que se tornou a primeira entidade mineira inscrita na CBE. Permitindo assim que os atletas de BH finalmente pudessem competir por sua própria entidade.

Porém, o vício de dispor de um espaço exclusivo para a esgrima, com pistas marcadas e aparelhagem de sinalização não abandonou o grupo. Já no ano seguinte foi fundada a Cavaleiro Negro por Leonardo Portes, que em 2004 se mudou para um endereço mais central sob o nome de Escola Mineira de Esgrima, onde pela primeira vez foram montadas turmas infantis. Nesse ano começaram a aparecer as primeiras medalhas nacionais na categoria livre individual. Angélica Melo, que havia se iniciado na esgrima apenas quatro anos antes na Rapier, foi a campeã brasileira de espada tendo Leonardo como treinador. Eu próprio obtive meu melhor resultado nacional com a medalha de bronze nessa mesma competição. Infelizmente Angélica abandonou as competições pouco tempo depois para priorizar seu mestrado em Física. Em 2006 Joaquim Murta foi nosso primeiro campeão brasileiro na categoria cadete.



CARLOS MOREIRA NO CLUBE RECREATIVO
MINEIRO EM 2002.

O GRUPO JÁ ESTAVA CONSOLIDADO E

começando a induzir experiências análogas em outros locais. Por volta de 2005 o atleta Rodrigo Medeiros, que havia aprendido esgrima em BH, estabeleceu o grupo Zambra em sua cidade de origem, Montes Claros. Nessa cidade foi o responsável pela organização do VII Torneio Mineiro de Esgrima, com finais em um shopping center.

O salão de festas do Barroca Tênis Clube teve sua glória, até que um dia foi interditado em decorrência das reclamações da vizinhança contra o barulho. Permaneceu fechado até fins de 2006, quando começou a se tornar a nova casa da esgrima de BH, sob a direção do mestre César Leiria, recém aposentado da Aeronáutica. Era útil carregar o nome de um clube tradicional, ainda que a esgrima continuasse sendo uma iniciativa autoral. O clube apenas nos cobraria aluguel mais barato do que os valores de mercado e forneceria uma entidade para fins de vinculação à CBE. Até mesmo a profunda reforma necessária para converter o salão de festas degradado em uma sala d'armas foi feita pelas mãos dos esgrimistas. Com o espaço recebendo toda uma coleção de dispositivos e implementos que normalmente seriam fabricados pelos melhores fornecedores internacionais, mas que em nosso caso foram cuidadosamente desenhados e construídos pelo mestre Leiria: três conjuntos de torres de repetição, braço mecânico, alvos fixos e móveis, racks para armas e máscaras, etc. Alguns anos depois, a sala de esgrima foi ampliada até atingir sua configuração atual, com sete pistas de um metro de largura, quatro delas eletrificadas, zona para aquecimento, armeria, vestiário, escritório e depósito, com área delimitada de 411 metros quadrados.

A vinda do mestre Leiria também provocou uma ampla redefinição de nossos protocolos de treinamento, com a adoção do Sistema de Brasões com apostilas editadas pelo próprio mestre e com o envio antecipado dos famosos QTS, Quadro de Trabalho Semanal.

ANGÉLICA MELO, CAMPEÃ BRASILEIRA DE
ESPADA EM 2004.
FONTE: ATHOS GUEDES.



1 | POR CARLOS MOREIRA

EM 2007 O CIRCUITO

nacional contou com a participação de duas entidades mineiras: BTC e EME. A segunda, ainda sob o comando de Leonardo Portes.

Nossa segunda atleta a vencer um nacional de espada na categoria livre foi Bianca Dantas, em Porto Alegre, 31 de agosto de 2008. No ano seguinte, Bianca foi medalhista de bronze sul-americana individual, dando partida em uma bela carreira na qual acumulou medalhas nacionais e continentais, tendo sido a primeira atleta de BH a percorrer todo o circuito da FIE e com participação em mais de 30 eventos internacionais.



MEDALHISTAS DE ESPADA NO CAMPEONATO SUL-AMERICANO,
MEDELLÍN 29/10/2009.

OBS. DA ESQUERDA PARA A DIREITA: CAMILA RODRIGUES,
ANGELA ESPINOZA, NATALIA LOZANO, BIANCA DANTAS.

FONTE: FOTO OFICIAL DO EVENTO.



ENTREGA DE BRASÕES PELO MESTRE LEIRIA EM 04/11/2007

OBS. MESTRE LEIRIA ENTREGA OS BRASÕES PARA CARLOS
MOREIRA E LEANDRO SOARES. FONTE: BIANCA DANTAS.

PARALELAMENTE A SUA carreira com atleta, Bianca também foi iniciada como monitora e instrutora de esgrima pelo mestre Leiria. Até então, o grupo era formado sobretudo por atletas adultos, sem turmas infantis. Por isso contava com pouquíssimos atletas nas categorias de base. Coube à Bianca implantar a primeira turma infantil do BTC e dela se ocupar até fins de 2013.

O Torneio Nacional Cidade de Belo Horizonte de 2010 foi a primeira prova da CBE realizada em Belo Horizonte. Sediar competições nacionais era uma das propostas mais ambiciosas do mestre Leiria. Desde então, Belo Horizonte já recebeu 12 provas nacionais de todas as categorias, valendo menção ainda o

Torneio Nacional Cidade de Barbacena de 2014, organizado pelo Coronel Newton Centurião na EPCAR.

Ao final de 2010 o mestre Leiria decidiu se aposentar em definitivo e daí se seguiu um período em que o BTC se sustentou na parceria entre Bianca Dantas, Evandro Paradela e eu próprio para a continuação das atividades de formação e desenvolvimento. Mesmo assim, continuou havendo progressos e a evolução destacada dos atletas mais engajados. Em abril de 2011, Fabiano Avellar e o atleta paulistano Luiz Petrachi, que na época treinava temporariamente no BTC, fizeram uma disputada final do Torneio Nacional Cidade do Rio de Janeiro, com vitória para o atleta do CAP.

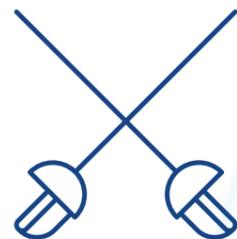
É desse período a construção do grupo de esgrima em cadeira de rodas, que contou com o voluntariado do educador físico Kleber Castro e foi iniciado com um grupo de atletas cadeirantes indicados pelo programa Superar da Prefeitura de Belo Horizonte. Desde então, a esgrima em cadeira de rodas tem sido o projeto social de excelência da Esgrima BTC, com treinamento gratuito e empréstimo de equipamento. Os conjuntos de fixadores foram cedidos em comodato pelo CPB e, desde o início, o grupo se voltou para as competições, com medalhistas nacionais e participações internacionais em todas as categorias e armas: Marcos Melo, André Vasconcelos, Márcio Soares, Elias Oliveira.



AULA INAUGURAL DA ESGRIMA EM CADEIRA DE RODAS EM 14/02/2011

OBS. EM PÉ, DA ESQUERDA PARA A DIREITA, KLEBER CASTRO, EVANDRO PARADELA E CARLOS MOREIRA. SENTADOS, DA ESQUERDA PARA A DIREITA, GUSTAVO REIS, MARCOS MELO, MÁRCIO SOARES, GUSTAVO PEREIRA E DOIS ATLETAS NÃO IDENTIFICADOS.

FONTE: BIANCA DANTAS.



EM 2012 O MESTRE MILITAR

Tiago França assumiu o treinamento de jovens e adultos, função que ocupou até outubro de 2013, com Bianca permanecendo a cargo da formação infantil. Apesar de ter sido atleta militar de florete e de ter elaborado uma monografia sobre o treinamento dessa arma, o mestre França optou por trabalhar apenas a espada em seu tempo no BTC, pois sabia que a carreira militar eventualmente o levaria para outros destinos. Ao final de 2013, o mestre Eduardo Romão, nosso Dudu, após uma vitoriosa carreira no CAP, decidiu aceitar um antigo convite e se mudou para Belo Horizonte para assumir todos os encargos técnicos do BTC.

Iniciou-se uma época de muita força na espada feminina de Belo Horizonte, com Marina Tello e posteriormente Clara Amaral fazendo companhia à Bianca nos pódios nacionais e com o grupo atraindo atletas formadas fora de Belo Horizonte, mas que buscavam um ambiente de qualidade para treinar, como foi o caso de Cleia Guilhon e Marcela Silva. Com destaque também o papel vitorioso desempenhado por Clédola Cássia Tello, tanto nas provas de veteranos quanto nas provas nacionais livres por equipes, nas quais Minas Gerais conquistou medalhas em sequência.

| POR CARLOS MOREIRA



EQUIPE CAMPEÃO BRASILEIRA DE ESPADA FEMININA, SÃO PAULO 26/11/2018

OBS. DA ESQUERDA PARA A DIREITA: MARINA TELLO, BIANCA DANTAS, CLÉDOLA TELLO. NO COLO: CLARA AMARAL.

DESTAQUE TAMBÉM PARA

o desempenho dos atletas das categorias de base iniciados no período de 2011 a 2013 e que, sob o mestre Dudu, se destacaram e medalharam nas provas infantis, pré-cadetes, cadetes e juvenis: Valter Lôbo, os irmãos Álvaro e Olavo Donato, Tarcísio Mendes, Miguel Giffoni, André Reale e Clara Amaral. Clara foi vice-campeã em seu primeiro torneio nacional da categoria livre, disputado em abril de 2018 em São Paulo, quando tinha 14 anos de idade. Todos esses atletas tiveram várias participações e medalhas em provas internacionais. Álvaro

Donato obteve a segunda colocação na Copa do Mundo Juvenil de San Salvador em 2019, sendo nosso primeiro medalhista em eventos FIE mundiais.

Eduardo Romão, auxiliado por sua filha, a educadora física Ana Paula Bindi, introduziu os treinamentos de florete e sabre no BTC, com o florete associado à espada na formação infantil e o sabre apresentado para uma turma motivada de jovens e adultos. Os expoentes da nova geração, todos atualmente na categoria Infantil 13 anos, são Vitória Macedo, Bernardo Homsí, Eduardo Viana e Igor Seixlack.

ATLETAS DO BTC NO TORNEIO
MÁRIO QUEIROZ, BELO HORIZONTE
10/05/2015

OBS. DA ESQUERDA PARA A
DIREITA: TARCÍSIO MENDES, ÁLVARO
DONATO, MIGUEL GIFFONI, ANDRÉ
REALE E OLAVO DONATO.

FONTE: BIANCA DANTAS



DUDU E ATLETAS INFANTIS NO BTC,
11/03/2018

OBS. NA FRENTE, DA ESQUERDA
PARA A DIREITA: IGOR SEIXLACK,
BERNARDO HOMSI, EDUARDO VIA-
NA, VALTER LÔBO, RAFAEL GOMES.
ATRÁS: MESTRE EDUARDO ROMÃO.

FONTE: BIANCA DANTAS



 | POR CARLOS MOREIRA

FESTIVAL INFANTIL MESTRE BUONA-
FINA, PORTO ALEGRE 18/08/2018

OBS. DA ESQUERDA PARA A DIREITA:
VITÓRIA MACEDO, EDUARDO ROMÃO
E PATRÍCIA MACEDO. VITÓRIA FOI
MEDALHISTA DE BRONZE NA PROVA
DE ESPADA 11 ANOS.



NESSA NOVA FASE, Belo Horizonte também se tornou um polo formador de árbitros e técnicos. Foi oferecido o Curso de Formação de Técnico de Esgrima Nível I pelo Instituto Brasileiro de Esgrima em seis finais de semana de 2019. Iniciativa similar foi promovida pelo mestre Leiria em 2010, com carga horária bem menor em apenas um final de semana, mas que atraiu interessados de todo o Brasil. A expectativa é que dessas iniciativas possam se constituir novos grupos de treinamento em Belo Horizonte, o que contribuirá para a consolidação de um ambiente propício para o desenvolvimento do nosso esporte e até para a eventual fundação de uma federação estadual, objetivo em pauta desde a década de 1940.

Os primeiros sinais dessa nova fase já aparecem com um novo impulso para a esgrima do Colégio Militar de BH, sob o comando de Bianca Dantas, agora em processo de formação como educadora física. Novembro de 2019 trouxe a reinauguração da Rapiér, igualmente por iniciativa da Bianca. Por coincidência, ocupando o mesmo espaço usado pelos esgrimistas de BH entre 1996 e 1997.

NESSES 40 ANOS da história moderna da esgrima de Belo Horizonte, nossa estimativa é que cerca de 800 atletas tenham sido iniciados e mais de 300 tenham participado de provas estaduais. Aos poucos, os degraus foram galgados e as conquistas obtidas, não apenas na forma de troféus, mas na criação de um ambiente esportivo rico, que marcou e mudou a vida daqueles que a ele se integraram como atletas, treinadores, pais e amigos. ◀





1 – Quem é Ricardo Machado? Nos fale um pouco do Sr.?

Meu pai, já falecido, era militar do Exército Brasileiro. Em razão disso, durante a minha infância e adolescência, residi com minha família em Porto Alegre, onde nasci, mas também em Minas Gerais durante 8 anos, nas cidades de São João Del Rey e Barbacena e na cidade do Rio de Janeiro durante 6 anos. Meus pais, antes de retornarem de forma definitiva para o Rio Grande do Sul, ainda residiram em Brasília, mas eu já não mais morava com eles, pois iniciei meus estudos universitários em Porto Alegre. A Educação Física foi o meu primeiro curso superior, formando-me na Faculdade denominada Instituto Porto Alegre - IPA. Logo em seguida retornei ao Rio de Janeiro para ser aluno do Curso de Mestre D'Armas da Escola de Educação Física do Exército – EsEFEx. Já formado como Mestre D'Armas, retornei a Porto Alegre e prestei novo vestibular para a Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. A partir da minha formatura em Direito, especializei-me em "Direito Empresarial" e passei a exercer de forma simultânea algumas atividades do meio esportivo, como profissional da Educação Física (Mestre D'Armas e preparador Físico) e, ao mesmo tempo, iniciei minha trajetória como advogado, atividade esta que exerço desde então. Durante um largo

período, cerca de 10 anos, também fui professor universitário na FARGS – Faculdades Riograndenses, lecionando a cadeira de Direito Societário. Sou casado e tenho 3 filhos, sendo que dois deles são esgrimistas e, a terceira filha, a "raspa do tacho" de apenas 5 anos, já pergunta quando vai começar a praticar este esporte de tradição em nossa família.

2 – Nos conte um pouco da sua trajetória no esporte e como dirigente esportivo, até chegar à Presidência da CBE?

Iniciei a prática da esgrima em 1972 no Colégio Militar do Rio de Janeiro. Naquela época, o colégio não era uma EPD filiada a Federação de Esgrima do Rio de Janeiro. Portanto, o Mestre D'Armas que nos treinava no Colégio Militar - o excepcional Mestre José Maria Pereira, ainda vivo, que também era o técnico da esgrima do Esporte Clube Flamengo, filiou os seus alunos naquele clube para podermos competir. Portanto, o Flamengo foi o primeiro clube que eu defendi como esgrimista. Apenas para registro, à época, o Rio de Janeiro possuía uma esgrima muito competitiva e alguns grandes clubes de futebol apoiavam o nosso esporte, tais como: Flamengo, Fluminense e Vasco. Aos 16 anos de idade voltei para Porto Alegre e passei a ser atleta da SOGIPA, clube esse que, após eu me formar

como Mestre D'Armas, exerci a função de técnico contratado durante 4 anos em dois momentos distintos, como também, por 2 anos, fui técnico de esgrima do CETE – Centro Estadual de Treinamento Esportivo, da Secretaria Estadual de Educação do RS. Durante a minha juventude e início da fase adulta, como atleta, integrei a equipe brasileira de florete em algumas competições internacionais. Em razão de minhas atividades profissionais, fui residir em Curitiba, Paraná, onde também exerci por 1 ano e meio a atividade de técnico de esgrima do Círculo Militar do Paraná. Uma vez mais de volta a Porto Alegre, também retornei à prática de esgrima como atleta, mas, desta vez, filiado ao Grêmio Náutico União onde o meu primeiro filho já era aluno. Nesta época, eu atuava profissionalmente como advogado e professor universitário. Permaneci como atleta competitivo até os meus 43 anos de idade, quando participei de minha última competição internacional como atleta da equipe brasileira, juntamente com os meus colegas de equipe João Souza e Marcos Cardoso, na Copa do Mundo de Florete, Espinho, Portugal. Neste mesmo ano eu me despedi das pistas como atleta competitivo. Enfim, fui um atleta longo, muito esforçado e apaixonado pelo nosso esporte. Depois disso, entrei em pista uma vez ou outra, mas apenas por hobby. Nesse período, fui Diretor do Departamento de Esgrima do Grêmio Náutico União e Vice-Presidente da Federação Riograndense de Esgrima ao lado do presidente e amigo Newton Krause, durante 8 anos. Logo após, fui eleito membro do Conselho Deliberativo do Grêmio Náutico União e vice-presidente da Confederação Brasileira de Esgrima – CBE ao lado do presidente e amigo Gerli dos Santos. Durante a primeira gestão na CBE fui também eleito Presidente da Confederação Sul Americana de Esgrima – CSE e membro do Conselho Disciplinar da Federação Internacional de Esgrima – FIE. Na CBE, exerci durante 8 anos (duas gestões) a vice presidência acumulada com a função de Diretor Técnico. Nessa condição, e durante 5 anos, tornei-me também o Coordenador Técnico perante o patrocínio que a CBE conquistou junto à Petrobras, culminando com a minha participação nos Jogos Olímpicos Rio 2016 na função de Chefe de Equipe. Em março de 2017, finalmente, fui eleito presidente da CBE, tendo como meu vice-presidente o amigo Arno Schneider que desempenha, de forma cumulativa, as funções de Diretor Técnico da CBE. Recentemente, em 2018, fui eleito membro do Conselho de Administração do Comitê Olímpico do Brasil - COB, cargo que exerço até os dias atuais.

Parte 2 – À frente da CBE?

3 – Observamos, que a CBE em suas postagens e demais informativos (oficiais e não oficiais), está sempre postando informações sobre a capacitação de seus colaboradores e observância as estritas normas de governança fixadas pelo COB ou outras instituições oficiais. Qual a importância disso, suas consequências a médio e longo prazo, e como isso beneficia a CBE e a esgrima como um todo?

A maioria dos nossos atuais colaboradores é bastante experiente, uma vez que convivem com a esgrima há bastante tempo. Mas, evidentemente, assim como todas as demais áreas do conhecimento, a gestão esportiva é muito dinâmica e requer permanente atualização de todos que com ela trabalham. Por tal motivo, não abro mão de estimular e apoiar todos os nossos colaboradores para que se atualizem em cursos de nossa área de atuação. Nós próprios, Arno e eu, no início de nossa gestão à frente da CBE, fomos alunos do Curso Avançado de Gestão Esportiva – CAGE do Instituto Olímpico Brasileiro do Comitê Olímpico do Brasil, curso esse que é considerado o mais completo do Brasil em termos de gestão voltada ao esporte. No ano passado, 2019, uma vez mais me tornei aluno do CAGE, agora ao lado do Gerente de Esportes da CBE, Eduardo Sales, sendo que, nessa edição, o foco é o Planejamento Estratégico. Aliás, a apresentação do nosso trabalho de conclusão estava prevista para este mês de maio, porém, em razão da pandemia, ficou adiada sem uma data definida. Portanto, não paramos de nos atualizar. Agora mesmo, neste período da pandemia, alguns colaboradores e nós próprios, da direção da CBE, estamos realizando alguns cursos e assistindo algumas palestras de forma virtual voltadas à gestão esportiva e demais assuntos relacionados aos esportes. Enfim, a evolução dos métodos de gestão esportiva nos obriga a manter essa atualização. Evidente que a permanente capacitação de nosso pessoal e de nós próprios, os gestores, confere um benefício enorme não só à CBE como entidade, mas sim e principalmente à esgrima brasileira, pois é para a administração e o desenvolvimento de nosso esporte que a CBE existe.

4 – A atual administração da CBE é marcada pela não interferência da Presidência nos assuntos e discussões técnicas referente a esgrima no geral. Em que áreas o Sr. Como Presidente da CBE atua, dentro (administrativamente na entidade) e fora (instituições e entidades correlacionadas ao esporte COB, Min. do Esporte, etc.)?

Bem verdade isso. Desde o início da nossa gestão que assumi a postura de distanciamento das decisões de ordem técnica. E, no início, admito, não foi nada fácil, até porque fui Diretor Técnico da CBE durante 8 anos, professor de Educação Física, Mestre D'Armas e atleta. Portanto, sempre me envolvi nos assuntos técnicos. Mas, como presidente da CBE há muitas outras atividades as quais necessito me debruçar. Não é por outro motivo que constituímos um Conselho Técnico subordinado à Direção Técnica da CBE que vem atuando com enorme qualidade, até porque integram esse conselho técnico excelentes profissionais da área técnica da esgrima, da arbitragem, das Federações, dos clubes e, finalmente, há atletas representando a categoria. O presidente de uma entidade de administração nacional do esporte (uma confederação) possui muitas atividades. Na órbita administrativa, o presidente deve estabelecer as metas, as estratégias de evolução da entidade e acompanhar o dia a dia de todas essas atividades. É uma quantidade enorme de trabalho! Na órbita financeira, é responsabilidade pessoal e exclusiva do presidente manter em dia e com a mais absoluta correção a forma de aplicação de todos os recursos que circulem pela CBE em atenção ao planejamento estratégico da entidade. Não bastasse isso, a esmagadora maioria dos recursos financeiros que movimentamos advém das loterias federais. Tais recursos nos são repassados pelo Comitê Olímpico do Brasil - COB e pelo Comitê Paralímpico Brasileiro - CPB e são para esses órgãos que prestamos contas, centavo por centavo. Como se fala em nosso meio: "é o CPF do presidente está sempre à disposição". Isso porque, por força da legislação, é nosso dever prestar contas, responsabilizar-se e atender a um emaranhado de leis, decretos, portarias e instruções normativas, até porque aqueles recursos devem ser tratados como se recursos públicos fossem, uma vez que assim dispõe a lei. Para a nossa máxima tranquilidade, somos constantemente auditados e fiscalizados, projeto a projeto, como também, somos obrigados a utilizar ferramentas tecnológicas que sequer permitem um lançamento financeiro equivocado, a exemplo do SIGEF (Sistema Integrado de Gestão Esportiva e Financeira) do COB. Desta forma, durmo em paz. No plano político, o presidente faz a representação externa da CBE perante diversos órgãos e entidades, a exemplo dos 3 comitês (COB, CPB e CBC), Secretaria Especial do Esporte (antigo Ministério do Esporte), Confederação Sul Americana de Esgrima, Confederação Pan Americana de Esgrima, Federação Internacional de Esgrima, dentre outras tantas. Mas, o principal, é que sou um esgrimista na essência; portanto, sinto-me seguro e muito à vontade desempenhando as atividades de dirigente esportivo em nosso esporte.

5 – O COB até a Olimpíada do Rio de Janeiro e o subsequente afastamento de seu ex-presidente por problemas com a Justiça, tinha como projeto, o investimento quase que irrestrito nos atletas de alto-rendimento. Durante muito tempo, esta, também foi a política da CBE de acordo com as diretrizes do COB. Há algum tempo (nos últimos 18 meses) reparamos que a CBE passou a criar, apresentar e aprovar projetos voltados as categorias de base. Esta seria uma nova diretriz da CBE sob sua administração, uma vez que as categorias de base durante as administrações passadas, foram quase que praticamente abandonadas?

A pergunta é ótima, até porque o assunto é muitíssimo importante, requerendo maior profundidade. Sua afirmação é absolutamente verdadeira quanto a forma do direcionamento dos investimentos do COB até os Jogos Olímpicos Rio 2016. De fato, até então, os recursos eram destinados exclusivamente ao alto rendimento. Esse era o entendimento e mais, era também a determinação política. Aliás, o maravilhoso patrocínio que tivemos da Petrobras estava também voltado exclusivamente ao alto rendimento. Portanto, a esgrima brasileira ultrapassou os dois últimos ciclos olímpicos até os JO Rio 2016 utilizando recursos que denominamos de "dinheiro carimbado". Isto quer dizer que só era possível fazer investimento em atletas da elite da esgrima brasileira e em sua maioria, adultos. Para os jovens talentos, a base esportiva, nenhum recurso direcionado havia. Pois bem. Após a mudança na gestão do COB, esse entendimento finalmente foi mudado. De um lado, porque os recursos destinados também para atletas da base era o sonho da maioria das confederações, mas esse sonho sempre encontrou uma barreira política intransponível. Evidentemente que a renovação esportiva sempre dependeu de investimentos, mas não tínhamos acesso a tais recursos. De outro lado, porque a presidência atual do COB está em absoluta sintonia com aqueles sonhos adormecidos e, por isso, fez acontecer! Coube ao COB criar um Departamento específico para dar suporte às categorias de base a fim de apoiar os jovens talentos que estão surgindo para que, no futuro, esses mesmos atletas possam integrar o Time Brasil, a nata do esporte nacional. A partir daí, e através de projetos aprovados em 2019 e em 2020, a CBE foi uma das primeiras entidades a ser contemplada com tais recursos a serem utilizados em estágios de treinamento, competições internacionais e outras tantas finalidades, essas voltadas exclusivamente aos jovens talentos.

Lamentavelmente, em março deste ano fomos obrigados a cancelar o primeiro estágio de treinamento em 2020 em face à pandemia decretada (Covid-19).



6 – Quais os projetos apresentados pela sua administração, que objetivam as categorias de base e os que já foram implementados?

Este Departamento do COB para suporte às categorias de base foi criado apenas no ano passado. Assim, em 2019, a partir de projetos da CBE aprovados pelo COB, alguns dos nossos jovens talentos já foram contemplados com recursos para participarem de competições internacionais da FIE na categoria juvenil, acompanhados dos técnicos por nós convocados. Além disso, no final do ano passado, realizamos um grande estágio nacional de treinamento na Escola de Educação Física do Exército – ESEFE, Rio de Janeiro. Neste estágio, participaram muitos jovens atletas cadetes e juvenis, vários treinadores novos e também os mais experientes, foram realizadas palestras e dadas orientações por preparadores físicos, fisioterapeutas e outros tantos profissionais de apoio. Sem dúvida, foi uma experiência fantástica para essa garotada, onde todos puderam aproveitar muito tecnicamente, além de fazerem novos laços de amizade tão importantes para as nossas equipes futuras. Para este ano de 2020, temos aprovados projetos para 3 estágios de treinamento e também participação de atletas em competições internacionais. Porém, como dito antes, com o advento da pandemia Covid-19, precisaremos rever nossa programação. Mas os recursos já estão disponíveis, porque os nossos projetos foram integralmente aprovados.

7 – Sabemos que os clubes, são parte importante do sistema desportivo nacional, a CBE nos últimos tempos, vem ampliando a gama de filiados, tais como as EPD's, que vem se multiplicando nos últimos anos, observamos também a instituição de prêmios de reconhecimento a determinadas pessoas, que vem

fazendo a diferença no mundo da esgrima. É certo dizer, que sua administração está mais voltada ao reconhecimento das pessoas e sua contribuição individual ao todo e aos atletas, tornando a esgrima mais democrática e sem "gargalo" para o ingresso no esporte?

Veja, somos (CBE) "peça" de um sistema esportivo bastante complexo. Por isso, as diversas ações e decisões tomadas por nós devem sempre "conversar" umas com as outras. Explico: os clubes, para a maioria dos esportes olímpicos, são historicamente os grandes responsáveis pela formação dos atletas competitivos de alto rendimento. Isso porque, por políticas públicas equivocadas de longa data, as escolas e universidades, públicas e privadas, com raríssimas exceções, praticam o esporte meramente recreativo. Pois bem. Com o passar dos tempos e das diversas crises financeiras ocorridas no Brasil, muitos clubes começaram a ter dificuldades para manter alguns esportes e a esgrima esteve dentre esses. Mas, em contrapartida, começaram a surgir algumas academias específicas voltadas ao nosso esporte e até algumas academias multiesportivas, onde a esgrima se faz presente. Também, começaram a surgir alguns projetos sociais, alguns projetos públicos envolvendo a esgrima e outras formas de aprendizagem que não seja apenas através dos clubes. Bem, o que isso quer dizer? Ora, que precisamos estar permanentemente atentos e de braços abertos para acolher e apoiar todas essas iniciativas onde o nosso esporte esteja envolvido. Enfim, é preciso estimular e facilitar mais e mais a ampliação da quantidade de praticantes e de outras entidades – EPDs. E isso vem acontecendo em nossa gestão, de acordo com os nossos planos traçados para a expansão da esgrima. Certo é que, atualmente, não há qualquer gargalo ou barreiras a serem vencidas para que, todos que queiram in

gressar no nosso esporte, venham para a CBE e vivam o nosso universo.

8 – Quais as suas principais realizações junto a CBE, que impactaram fortemente no mundo da esgrima?

Até o momento, promovemos algumas realizações que, estamos certos, impactaram de forma muito positiva a esgrima brasileira. Vejamos:

a) Em 2017, logo após o COB ter uma nova gestão, eu fui eleito para ser membro de uma comissão responsável pela reforma do estatuto daquela entidade. Foi um trabalho intenso e que muito me honrou, principalmente pelo seu momento histórico. Enfim, o novo estatuto do COB marcou o início de uma nova era para o esporte olímpico brasileiro. A partir daí, passamos a estudar e a propor as reformas necessárias a serem feitas no estatuto da CBE. Da mesma forma como ocorrido no COB, não foram poucas as alterações que também vieram a marcar uma nova era para a esgrima brasileira. A nossa Assembleia Geral, em síntese, aprovou a criação dos Conselhos de Administração, de Ética e Conselho Técnico, a ampliação do colégio eleitoral, passando de 5 eleitores para 22 eleitores, dentre tantas outras inovações e modernizações. No final do ano passado a Assembleia Geral da CBE aprovou uma nova alteração estatutária para se ampliar muito mais o colégio eleitoral, passando-se dos anteriores 22 membros para os 42 membros votantes. Sem sombra de dúvida, a esgrima brasileira tornou-se muito mais plural e democrática, atingindo o mesmo patamar das maiores e mais modernas entidades esportivas do Brasil;

b) O IBE é um sonho que conseguimos tornar real. Nosso Instituto Brasileiro de Esgrima, o braço educacional da CBE, hoje é a mola propulsora indispensável para o nosso esporte. Sem a formação de técnicos e de árbitros permaneceríamos estagnados ou pior, retrocederíamos. Mas ainda estamos recém no início. Os nossos cursos estão programados estrategicamente para avançar em outros tantos rincões desse Brasil, assim como para darmos continuidade à formação e evolução de novos profissionais nos principais estados onde temos a prática da esgrima. Não bastasse isso, a CBE, desde o ano passado, é detentora de uma "Sala de EAD" (ensino à distância), essa fornecida gratuitamente numa parceria que firmamos com a empresa Google. Nesse sentido, estamos em fase final de elaboração de um curso a distância para a formação de Gestores de Diretório Técnico. Esse curso está previsto para ser lançado em breve, durante o primeiro semestre deste ano. Outros cursos estão sendo preparados para lançamento futuro. O IBE, em suma, é um dos nossos principais orgulhos;

c) Fizemos um elevado investimento para, finalmente, serem adquiridos 4 sistemas (software) de vídeo-arbitragem, 4 computadores compatíveis de alta qualidade e equipamentos modernos de vídeo. Também adquirimos os serviços do Sis-

tema Ophardt (sistema de gestão de competições e de outras tantas utilidades) que, a propósito, tais serviços estão disponibilizados às Federações. Tanto o sistema de vídeo arbitragem como o sistema Ophardt são os mais modernos que existem no mundo da esgrima na atualidade;

d) Criamos o Projeto Engajar, diga-se, um projeto para a expansão do nosso esporte sem precedentes no Brasil. O Projeto Engajar está diretamente ligado ao Instituto Brasileiro de Esgrima – IBE e tem como meta ser um agente facilitador para que as empresas e os profissionais capacitados para o ensino do esporte possam crescer, expandindo a prática da esgrima em novos mercados ainda pouco explorados. Através do Projeto Engajar, pretendemos contribuir e estimular não apenas a abertura de novos locais para ensino, como também para a formação quantitativa e qualitativa de novos profissionais de esgrima através do IBE. A partir deste ano, logo após ultrapassarmos a pandemia, iniciaremos a distribuição de alguns materiais de esgrima que foram adquiridos pela CBE para a iniciação da esgrima (armas e máscaras de plástico). Ao longo deste ano vamos adquirir maior quantidade daqueles materiais a fim de atender a um maior número de entidades que estão cadastradas e necessitam deste suporte inicial. Estamos recém no início; o Projeto Engajar, em razão do seu moderno conceito, possui um caminho enorme pela frente;

e) Firmamos parceria com o Comitê Paralímpico Brasileiro – CPB a fim de administrarmos a esgrima em cadeira de rodas no Brasil e estamos entrando no segundo ano dessa parceria de sucesso. Além de darmos seguimento ao calendário esportivo já antes planejado, pela primeira vez na história da esgrima brasileira em cadeira de rodas foi organizado pela CBE uma Copa do Mundo no maravilhoso Centro de Treinamento do CPB. Foi um enorme desafio que deu certo! Infelizmente, a edição dessa mesma Copa do Mundo para este ano foi cancelada em virtude da pandemia decretada, porém já está marcada a sua realização para 2021, antes dos Jogos Olímpicos Tóquio 2021. Outra grande novidade para a esgrima em cadeiras de rodas será a Sala D´Armas no CT do CPB em parceria com o CPB e Caixa Econômica Federal. As aulas estavam programadas para ter início em março próximo passado, somente não ocorrendo em razão da pandemia. Mas não temos dúvida de que será um sucesso!

f) Firmamos uma nova parceria com o Comitê Brasileiro de Clubes - CBC e, desta vez, conquistamos uma ampliação significativa de eventos a serem apoiados por aquele comitê, incluindo aí a esgrima em cadeira de rodas. Em razão da pandemia, este calendário de competições CBE/CBC já anteriormente publicado deverá sofrer alterações;

g) No início de nossa gestão, partimos para o desenvolvimento de um novo site, haja vista que o anterior estava desatualizado em sua tecnologia, em especial para atender a tudo o quanto necessitávamos especialmente no que diz respeito à



transparência, dentre outras diversas evoluções. Além de moderno e funcional, o nosso site está preparado para as diversas novas publicações que estão programadas para ocorrer;

h) Além do novo site como ferramenta de comunicação da CBE, demos vida às nossas redes sociais tais como o Facebook e o Instagram. Nossa Diretora de Comunicação e Marketing, Rosele Sanhotene, é a responsável direta pela administração desses nossos meios de comunicação com a comunidade da esgrima brasileira. E todos esses meios estão crescendo a cada dia em qualidade e quantidade de acessos;

i) No que diz respeito à transparência, temos um enorme orgulho de ser a primeira confederação brasileira a disponibilizar em seu site a íntegra dos seus projetos com recursos das loterias (aproximadamente 100 projetos por ano), tanto dos recursos oriundos do COB como do CPB. Da mesma forma, consta também em nosso site a transparência acerca dos recursos próprios da CBE. Assim, em muito pouco tempo de gestão, atingimos "nota máxima" no quesito transparência;

j) Finalmente, em 2019, a logomarca da CBE foi registrada no Instituto Nacional de Propriedade Industrial – INPI. Portanto, após 92 de existência de nossa entidade, conseguimos assegurar um patrimônio para todos nós, qual seja a nossa marca;

k) Em 2018 e 2019 indicamos para à FIE dois projetos sociais de esgrima desenvolvidos no Brasil para concorrerem ao Projeto Donate Your Fencing Gear, ou seja, a doação de materiais de esgrima. Ambos os projetos sociais foram contemplados pela FIE e receberam uma significativa quantidade de materiais de esgrima para uso de seus alunos.

Enfim, essas são apenas algumas das tantas realizações ocorridas até agora em nossa gestão. O empenho tem sido enorme e sempre coletivo, desde os nossos colaboradores, a diretoria, os amigos, os conselheiros, os técnicos e outros tantos que nos apóiam. Não se conquista nada sozinho.

9 – Quais projetos esta administração tem para o futuro na es-

grima:

a) Objetivando as categorias de base;

Com relação às categorias de base, seguiremos firmes em nossos projetos de realização de estágios de treinamento e competições internacionais. Porém, em primeira mão, desde logo informo que já há outro projeto aprovado que contemplará um estágio no Brasil que envolverá atletas e técnicos de esgrima brasileiros para trocarem experiências com 3 Mestres D´Armas estrangeiros consagrados das 3 armas. Temos certeza de que tal ação será riquíssima, pois, ao trazermos grandes mestres D´armas ao Brasil, atenderemos um número bastante grande de beneficiados, tanto técnicos brasileiros como os nossos atletas.

b) Objetivando a Arbitragem nacional:

Para a arbitragem nacional o nosso projeto é bastante ambicioso. Além de continuarmos formando mais jovens árbitros através do IBE, diga-se, uma necessidade premente, queremos preparar e apoiar, ano a ano, alguns desses árbitros nacionais que mais se destacarem para realizarem o exame de arbitragem da FIE. É imprescindível que tenhamos mais árbitros internacionais registrados na FIE para participarem do circuito de competições, até porque a participação de atletas brasileiros nas competições internacionais vem aumentando exponencialmente.

c) Objetivando a formação de técnicos e o aperfeiçoamento dos já em atividade?

A formação de técnicos de esgrima no Brasil se dá atualmente de duas formas: os diversos cursos do IBE e o Curso de Mestre D´Armas que ocorre na EsEFEx apenas nos anos ímpares. Para a qualificação dos técnicos já formados temos o próprio IBE com os seus diversos níveis de aprendizado (níveis I, II e III), os cursos de 30 dias da FIE que ocorrem anualmente na zona pan americana e que a CBE sempre indica técnicos brasileiros e, por fim, o Curso de Mestre D´Armas da FIE que ocorre também anualmente em Budapeste, Hungria e que a CBE também indica algum pretendente. Mas não são apenas cursos

onde se podem qualificar os nossos técnicos. Temos convocado para competições internacionais a maior gama possível de técnicos, sejam esses os mais experientes ou ainda os que estão no caminho inicial da aprendizagem. É fundamental que os nossos técnicos vivenciem de perto o mundo internacional do nosso esporte, pois é uma importante forma de aprendizado e atualização. Por fim, como dito acima, já temos projeto aprovado para trazeremos 3 Mestres D'Armas internacionais consagrados para a troca de experiências com o nosso pessoal brasileiro. Enfim, dentro do possível, estamos cercando todas as formas de aprendizagem e de qualificação para os nossos técnicos brasileiros.

3 – À Pandemia e a Esgrima Nacional:

10 – É notório o fato de que todo o universo envolvendo a esgrima nacional e internacional encontra-se paralisado, causando um prejuízo sem precedentes a atletas, entidades, clubes, epd's, a CBE tem um plano para o retorno das atividades, quando possível?

Sim, e esse assunto, inclusive, foi tema de uma "live" da CBE realizada recentemente pelo seu canal do YouTube. Naquela oportunidade, o nosso Diretor Técnico e Vice-Presidente, Arno Schneider, pode explicar alguns cenários, quais sejam: início das atividades em agosto, em setembro ou em outubro. Em cada um desses cenários temos ajustadas as respectivas competições nacionais e internacionais. Mas, por evidente, dependemos das decisões a serem tomadas pelas autoridades governamentais, assim como das orientações das autoridades sanitárias. Nada faremos antes que estejamos seguros de que será possível realizar as atividades esportivas, ainda que a partir de rigorosos protocolos e/ou restrições. Por fim, queremos logo mais levar este tema para ser debatido em nosso Conselho Técnico, até porque toda a esgrima brasileira está lá representada.

11 – Seria uma volta gradual ou como dizem "a todo vapor"?

Embora estejamos navegando num mar de incertezas, nesse momento, é bem provável que a nossa volta seja gradual, a exemplo do que vem acontecendo com outras atividades. Mas ainda é precoce para batermos o martelo em relação ao nosso calendário. Precisamos aguardar o posicionamento da Federação Internacional de Esgrima, bem como das confederações Sul Americana e Pan Americana, às quais estamos filiados.

12 – Existe a previsão de adoção ou de criação de algum protocolo para a realização das competições objetivando torná-las mais seguras (COVID-19)?

Sim, deveremos criar os nossos protocolos e esses deverão estar baseados nos exemplos, determinações legais e orientações médicas que já existem. A prática da esgrima está enquadrada como esporte de "baixo risco" de contaminação. Ainda assim, provavelmente deveremos seguir um protocolo

que conterà algumas normas de comportamento a serem seguidas. Além disso, é preciso considerar a presença ou não de público dentre outros fatores de risco na aglomeração. Enfim, tudo isso está sendo analisado para o nosso retorno em breve, assim esperamos.

4 – O Acórdão do TCU e os ataques pessoais e a administração atual?

13 – Iniciaremos com um esclarecimento da sua parte, as ações, que resultaram na instauração do procedimento junto ao TCU e o respectivo acórdão emanado em Abril/2020, tem alguma ligação com a atual administração?

Evidente que não. A denúncia sofrida pela CBE se deu no ano de 2016 e foram referentes a fatos corridos em 2014 em diante, durante a gestão anterior. A nossa atual gestão teve início somente em abril de 2017.

14 – A grande maioria dos ataques dirigidos a sua pessoa, tentam fazer uma ligação entre o cargo exercido pelo Sr na administração passada. Qual o cargo, que o Sr exercia, e quais suas atribuições no mesmo?

Nas duas gestões anteriores da CBE eu exerci as funções de Vice-Presidente e Diretor Técnico de forma cumulativa. Naquele formato de gestão, não competia a mim ter ingerência aos temas administrativos, financeiros e políticos, mas sim e tão somente aos temas técnicos. Mas, acerca do processo do TCU, eu tive amplo conhecimento a seu respeito desde o início, até porque, por ser advogado, assim como o é o ex-presidente Gerli dos Santos, elaboramos a quatro mãos as defesas e as manifestações da CBE perante o TCU. Ambos estávamos absolutamente convencidos de que a CBE prestou contas de suas despesas de acordo com as normas da época, quais sejam, as Instruções Normativas oriundas do COB que, a propósito, era uma obrigação não apenas para a CBE, mas a todas as demais confederações que deveriam prestar contas da mesma forma, respeitando as mesmas normas. Portanto, nunca tivemos qualquer dúvida acerca da lisura dos procedimentos da CBE à época, como de fato restou comprovado agora quando do julgamento final do TCU e arquivamento do processo.

15 – O Sr na administração passada fazia parte da gerência ou ingerência na gestão e aplicação dos valores oriundos da Lei Agnelo Piva?

Como dito acima, a resposta é não. Não eram da minha alçada àquelas atividades de gestão financeira e aplicação dos valores oriundos da então Lei Agnelo Piva. Eu me ocupei durante toda a gestão, e com muita intensidade, com a área técnica da CBE, com as diversas alterações de regras (ranking, fórmula das provas e tantas outras), com a direção geral das competições nacionais onde sempre estive presente, com a coordenação técnica das equipes brasileiras perante o patrocínio da Petrobras, com o acompanhamento pessoal das diversas



equipes brasileiras em eventos internacionais, com a chefia da equipe que participou dos Jogos Olímpicos Rio 2016, dentre outras tantas atividades as quais envolviam diretamente os atletas e a área técnica da CBE.

16 – O Acórdão, que dirimiu todo e qualquer indício de má versão de verbas oriundas da Lei Agnelo Piva, é embasado no fato de que a administração anterior seguiu à risca as determinações e o entendimento do COB no tocante ao percentual de gasto com a parte administrativa. Em que pese isso ter acontecido em outra administração e da sua isenção no tocante a gerência e ingerência de tais verbas, a determinação/orientação do COB, que embasaram o Acórdão acima, alcança a todas as Confederações e Entidades que se valem deste tipo de recurso?

Sim, exatamente isso! Embora o tema possa parecer complexo, em verdade não o é. Veja: era da competência do COB, de acordo com o Decreto nº 7.984/2013, o estabelecimento dos critérios e limites para as despesas administrativas das atividades meio. Portanto, à época, o COB assim o fazia através de suas Instruções Normativas, ou seja, as normas às quais estavam sujeitas todas as confederações, e não somente à CBE. Portanto, e exatamente por esse motivo que o TCU concluiu em seu julgamento, por unanimidade, que a CBE agiu corretamente em suas prestações de contas de acordo com as normas legais da época emanadas pelo COB.

17 – Os ataques, embora não citando o seu nome, mas claramente dirigidos a sua pessoa, efetuados por redes sociais, tentam fazer uma ligação um tanto forçada de sua pessoa, com o gerenciamento das verbas da Lei Agnelo Piva. Qual é a sua opinião, sobre tais tentativas e ataques pessoais?

Lamentável! A atual gestão, desde o seu início (abril de 2017), sempre olhou para frente, para o futuro do nosso es-

porte, para o progresso, para a expansão da esgrima brasileira através de diversas ações inovadoras, modernas, tecnológicas, apoiando muito mais atletas e equipes desde a base até as categorias adultas. Mas, principalmente, como um exemplo de entidade nacional de administração do desporto quanto à transparência e correção de seus atos.

5 – Descontraindo:

18 – Presidente, o Sr é só mais um rostinho bonito na Presidência da CBE ou veio para fazer a diferença?

Olha, talvez a minha querida mãezinha, e somente ela, me veja como um rostinho bonito kkkkkk.

19 – Pensa em seguir carreira como apresentador de programa infantil ou modelo?

Barbaridade! Estou muito longe dessas pretensões. Para isso eu precisaria ter outros tantos talentos e predicados que a vida não me alcançou,.... kkkkkk

20 – Por traz da Responsabilidade das decisões tomadas pelo Sr. Existe uma equipe dura, fazendo colocações?

A equipe sempre faz colocações, mas com muito respeito... kkkkk

22 – É verdade que na Confederação Chinesa de Esgrima, ninguém sabe quem é o presidente, pois são todos iguais?

Um dia, durante um congresso internacional da FIE, na cidade de Guangzhou, China, um conhecido nosso da Federação Chinesa de Esgrima, após ser provocado, disse que nós, os ocidentais, somos todos iguais, mas com algumas diferenças na cor da pele. Vai ver ele tem razão...

23 – Pergunta técnica: É verdade que em uma prova de equipe, irmãos gêmeos idênticos, contam como só um integrante da equipe? Responda, dê um exemplo e Justifique? KKKKK

É de se refletir sobre isso... kkk

6 – Finalização:

Presidente, agradecemos a sua gentileza e antecipadamente pedimos desculpas pelas brincadeiras, gostaríamos que o Sr deixasse (por conta da Pandemia e dos ataques pessoais), para todos que compõe a comunidade da esgrima, hoje em ritmo de espera e ansiosa pelo retorno das atividades?

Agradeço demais o espaço concedido. Foi ótimo responder a todas essas perguntas que me trouxeram, inclusive, ótimas recordações. No mais, assim como o jovem iniciante da esgrima ou o atleta mais experiente e competitivo, nós também queremos retornar às atividades no tempo mais curto possível. Que esse período de quarentena esteja servindo a todos para reflexões. Fiquem todos bem e até breve. ◀

EDUCAÇÃO É TUDO E PODEMOS IR MAIS LONGE



Ano de vestibular, de competições, de tensão, de uma das escolhas mais difíceis da vida e do encerramento de um ciclo.

O ano de 2019 começou como uma grande incógnita. Ano de vestibular, de competições, de tensão, de uma das escolhas mais difíceis da vida e do encerramento de um ciclo. Isso pode ser encarado de uma maneira emotiva, com muitas perguntas sobre o que está por vir e tristeza de deixar uma época da vida para trás ou objetiva, com definições claras de qual é o próximo passo e o que fazer em seguida. No meu caso e no de muitas outras pessoas, houve a conclusão mais comum e inconclusiva de todas: Não fazia a mínima ideia do que eu queria estudar, para onde queria ir, não tinha a mínima ideia de nada. Só que queria me formar no ensino médio e ir cursar alguma coisa.

Depois de um tempo fingindo que essa questão não existia e levando minha rotina normalmente com a escola e a esgrima, a proximidade das inscrições das provas me fez procurar alternativas de cursos e começar a ler muito sobre coisas muito diversas para tentar achar alguma coisa que eu realmente gostasse, até tentei estudar para passar em uma universidade fora. Minha esperança era que alguma coisa acontecesse e, de repente, tivesse certeza absoluta do que eu queria, mas as opções cogitadas passavam por fisioterapia, música e engenharia química. Nenhuma chavinha virou e eu passei a ter certeza, mas por causa da minha pesquisa e influência de pessoas que conheci, me decidi que me inscreveria em economia e admi-



nistração (isso mudou mais algumas vezes, mas no final, essas foram as opções que eu prestei para).

A partir desse momento, passou a ser muito difícil conciliar a rotina de treinos e de estudos porque como eu "sabia" o que queria, ficava mais motivada para estudar. Então eu ia para a escola, chegava em casa às 14:00, almoçava, estudava e ia para o treino (em alguns dias, estudava até às 18:00 e em outros até às 15:30 devido aos horários dos treinos), chegava em casa à noite às 22:00.

Na metade do ano, depois das férias, vi que o tempo que eu estava estudando não era suficiente e teria que abrir mão de algumas atividades para conseguir alcançar o objetivo no final do ano. Assim, parei as outras atividades que fugiam a educação e a esgrima e infelizmente, também tive que reduzir o tempo que eu dedicava aos treinos, então conversei com os meus treinadores e parei de fazer os treinos físicos que fazia três vezes por semana, seguindo com os treinos específicos.

Uma das coisas que me deixou abalada nessa fase foi ter que abrir mão de algo que é importante e eu queria fazer e perceber como a ausência dos treinos de academia teve uma influência negativa em vários aspectos do meu jogo e até do treino.

Em Outubro, aconteceu a competição mais importante do ano, para qual todos estavam treinando: o brasileiro que ocorreu em Curitiba. Esse foi um dos momentos mais difíceis e que mais me desmotivou em todo o ano. Mesmo me esforçando e ficando sobrecarregada para fazer tudo e tentando dar o meu melhor, nada aconteceu como eu esperava. A competição não foi boa e minhas notas eram mais baixas do que eu precisava de todos os simulados que eu fazia.

O que me ajudou a me motivar nessa época foi estar cercada de pessoas que estavam estudando também e sair para fazer coisas diferentes, me distrair quando eu não estava ocupada, sair com a minha família, meus amigos e meu namorado.

Depois da competição, novamente eu percebi que só aquilo que eu estava estudando não seria suficiente e, novamente tive que abrir mão do esporte. Conversei com os meus técnicos, Ferrazzi e Trois e comecei a treinar com menos frequência, de três a duas vezes por semana em vez de todos os dias.

Nessa época, minha rotina era estudar das 14 até às 21:00 nos dias que eu não ia nos treinos e das 14:00 às 18:00 nos dias que ia, aos sábados eu estudava o dia inteiro e no domin-

go, só de manhã. Essa rotina não mudou muito nos períodos de provas da escola.

No dia 24 de novembro, junto com o período de provas na escola, aconteceu a primeira fase da FUVEST, o vestibular para o qual eu estava estudando. No dia da prova aconteceu que a examinadora errou o tempo da prova e fez com que metade da sala entregasse o gabarito mais cedo. Contudo, mesmo com alguns imprevistos que aconteceram, tive uma surpresa boa no dia seguinte quando saiu o gabarito.

Minhas aulas acabaram pouco tempo depois disso e eu mantive a rotina quase a mesma rotina, mas em vez de ir para a escola, estudava de manhã também para a segunda fase do vestibular.

Nesse meio tempo até a prova, houve um estágio de treinamentos no Rio de Janeiro, que eu não pude ir graças aos estudos e a uma prova que seria nesse período, e o recesso dos treinos no clube. Com isso, estendi ainda mais o horário em que eu estava estudando.

Com a suspensão de todas as atividades que não eram relacionadas a estudos e vestibular, uma coisa que acabou se mostrando mais intensa nesse período e me atrapalhando foi a ansiedade, que trazia com ela a insegurança para a prova, isso foi algo que me desmotivou muito durante essa fase e, eu descobri que os melhores meios de lidar com ela eram fazendo coisas totalmente aleatórias (passear com o cachorro, conversar, ver série, etc) e não relacionadas com o estudo e reduzindo um pouco o tempo que eu passava estudando e dedicando mais tempo a descanso e lazer. Assim, embora me sentisse culpada em alguns momentos por não estar fazendo o que "deveria", ou estudando em tudo o que eu poderia, consegui, de certa forma, controlar a ansiedade e tornar os estudos mais produtivos.

Passada a segunda fase, a insegurança de não passar virou a certeza, fiquei muito desanimada com o meu resultado.

Entretanto, depois de alguns dias, quando os treinos já tinham retornado, recebi a notícia que tinha passado para o curso de administração na FEA, faculdade de economia e administração da USP.

Assim, precisei me adaptar aos novos horários com muitas coisas novas e uma inversão de tempo de todas as atividades que eu fazia e embora a nova rotina e o processo para chegar a ela tenham sido muito cansativos, valeu a pena todo o esforço.



A PERSPECTIVA DE UM ESGRIMISTA PRESTES A SE MUDAR

Em meio a todo esse processo de amadurecimento, surgiu a ideia de estudar fora usando a esgrima como chave para tal.



Meu nome é Maurício Pellegrino, tenho 18 anos e pratico esgrima há seis, sempre representando o Esporte Clube Pinheiros. Até a categoria pré-cadete treinei e competi pela espada e pelo florete com o querido e saudoso mestre Gennady Miakotnykh, quando então fiz a opção pela espada e passei a treinar com o mestre Marcos Cardoso.

Recentemente fui aceito na St. John's University (SJU), em Nova Iorque, onde irei estudar e treinar a partir de setembro, pelos próximos quatro anos. Escrevo este texto para compartilhar como foi minha experiência durante o processo de application e minha visão sobre a adaptação e a mudança para os EUA.

Como sempre recomendado, vou começar pelo começo. Apesar de praticar esgrima desde 2014, foi somente em 2017 que comecei a direcionar melhor meus esforços, me dedicando a uma rotina de treinos mais organizada e com objetivos bem definidos e estruturados, além de trabalhar o autoconhecimento com a ajuda da minha terapeuta do esporte.

Neste mesmo ano, e em meio a todo esse processo de amadurecimento, surgiu a ideia de estudar fora usando a esgrima como chave para tal. Além de defender o Pinheiros, também me afiliei a um clube de esgrima em Miami e passei a competir no circuito americano, me aproximando ainda mais desta possibilidade, uma vez que nestas competições estão presentes os técnicos das universidades com maior destaque na esgrima.

Porém, esta possibilidade somente começou a tomar forma no final de 2018, quando minha família e eu entramos em contato com uma consultoria especializada em atender estudantes brasileiros e os colocar em contato com as universidades nos EUA, assessoria que ao meu ver foi de grande valia em todo este processo, pela organização, metodologia e contatos lá fora.

Você pode optar por percorrer esse longo caminho por conta própria, mas adianto que se esta tivesse sido minha opção, teria me sentido muito perdido e talvez não soubesse do lu-



gar. Além disso a assistência continua durante os anos em que você estiver fora e a consultoria pode ser usada como ponto de apoio para o aluno em diversas situações.

Como muitos sabem nos EUA não existe vestibular, mas sim um sistema de application que consiste na avaliação de uma série de fatores que devem evidenciar nossa melhor versão.

No caso de atletas deve haver uma combinação entre as melhores notas possíveis no SAT e TOEFL (testes de Matemática e Inglês), GPA (notas do ensino médio no Brasil convertidas para o padrão estadunidense) e currículo esportivo, incluindo medalhas, campeonatos internacionais, ranking no Brasil e um vídeo curto do atleta em ação a ser enviado aos head coaches, responsáveis pelo processo de seleção em termos esportivos. Resumindo, você passa por dois processos seletivos distintos: o acadêmico e o atlético.

No início de 2019 comecei a fazer aulas particulares com um especialista em TOEFL e SAT e recomendo este passo, já que é preciso adequar a cabeça ao modo de pensar dos americanos, ao responder os testes.

Além disso, é preciso estar muito certo do que se quer, pois posso dizer de carteirinha que é difícil conciliar todo este processo com os estudos para o vestibular aqui. Ou vai ou fica.

Decidido de que gostaria mesmo de ir e sem a preocupação de estudar para os vestibulares no Brasil, outra preocupação surgiu: a volta aos treinos.

Uma lesão crônica que me atrapalhou por muito tempo, me impedindo inclusive de disputar o Pan e o Mundial por dois anos

seguidos, ainda que eu tivesse classificação, tinha finalmente ido embora, após muito tratamento médico, fisio e terapia.

Poder treinar e competir novamente era um alívio, porém com muito medo de me machucar de novo, o que me afastaria de vez da possibilidade de ir para os EUA pela esgrima.

Já estava acostumado a me dividir entre a escola e o esporte, mas a junção de ambos, com a dedicação às applications gerou grande estresse e conflitos internos pois, por mais que eu fosse muito grato por ter esta oportunidade, vivi alguns meses duvidando da minha pessoa e questionando minhas capacidades, cogitando desistir em alguns momentos.

Passada a fase mais crítica, que era conseguir boas notas no SAT e TOEFL, o próximo passo era conhecer e escolher as universidades da Divisão 1 que tinham a esgrima como esporte de destaque e mais, se havia espaço como atleta titular na equipe de espada, já que ingressar como reserva não justificaria todo o esforço e investimento.

Nesta fase de seleção, além das notas exigidas por cada uma delas, é preciso avaliar se oferecem bolsa esportiva e acadêmica, se são reconhecidas no curso pretendido pelo atleta e não menos importante, quanto a sua família está disposta a investir anualmente, pois a brincadeira não sai barata.

O ano de 2019 foi extremamente importante para o meu desenvolvimento. Consegui dividir o foco entre todas as minhas obrigações, sempre visualizando meus objetivos, o que me ajudou a lidar melhor com as dificuldades. Posso afirmar que uma das mudanças de atitude que mais influenciou tais

conquistas foi o pensamento positivo constante, e a certeza de que as coisas dariam certo.

Entrei de férias em novembro e, enquanto meus amigos estavam focados no vestibular, fui aos EUA para conhecer as universidades que havia filtrado da lista mais extensa que era de, aproximadamente, 25 nomes.

Com certeza um outro ponto que deve ser levado em conta é como você se sente nestas visitas, já que a universidade será sua casa por pelo menos quatro anos.

Na SJU, me senti em casa. Fui bem recebido e acolhido num ambiente de grande diversidade, recheado de eventos que com certeza dão vida ao lugar. Também tive a oportunidade de conhecer o head coach de esgrima, que já havia analisado meu material e, após uma conversa bem proveitosa me deu as boas-vindas ao time, caso eu fosse aceito no processo acadêmico. A partir daquele momento, minha escolha estava praticamente feita. Restava aguardar o resultado da application.

Ainda assim, era preciso continuar o processo com as outras quatro universidades escolhidas, pois era arriscado depositar todas as fichas na SJU.

As respostas chegaram em Janeiro deste ano e fui aceito em quatro, das cinco em que me apliquei, incluindo minha primeira opção, a SJU, com a bolsa máxima concedida a alunos estrangeiros, devido à minha performance nos testes, o que deixou meus pais muito orgulhosos e bem mais tranquilos em relação aos custos.

Desde então, venho recebendo apoio e atenção por parte da universidade. Após efetuar a matrícula já participei de eventos e conversas com os responsáveis pelo processo seletivo e escolhi meu roommate, também esgrimista, com quem dividirei meu quarto no campus.

O que estou fazendo atualmente, além de treinar em casa? Estudando francês, (sim, sempre quis estudar francês), preparando meus exames médicos, bem como a documentação para minha mudança em agosto, assim espero, visto que NY é um dos centros da pandemia do Covid19.

Minhas expectativas em relação à mudança para os EUA?

Com certeza as dificuldades surgirão e entre elas a adaptação a um ambiente e a culturas diferentes, a distância da família e dos amigos, e o conflito entre o calendário de competições da universidade com as do circuito brasileiro.

Sempre me pergunto se farei amigos por lá, como será minha aceitação e não há nada a fazer por ora, a não ser viver a experiência. Penso que o segredo é ser você mesmo e ver o processo como uma grande oportunidade de aprender, sem medo de ser feliz. Estou tranquilo e positivo, sabendo que tudo ocorrerá da melhor maneira possível.



O conflito de calendários é minha maior preocupação. Em conversas com os técnicos das universidades que visitei, soube que as competições universitárias, em condições normais, começam em dezembro, sendo as mais importantes em março. Também soube que cada estudante tem um orientador, responsável por ajudá-lo a organizar sua rotina de treinos (incluindo as competições) e cronograma de aulas, facilitando o processo de adaptação.

Todas estas informações me deixaram muito tranquilo, já que se o calendário brasileiro seguir semelhante ao que foi nos últimos anos, haverá poucos ou nenhum conflito. Caso ocorram, a prioridade será para as provas acadêmicas, seguida pelas competições da universidade e por último pelas do Brasil.

Cabe ao atleta decidir junto ao orientador se é possível repor as provas e sempre o manter informado a respeito de compromissos e datas para juntos, concluírem o que será feito.

Espero que tudo o que vivi nos últimos tempos e um pouco da minha experiência, aqui compartilhada, possa ajudar outros atletas.

Toda oportunidade de conquista vem com sacrifícios para alcançá-la, e neste caso, mínimos diante de tanto que está por vir.

Para aqueles que desejam estudar fora, entendo perfeitamente a ansiedade e o estresse que o processo pode gerar. Por isso, não deixem de acreditar na sua capacidade, mantenham o pensamento positivo sempre e busquem o que podem fazer de melhor hoje. Mas, o mais importante é não se comparar com os outros e, reconhecer e agradecer aqueles que te dão valor e te abrem portas. Sou eternamente grato aos meus pais por terem me possibilitado esta oportunidade.

ESGRIMA E VESTIBULAR: ENTRE ESPADAS E CANETAS

Quando falamos de atletas, outra questão entra em jogo: os horários de treino e estudo.



Todos sabemos que o último ano do ensino médio, chamado vulgarmente de "Terceirão" é, além de um período de mudanças e abalos na vida social de um estudante, uma época de extrema pressão e importância acadêmica, já que traz consigo toda a responsabilidade da escolha de um curso e de um processo seletivo bastante rigoroso.

Para qualquer aluno do ensino médio, vestibulares como ENEM e FUVEST sempre são motivos de tensões e preocupações, no entanto, quando falamos de atletas, outra questão entra em jogo: os horários de treino e estudo. Muitos dos atletas, quando chegam nessa fase acadêmica, entram em dilemas a respeito de como prosseguir treinando ao mesmo tempo que os horários escolares ficam mais puxados e o estudo nas "horas livres" se torna cada vez mais essencial e isso não foi diferente comigo.

Desde o início do meu "Terceirão" estabeleci um planejamento e me-

tas para a minha vida acadêmica, o que me fizeram cortar pela metade os meus treinos, mas isso foi uma decisão pessoal. Antes de determinar uma regra ou algo assim de como e quando estudar, é necessário perceber que cada aluno tem suas características e demandas pessoais.

Em decorrência disso, é importante que cada estudante estabeleça metas e prioridades. Como disse, minha prioridade no meu ano de "vestibulando" era totalmente acadêmica, de forma que meu objetivo em 2019 foi entrar direto na melhor universidade da América Latina, a USP. Para mim, funcionou sacrificar grande parte dos treinos e competições para estudar 6-8 horas por dias, mas acredito que para muitas pessoas isso não funcione.

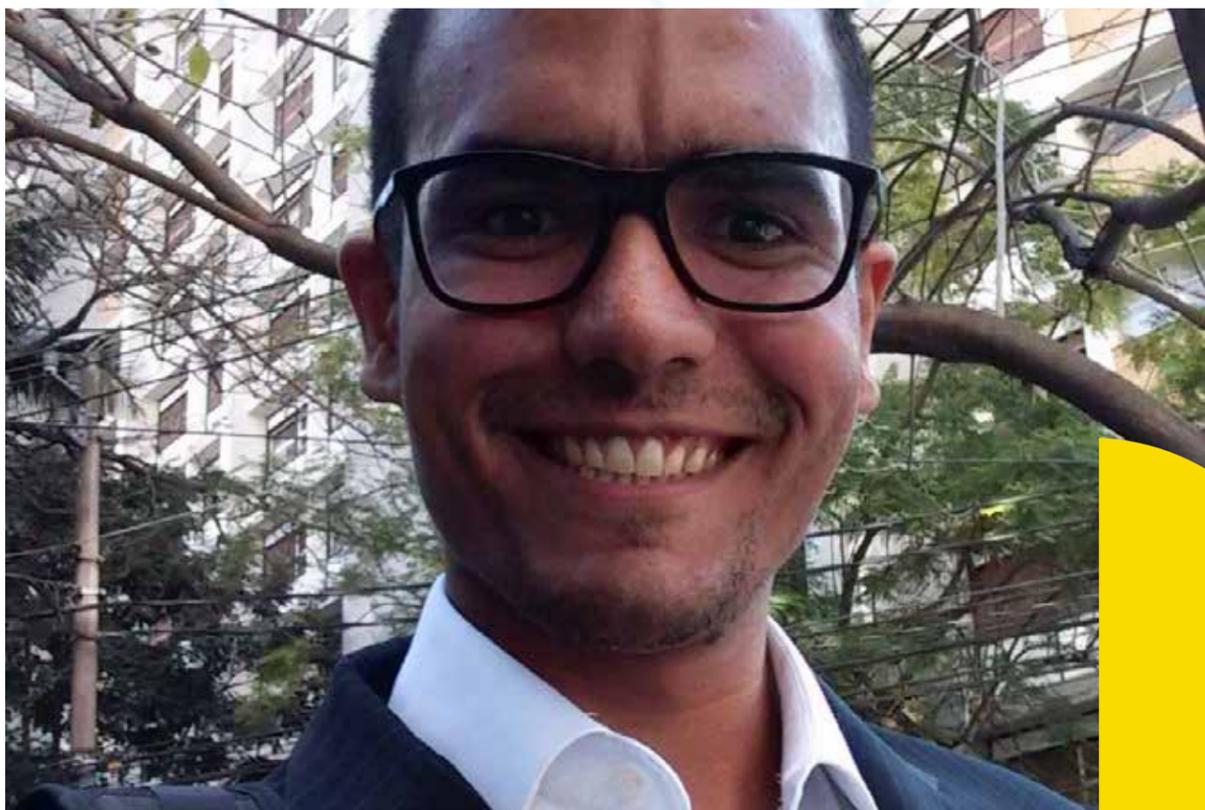
Por isso, é essencial analisar suas perspectivas e decidir se quer manter a rotina de treinos, mas sempre fazendo um balanceamento, por exemplo, um curso extremamente concorrido, como medicina na USP, exige muito tempo (na maioria das vezes mais de 2 anos além do ensino médio), o que torna quase inviável estudar e treinar normalmente.

Logo, vemos aqui, a importância de estabelecer metas e definir uma realidade compatível a ela. Definido o curso e a faculdade (o que, para muitos, é uma decisão extremamente difícil), definir um cronograma de estudos e de treinos compatível ao quão concorrido é o curso, é fundamental e pode ser a solução para continuar treinando e mantendo os níveis de competição.

Com isso, vale ressaltar que cada atleta possui uma prioridade, há aqueles que focam numa vida acadêmica mais vívida, outros nem tanto. Por isso, antes de cortar os treinos ou investir em um cursinho, é necessário avaliar se de fato vale tanto a pena ter mais um ou dois anos de estudos por um ano competitivo que, com muito esforço, pode ser em parte recuperável. Meu único conselho para os vestibulandos e futuros universitários é, por mais que seja em uma frequência reduzida, nunca pare de treinar, porque além de ser uma questão de saúde, o treino pode ser também uma das suas poucas horas vagas para se divertir em meio a um período tão ávido de estudos e que pode ser um tanto quanto solitário.

MURILO MONTENEGRO GARRIGÓS,
1º ANO DE GRADUAÇÃO EM QUÍMICA
NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO





LPapaiano: Conhecendo a ABE. Que tipo de associação é a ABE? (pública/privada)

Associação Brasileira de Esgrimistas: A ABE é uma associação civil sem fins lucrativos.

LP: Quando a ABE foi fundada?

ABE: No ano de 2009.

LP: Qual é a finalidade da ABE?

ABE: Desenvolvimento da esgrima brasileira, através da Defesa do interesse de seus associados e da realização de projetos sociais para crianças e adolescentes.

LP: Quantos associados a ABE tem?

ABE: 206.

LP: Quais os projetos sociais da ABE?

ABE: A ABE criou o projeto Mosqueteiros, que oferece aulas de esgrima para crianças de escolas públicas da comunidade de Paraisópolis e do bairro da República, em São Paulo.

LP: Sobre a Denúncia envolvendo a CBE e o julgamento do TCU. Como é amplamente cediço, a Denúncia, que deu origem ao processo/procedimento junto ao TCU partiu da ABE. Por favor nos fale om como e o porquê surgiu a necessidade pelo ponto de vista da ABE de fazer a Denúncia?

ABE: Como é de conhecimento de todos, a quase totalidade dos recursos da CBE é originada pela Lei Piva. À época de denúncia, a única informação que os atletas tinham era o montante que a CBE recebia do COB e, com base no orçamento,

o sentimento era de que muito pouco efetivamente chegava nos atletas. As prestações de contas eram avaliadas a portas fechadas nas assembleias, por presidentes de federações que pareciam pouco se importar com o futuro da esgrima brasileira.

O acesso dos atletas a informações contábeis era mínimo, impedindo uma verdadeira fiscalização de como os recursos estavam sendo efetivamente utilizados. Após ter acesso a uma série de documentos relativos as prestações de contas entre CBE e COB, percebemos que as despesas administrativas da confederação eram enormes, utilizando mecanismos contábeis para justificar gastos da administração como se fossem relativos à atividade fim da CBE. O exemplo mais claro disto era a apresentação de funcionários administrativos da CBE nas prestações de contas como se fossem funcionários envolvidos na área técnica, alocados na rubrica "centro de treinamentos", como preparação física e fisioterapia, funções que sabidamente não exerciam. Naquele ponto restou claro que o sentimento dos atletas era reflexo de uma situação real: não chegavam aos atletas 80% dos recursos recebidos pela CBE (conforme exigência legal), pois grande parte dos recursos eram utilizados para bancar a estrutura administrativa da CBE de forma irregular.

Dada a situação, a diretoria da ABE (da qual eu ainda não era o presidente), resolveu realizar denúncia ao TCU, pois este foi o caminho encontrado para que aquele tipo de atitude cessasse.

LP: Como a ABE embasou esta denúncia? (documentos, Laudos, etc...?)

ABE: A ABE teve acesso a documentos oficiais da prestação de contas no site do COB, sendo este último o responsável por fiscalizar se a CBE utiliza os recursos públicos em conformidade com a legislação. A denúncia estava amplamente embasada em documentos, motivo pelo qual o TCU deu andamento ao procedimento.

LP: Como a ABE veio a tomar conhecimento das "supostas" irregularidades que alcançavam os percentuais gastos com as verbas administrativas da CBE?

ABE: Na época em que os documentos foram apresentados ao TCU, estava circulando na mídia notícias sobre possíveis irregularidades nas prestações de contas das Confederações, dentre elas a CBE, ao COB. Diante dessa situação, foi feita uma pesquisa da prestação de contas da CBE no site do COB. A documentação utilizada pela ABE para embasar a denúncia é a mesma que atualmente é amplamente divulgada pelas confederações, pois nada mais são do que prestações de contas de recursos públicos.

A análise desses por alguns associados da ABE, permitiu identificar informações na prestação de contas que não eram verdadeiras. Informações específicas da modalidade, que não foram verificadas pelo COB e seus auditores, que aprovaram projetos com informações técnicas que não correspondiam à realidade, como o Centro de Treinamento que todos os atletas sabiam que não existia.

LP: Inicialmente a quem foi encaminhada a denúncia? (dire-

tamente ao TCU, MP, PF)

ABE: A denúncia foi inicialmente encaminhada ao TCU, que realizou as diligências necessárias para esclarecer o fundamento destas denúncias.

LP: Em algum momento a Denúncia veio a envolver o COB?

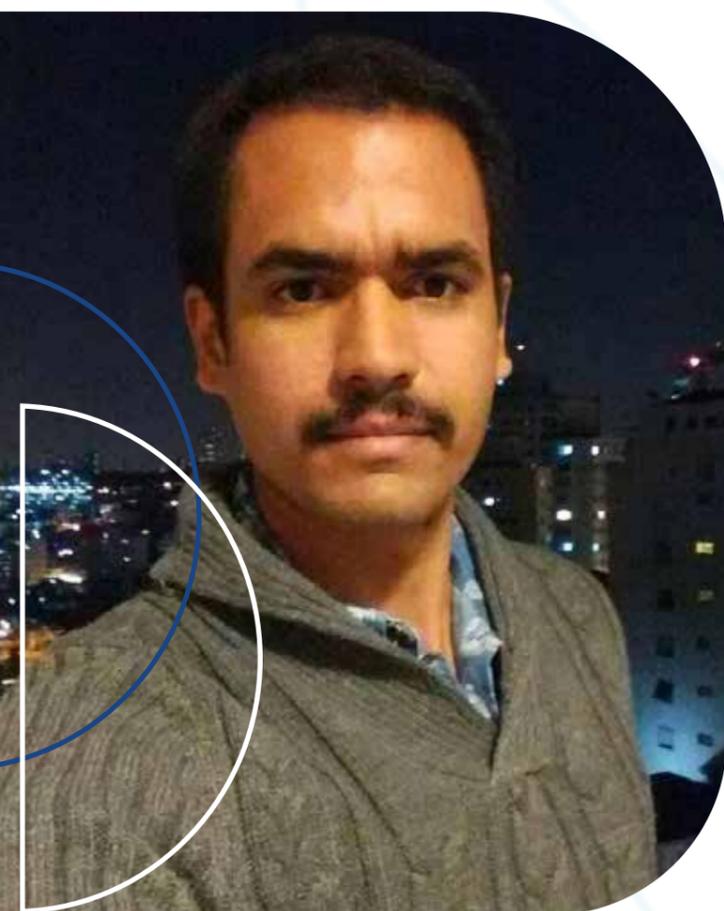
ABE: O COB é o responsável pela fiscalização do uso de recursos públicos pela CBE. A denúncia em questão se referia aos mecanismos que estavam sendo utilizados pela CBE para justificar gastos acima do permitido por lei. Conforme andamento do processo, a CBE se defendeu justificando que suas prestações de contas estavam em linha com as diretrizes do COB, que foi chamado pelo TCU a se manifestar. Agora, após divulgação dos argumentos da CBE e COB, restam dúvidas quanto à atuação do COB, pois não é possível identificar se era de conhecimento daquela entidade que os funcionários que constavam como "preparador físico" e "fisioterapeuta" eram na realidade funcionários administrativos que não realizavam tais atividades.

Na visão da ABE, parecia claro que as prestações de contas da CBE não refletiam a realidade. Nossa atuação diz respeito à esgrima, de forma que não vejo como nossa função analisar a conduta do COB. Nosso objetivo era de que os mecanismos contábeis utilizados irregularmente pela CBE cessassem, o que foi alcançado pela denúncia.

LP: Em algum momento a denúncia feita sugeriu, que o caso dos gastos da CBE, acima dos percentuais estabelecidos em lei, seria um fato isolado é único, que aconteceu somente na CBE?

ABE: Como entidade representativa dos atletas da esgrima, unicamente, não temos como função fiscalizar a atuação de outras confederações. Nossos esforços estão centralizados no bem da esgrima. Caso nossa atuação venha a favorecer o





esporte brasileiro como um todo, como de fato entendemos que ocorreu devido a nossa atuação, certamente é um efeito colateral muito bem-vindo.

O andamento do processo deixou claro, especialmente com relação a despesas com remuneração de dirigentes e despesas com assembleias, que estes gastos se referem a despesas administrativas. O entendimento do COB, conforme consta em sua manifestação no processo, era de que tais despesas se referiam à atividade fim das confederações.

Não sabemos ao certo o quanto nossa denúncia influenciou as evoluções na legislação, mas o fato é que hoje em dia as despesas com remuneração de dirigentes e com organização de assembleias são computadas como despesas administrativas. Com esta nova interpretação, corroborada com o entendimento do TCU, já faz com que as confederações tenham que se adequar e otimizar suas despesas administrativas, possibilitando que mais recursos cheguem ao seu destino, que é o fomento do esporte.

LP: Se a ABE tinha conhecimento, de acordo com as informações prestadas pelo COB, que os gastos com AGO's (Assembleias), Remuneração dos Dirigentes da Entidade e Gastos com o Centro de Treinamento, teriam sido indicados pelo próprio COB como despesas administrativas?

ABE: A ABE não tinha acesso as regulamentações internas do COB. No que tange às despesas com remuneração de dirigentes e organização de assembleias, o que motivou a denúncia era o nosso entendimento de que aquelas despesas eram claramente relativas a "atividade meio" e não "atividade fim", portanto o meio para impedir a perpetuação daquele comportamento era a denúncia ao TCU. No que tange ao centro de treinamentos, a situação é distinta, pois é de conhecimento dos atletas que a CBE nunca teve um centro de treinamentos, portanto havia indícios de fraude quando a CBE repassava ao COB prestações de contas indicando que a confederação tinha gastos com preparador físico e fisioterapeuta no centro de treinamentos.

LP: Se a ABE tinha conhecimento, que de acordo com o COB e suas diretrizes os gastos à título de despesas administrativas (AGO's (Assembleias), Remuneração dos Dirigentes da Entidade e Gastos com o Centro de Treinamento), foi uma orientação geral a todas as Confederações?

ABE: -

LP: Foi amplamente alardeado nas redes sociais, que o COB teria induzido a erro o TCU, com as informações por ele prestadas, chamando para si a responsabilidade das "supostas" irregularidades. A ABE concorda com estas afirmações? Em que bases?

ABE: Na nossa visão, no que se refere as despesas com "centro de treinamentos", o TCU foi claramente induzido ao erro, pois em diversas partes do Acórdão se refere as despesas com o centro de treinamentos localizado na Esefex, como se ali realmente existisse um CT, com atletas treinando e de alguma forma custeados pela CBE e a manifestação do COB nos autos também leva ao entendimento de que aquela entidade entendia que a CBE de fato possuía um centro de treinamentos. Creio que seria importante o COB se manifestar sobre o assunto, que, ao meu ver, ainda não está esclarecido.

LP: Também com base nos fatos alardeados nas redes sociais, os quais em alguns momentos trazem ataques diretos a dirigentes da gestão de 2014/2017 e da atual gestão, em algum momento a denúncia teve a intenção de atingir qualquer dirigente de forma pessoal? A ABE aprova ou concorda com os ataques pessoais aos dirigentes das gestões anteriores ou da atual?

ABE: A denúncia da ABE ocorreu por uma diretoria diferente da atual, bem como o presidente da CBE à época era outro (Sr. Gerli do Santos), que tinha como vice o atual presidente Ricardo Machado. Estes fatos, por si, já demonstram que as acusações de que a atuação da ABE seria algum tipo de perseguição política é um tanto quanto descabida.

Ao que nos parece, o atual presidente da CBE tenta transformar um questionamento técnico e com a motivação de aumentar a

eficiência da CBE em alguma forma de conflito político e pessoal. Infelizmente a CBE nunca aceitou a atitude fiscalizadora dos atletas, que a partir da criação da ABE se deu quase que essencialmente por ela.

Entendemos que esta narrativa que vem sendo encampada pelo presidente da CBE, de que a atitude da ABE é algum tipo de perseguição pessoal serve para fugir ao verdadeiro debate, que é a forma como os recursos públicos foram e estão sendo destinados. Este tipo de postura dá força ao entendimento que a maioria dos atletas tem, de que quando se posicionarem, fiscalizarem ou questionarem, serão perseguidos pela CBE.

Por evidente a ABE não aprova qualquer tipo de perseguição de cunho pessoal e não vimos qualquer ataque deste gênero por parte de atletas ou outros atores do esporte. O que se vê, até agora, é o contrário, especialmente quando a ABE é indiretamente citada como grupo de "algumas poucas pessoas" que atua em "evidente e flagrante prejuízo à esgrima brasileira".

LP: Qual a opinião da ABE sobre a decisão contida no Acórdão do TCU?

ABE: O Acórdão do TCU, especialmente nos quesitos colocados pela área técnica, são muito positivos para a esgrima e esporte brasileiro como um todo. Independentemente das diretrizes do COB à época, o Acórdão traz dados e números que até então não tínhamos acesso, revelando o montante impressionante gasto pela CBE para atividades administrativas.

Fica claro que o que até então era uma impressão dos atletas, realmente ocorria, pois muito pouco do que é recebido pela CBE realmente chega onde deveria chegar. Lá é revelado que entre 2014 e 2017 foram R\$ 3,8 milhões gastos para a simples manutenção da entidade (aí incluídas despesas com salários de dirigentes, funcionários administrativos e organização de assembleias). O ponto central não é a interpretação que "A" ou "B" davam à legislação, mas que a esgrima brasileira foi muito prejudicada devido aos gastos excessivos para atividades que não ajudaram em nada o desenvolvimento do esporte.

A decisão final do TCU é política, conforme é tradição daquele tribunal e de certa forma já era esperada pela ABE. O ponto que realmente nos surpreendeu se refere ao entendimento que o TCU teve sobre o centro de treinamentos, pois inclusive a área técnica do tribunal claramente entendeu que a CBE de fato possuía um CT, o que todos sabemos, não é verdade.

LP: A ABE entende, que o Acórdão põe fim aos fatos abordados pela denúncia, ou pretende levar tomar alguma outra medida a respeito dos fatos que envolveram o caso?

ABE: A ABE entende que a esgrima brasileira enfrentará momentos difíceis pela frente devido à pandemia. Tanto o é, que a ABE sequer se pronunciou sobre o Acórdão quando da sua divulgação, entendendo que o recado dado pelo tribunal havia sido claro e que, a partir de agora, a CBE iria ter zelo pelos recursos públicos de forma mais adequada. O que nos surpreendeu foram os ofícios publicados pela CBE, deixando claro que nosso entendimento estava equivocado e que, infelizmente, a CBE não trata os recursos públicos da maneira com que deveria.

Quanto aos próximos passos, estamos avaliando a situação para

proceder da melhor forma possível em prol da esgrima brasileira. Infelizmente os ataques que a ABE vem recebendo dos dirigentes da CBE não ajudam em nada a esgrima brasileira, desmotivando os atletas a participarem do debate público, mas compreendemos nossa função em absorver as reações pelo bem do nosso esporte.

LP: O que a ABE tem a dizer a comunidade da esgrima nacional após tudo que aconteceu envolvendo o caso?

ABE: O maior aprendizado deste processo é que o envolvimento dos atletas na fiscalização e defesa de seus interesses é fundamental e traz resultados práticos significativos. Desde a denúncia da ABE, não sendo possível afirmar que esta tenha sido a única fonte da mudança, a legislação foi alterada, incluindo no rol de despesas administrativas salários de dirigentes e gastos com organização de assembleias, bem como foi deixado claro que gastos com funcionários administrativos devem ser incluídos no limite legal com despesas para manutenção da entidade.

Desde a denúncia viu-se evolução significativa nas exigências feitas pelo COB quanto à transparência das confederações. Hoje é possível acessar as prestações de contas referentes aos recursos públicos nos sites das confederações. Fruto destas mudanças está o gasto mais racional de recursos públicos e consequente aumento de investimento no fomento do esporte. Está cada vez mais difícil para os dirigentes criarem mecanismos contábeis para burlar as regras, o que é muito positivo para o nosso esporte, apesar de talvez trazer certo desconforto para os responsáveis pela administração do desporto.

Resta claro que ainda há muito o que melhorar, sendo necessário maior envolvimento da comunidade da esgrima (atletas, comissão de atletas, federações, clubes e academias) para que nosso esporte avance a chegue o mais longe possível. Esperamos que a atitude fiscalizadora deixe de ser compreendida como perseguição, bem como mais atores do nosso esporte exerçam essa obrigação, como o conselho de administração, conselho de ética e comissão de atletas da CBE. A passividade da comunidade foi o que deixou os dirigentes por tantos anos na zona de conforto, permitindo que os processos administrativos não fossem otimizados e inflando as despesas para atividades secundárias da confederação.

Não obstante os limites legais, que foram a ferramenta encontrada pela ABE para exigir o gasto racional de recursos públicos, a Assembleia Geral possui total autonomia para definir os limites orçamentários da CBE, porém o que se vê atualmente é o baixo envolvimento destes atores nos rumos da esgrima, permitindo que comportamentos inadequados se perpetuem.

Por parte de ABE, seguiremos firmes e vigilantes para representar os atletas da melhor maneira possível, sempre estivemos e sempre estaremos abertos ao diálogo. Até hoje não recebemos de qualquer associado qualquer crítica quanto a nossa atuação neste processo ou nas outras situações em que tomamos a frente, mas é evidente que estamos dispostos a rever quaisquer de nossas posições caso seja entendido pela comunidade que este seja o melhor caminho para nosso esporte. Não serão os recados e indiretas dos dirigentes que nos farão recuar, sabemos que a razão de existir do nosso esporte somos nós, atletas, e é para a sua defesa que a ABE foi criada e atua. ◀

TRANSFORMANDO

Vidas de forma positiva

Começamos o nosso projeto de apoio ao esporte que iniciou no ano de 2013 com duas categorias: a **esgrima e o surf**.



Paulo Morais

Fundador e Co-CEO da EspaçoLaser

A ideia de apoiar o esporte ganhou força e forma ao longo desses anos, e, hoje temos mais de 30 atletas conectados com a EspaçoLaser começando pela esgrima, mas indo para o Surf, Ciclismo, Canoa Havaiana, Natação, paraquedismo, motovelocidade, stock car, Judô, Jiu Jitsu, hipismo e latismo.

Entendemos que a EspaçoLaser tem forte conexão com os pilares do Esporte, quais sejam, Bem estar e Qualidade de vida.

Da mesma forma, que a nossa empresa proporciona a transformação positiva de vidas com a depilação a laser que melhora inclusive a autoestima das pessoas, o esporte também é transformador de forma positiva da vida das pessoas. Através dele pessoas podem melhorar a condição física, prevenir doenças, melhorar a autoestima, e, ainda, proporcionar a inclusão social.

Por esse motivo, estaremos sempre conectados ao universo desportivo, sendo que a Esgrima sempre terá um lugar especial em nossos corações com todos atletas da modalidade, mas em especial com nossos apoiados Bia Bulcão, Pedro Marostega e Paulo Morais.

Nosso grande sonho seguirá no sentido de transformar vidas de forma positiva, isso é sinônimo de Esporte, é sinônimo de EspaçoLaser ◀



MOSQUETEIROS DE PARAISÓPOLIS

As aulas gratuitas de esgrima são oferecidas para crianças de 8 a 15 anos no CEU (Centro Educacional Unificado), no horário do contraturno.



O Projeto Mosqueteiros, organizado pela ABE, começou em 2014, quando alguns dos associados colocaram em prática a ideia da atleta Carol Pontes de introduzir a esgrima na comunidade de Paraisópolis. Desde então, aulas gratuitas de esgrima são oferecidas para crianças de 8 a 15 anos no CEU (Centro Educacional Unificado), no horário do contraturno. Em Paraisópolis, contamos com cerca de 10 alunos que frequentam as aulas regularmente. Os alunos já participaram de competições em São Paulo, no Rio Grande do Sul, Belo Horizonte e Curitiba, alguns deles já conquistaram medalhas estaduais e nacionais. As aulas são dadas pelos professores Welton Fernandes e Bernardo Schwuchow.

Em 2017, recebemos doação pelo projeto Donate Your Fencing Gear, da FIE, que juntou o material doado por alguns atletas reconhecidos internacionalmente (inclusive do bi-campeão Olímpico Áron Szilágyi) e alguns materiais de marcas renomadas, como Allstar e PBT.

Em 2018, o material de sabre recebido pela FIE foi doado à Academia Paulista de Esgrima, que como, contrapartida, iniciou o projeto Mosqueteiros da República, para oferecer aulas de esgrima gratuitas para crianças de colégios públicos da região. Atualmente, na academia, o professor Rodrigo Baldin dá aula para cerca de 8 alunos das escolas Caetano de Campos e EE Alfredo Paulino.



NAQUELE MESMO ANO, A FIE RECONHECEU O PROJETO COMO:

"Um exemplo de como os doadores que participaram do **Donate Your Fencing Gear** podem fazer um impacto significativo na expansão proativa da esgrima, usando-a como meio de integração social e desenvolvimento interpessoal para beneficiar a humanidade". (Fonte: <https://fie.org/development/gear/105>. Acessado em 18.05.2020, tradução livre)

Do restante do material recebido pela FIE uma parte foi repassada para o projeto Esgrima Touché, de Florianópolis, tocado pelo professor Leandro Soares e para o projeto Mais Esgrima, do Piauí tocado pelo mestre Moisés. A parte final do material, oferecemos aos atletas, em troca de doações para o projeto.

No começo deste ano, as aulas dos Mosqueteiros foram iniciadas, mas logo depois suspensas por conta da pandemia do COVID-19, atendendo as orientações de isolamento das autoridades. Todos nós esperamos que essa fase passe rápido e que as aulas voltem em breve. Hoje em dia, buscamos formas de nos manter

em contato com os alunos para ficar a par da situação.

Antes de terminar, queria dizer que trabalhar para o projeto é e sempre foi muito gratificante para mim. Por causa da ABE, tive a oportunidade de me envolver com pessoas que realmente estão dedicadas ao bem do próximo, independente de quanto ganharão com isso. Ao mesmo tempo, vi como o esporte é importante para a integração das crianças e como ele oferece oportunidades maravilhosas. Fico feliz em poder falar sobre o projeto. Aproveito a oportunidade, também, para agradecer a todos os atletas, pais de atletas e clubes que, de alguma forma ou de outra, nos ajudam ou já nos ajudaram. ◀



MOSQUETEIRAS DA REPÚBLICA

O Projeto Mosqueteiras é uma iniciativa dentro do Projeto Mosqueteiros de Paraisópolis idealizado pela Associação Brasileira de Esgrimistas.

Com o objetivo de equilibrar a presença de meninas praticantes de esgrima, o Projeto Mosqueteiras é uma iniciativa dentro do Projeto Mosqueteiros de Paraisópolis idealizado pela Associação Brasileira de Esgrimistas, que desde 2014 leva o esporte às crianças da rede pública.

Atualmente, as atletas contempladas e que realizam os treinos na Academia Paulista de Esgrima são Julia Improta, Kemilly Araújo, Livia Santana, Julia Pagnan, Laís Tosta e Yasmin Oliveira.

MAIS SOBRE AS ATLETAS

As atletas treinam na Academia Paulista de Esgrima com o Professor Rodrigo Baldin vieram das escolas estaduais. Livia é aluna da Escola Estadual Caetano de Campos e as demais conheceram a esgrima na Escola Estadual Alfredo Paulino, onde o Professor de Educação Física Eduardo Simões usou a criatividade para incentivar a atividade física de seus alunos: incentivou seus alunos de duas salas do quarto ano do ensino fundamental a criarem as próprias espadas de papel, coletes com caixas de papelão e alguns óculos de piscina e esqui.

Mesmo sem experiência na esgrima, o professor iniciou um trabalho genial

e colocou as crianças agora motivadas pela novidade a se mexerem no esporte novo. Apareceu na TV, despertou interesse de esgrimistas e a Academia Paulista de Esgrima foi lá ver o que acontecia. Durante esse processo, veio a primeira medalha de ouro para o Brasil em campeonato mundial (Nathalie, pela espada feminina). Esse professor conseguiu, sem que fosse esse seu objetivo, criar uma legião de fãs da Nathalie e rapidamente ele tinha algo em torno de sessenta novos esgrimistas assíduos no treino semanal.

A sequência desse trabalho veio com naturalidade. A APE passou a acompanhar as primeiras aulas, com exercícios em grupo e aulas individuais. Em poucos meses, o professor Eduardo selecionou cinco atletas para que integrassem a Academia Paulista de Esgrima, onde poderiam treinar gratuitamente graças ao projeto.

As cinco meninas passaram a treinar duas vezes na semana, sem faltas e com empenho de dar orgulho. Em meio ano, participaram de uma prova amistosa da própria Associação Brasileira de Esgrimistas e uma delas conquistou uma medalha de bronze. Em 07 de março de 2020, duas atletas do projeto conquistaram medalhas de bronze em torneio estadual

oficial na categoria 11 anos. Livia Santana participou de mais competições e já acumulou medalhas nacionais e estaduais nas categorias 13 anos e pré-cadete.

Mas não é o resultado que realmente importa. O desenvolvimento dessas crianças ao longo desse processo, que passa pelo comprometimento com o treino, pelos laços de amizade que criaram, pelo engajamento da família de cada uma depois de serem surpreendidas com as filhas esgrimistas. ◀



ANTES DE SABER SOBRE PREPARAÇÃO FÍSICA



Renata Brunacci Lopes Orsolin
Personal Trainer - Cref:009287-G/Sp

Sempre busque um profissional da área de Educação Física formado e exija o Cref (registro profissional).

A preparação física é um treinamento, onde o atleta (amador ou alta performance) realiza para poder estar em condições em fazer de forma eficiente o esporte. E ajuda muito a prevenir lesões.

O treinamento consiste em sessões de treino, realizando exercícios físicos específico e não específico.

A nutrição (alimentação) é a principal aliada ao treinamento. Sem ela, você não vai conseguir atingir o seu objetivo (competição) e com ela você irá obter os resultados desejados.

O preparador físico quem que saber qual é a competição alvo (objetivo) e realizar uma periodização durante todo o ano competitivo.

A periodização é fundamental para o esgrimista, onde acaba esgotando todas as reservas energéticas para após ter uma fase de recuperação mais longa para obter a supercompensação.

Na periodização temos que colocar a parte específico para trabalhar todo o recrutamento de todas as habilidades bimotores, que são:

- Força
- Resistência
- Velocidade
- Coordenação e Agilidade
- Flexibilidade
- Equilíbrio

Existem vários tipos de força, aqui irei citar apenas duas:

- Força Absoluta: É a quantidade de de força que o esgrimista consegue realizar.
- Força Funcional: É a quantidade de força que o esgrimista consegue usar em pista. É a força mais importante saber desenvolvida.

Temos tb que nos ater em três fatores super importante, quando realizar a periodização, que são:

- Cognitiva
- Preparação Física e Específica
- Nutricional

O esgrimista deve desenvolver qualidades físicas necessárias para a musculatura exigente. Com isso temos uma preparação neuro sensorial exata das respostas motoras com grande rapidez e precisão.

Sendo assim o esgrimista poderá “preparar” o seu corpo e organismo para a competição. ◀

A Esgrima fora dos grandes centros



A vida, e a visão de um Professor do litoral de São Paulo sobre a modalidade | Por Paulo Henrique de Jesus da Silva

“Esgrima é um esporte curioso, não é o esporte do mais alto, nem do mais forte, e sim da melhor estratégia.”

Isso me atraiu ainda na época de Faculdade de Educação Física, em que queria ter um esporte que fosse meu diferencial na carreira. Primeiro procurei Badminton, e não encontrei, depois vi as máscaras na Academia pertencente a faculdade. “Hoje não me arrependo de ter trocado as petecas pelas armas” digo em aulas públicas. Comecei na modalidade pelo saudoso Humberto Calabrez Filho, uma pessoa singular, e que o acompanhei até o seu falecimento em 2015. Já era licenciado na época, estava completando o Bacharelado, e resolvi fazer da minha vida a expansão da modalidade.

“Ia e voltava andando pela Afonso Pena para treinar e estagiar, no intuito economizar, e poder comprar material, como resultado me deu uma certa resistência, e um lado do meu cabelo acabou ficando mais claro”.

Desde então continuei estudando, me tornei especialista em docência, e atualmente sou concursado pela Prefeitura Municipal de Santos. Desde então ministrei palestras, e aulas públicas em vários lugares, dentre eles:

- Projeto virando o Jogo da Ecovias.
- Colégios Municipais, Estaduais e Particulares.
- Centro Esportivo da Zona Noroeste.
- Centros do Escola Total
- Projeto Minha Comunidade

É um trabalho que faço com imenso prazer, e atualmente foi inaugurada uma sala de esgrima dentro de um Centro esportivo da Prefeitura de Santos, e tudo indica que serei responsável pelas aulas.

Creio que a esgrima vem progredindo em visibilidade, após os Jogos Olímpicos do Rio 2016 fiz várias apresentações sobre a modalidade, inclusive no colégio em que cursei o Ensino Básico, e antes disso, tive a modalidade trocada por Zumba, já na esfera particular por questões de não estar rendendo o que a academia queria, e também tive de abrir mão de dar aula num centro esportivo público, já que atendia mais crianças na natação do que na esgrima.



Faço apresentações desde 2011, e aulas gratuitas desde 2010, porém alguns fatores fazem com que eu tenha certa preocupação sobre a modalidade. Por ser um esporte de difícil acesso, até pelos materiais, a Esgrima dentro da Educação Física, não é um esporte tão abordado, discuti com professores na minha especialização, que diziam que “Esgrima, não era um esporte para se dar em escola, já que era de elite”, e sempre respondia que “Esporte é Esporte, não existe matéria, esporte de elite, e não elite, e todos devem ter a oportunidade de aprender”.

Pelo que acompanho a CBE (Confederação Brasileira de Esgrima), tem feito a parte dela, mas tudo ainda engatinha, e primitivo, não os responsabilizo, já que até por estar dentro de uma esfera pública, sei que o país funciona assim.

Depois de uma breve pesquisa, e conversando com um Professor de Educação Física que leciona no Estado de São Paulo, ele me disse que existe sim a indicação de dar aula de esgrima pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). Fato é que em geral, assim como eu os Profissionais da área de Educação Física, acabam rumando para uma mesma área, e muitos são de origem humilde (ao menos na minha cidade, grande parte o são), e nunca tiveram um contato com esgrima, a não ser nos jogos Olímpicos, e filmes de capa e espada. Então quem tomaria conta deste novo mercado, em ascensão?

A resposta é preocupante, tenho visto que qualquer pessoa que tenha o material está dando aula, por mais que

tenha vivência na modalidade não conhece alguns princípios particulares a educação física, como a individualidade biológica que creio ser o principal. Estas pessoas atuando podem até formar campeões, mas a que custo? Quantos não podem lesionar, talvez de forma irreversível? Sem saber o mínimo sobre como funciona o corpo humano, desenvolvimento motor, o que cada um tem condições de fazer mediante a sua idade.

Professores, ou Profissionais de Educação Física (a nomenclatura depende de onde atua, se em escola, ou em lugares de treinamento), também não são perfeitos, e nunca erram, porém com uma chance de algo perigoso ocorrer é muito menor. Creio que nos grandes Centros como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, e Belo Horizonte, isso seja menos comum, mas infelizmente vejo e muito.

Por meio de estudos, não encontrei modalidade que cresceu e conquistou algo por meio de entusiastas, sim por pessoal técnico, que abordou um método, e o conduziu, mas o que ouço são vozes dissonantes, de pessoas leigas quando se trata de ensino, o que me entristece profundamente, já que me sinto como errado, e talvez eu mesmo o seja.

Acredito que é preciso fazer um pensar e fazer um plano, não busco reconhecimento, (se um dia aparecer ótimo), mas a preocupação com a geração que está vindo, vendo uma Campeã Mundial pelo Brasil, e com pessoas capacitadas que a receberão.

Como a bandeira nacional, que tremula em São Vicente diz “Ordem e Progresso”, eu acredito, mas não vejo a o círculo da esgrima respeitar esse lema. ◀





LPapaiano: Quem é Victória?

Victória Mayor Vizeu: 16 anos, Club Athletico Paulistano, Mes-
tres Régis Trois e Ricardo Ferrazzi

LP: Como vc conheceu a esgrima e se interessou por ela?

VV: Conheci em 2012, a partir do filme "operação cupido" onde há uma cena bem curtinha de "esgrima". Foi amor à primeira vista, insisti muito para minha mãe que eu queria começar a praticar aquele esporte tão diferente e desconhecido para nós até então.

LP: Como e onde vc começou na esgrima?

VV: Comecei treinando em um centro de cultura húngara com o meu antigo técnico, Sandor. Comecei a treinar em 2017 como atleta militante no Paulistano e sigo lá até hoje.

LP: Fale um pouco de suas conquistas com a esgrima?

VV: Em 2018, com 14 anos entrei na equipe senior de espada feminina depois de uma temporada com 2 pratas e 1 bronze em torneios nacionais e sendo vice-campeã brasileira na categoria. Em 2019 fui a atleta mais jovem da delegação brasileira nos Jogos Pan-Americanos de Lima e campeã brasileira pré-cadete e cadete (além de bronze no adulto e juvenil). Tenho 3 medalhas (2 bronzes e 1 ouro) em copas do mundo juvenis e um 5º lugar entre quase 400 atletas em um torneio nacional italiano cadete que foi bastante especial para mim, já que estava voltando das férias quando competi.

LP: O que a Esgrima agregou e está agregando em sua vida?

VV: A esgrima me ensinou muitos valores como disciplina, dedicação e resiliência, além de me dar a oportunidade de conhecer pessoas incríveis que espero poder levar para a vida toda

LP: Fale da sua preparação? (horas de treino por semana, aulas na semana, alimentação, etc...)

VV: Durante essa pandemia, procuro manter horários saudáveis para realizar minhas atividades. Em geral, acordo por volta das 7h-7h30, tomo café da manhã, faço minhas tarefas da escola, almoço, estudo e treino por volta de 2h (os exercícios passados pelos técnicos). Não faço acompanhamento nutricional, mas tento manter uma dieta equilibrada

LP: Vc ouve música nos treinos e nas competições? Em que momento? Qual a sua Playlist?

VV: Não costumo ouvir música durante os treinos e escuto apenas para aquecer nas competições. No entanto, para treinar em casa gosto de ouvir a minha playlist, que tem gêneros como rock, alternativa, indie, rap, MPB e pop

LP: Quem é seu maior ídolo no esporte?

VV: Tenho vários, mas gosto bastante de assistir à Nathalie Moellhausen, Vivian Kong (Hkg), Alexandra Louis-Marie (Fra), Sarra Besbes (Tun), e etc

LP: Qual o melhor sentimento que seu ídolo te inspira?

VV: Não sei explicar exatamente, mas acho que me inspira a ser mais dedicada e a querer vencer



LP: Sabemos que os pais sempre são os maiores fãs dos filhos no esporte, como vc e seus pais lidam com este sentimento? Ele é positivo?

VV: Minha mãe é o clássico tipo de mãe coruja, que vai para todas as competições e viagens para me acompanhar, meu pai também me incentiva e apoia incondicionalmente. Apesar de eu reclamar com eles que eu gostaria de um pouco mais de autonomia, acredito que é muito importante para mim ter alguém para abraçar quando tenho algum resultado legal e um ombro pra chorar nos meus piores momentos.

LP: Quem são os maiores apoiadores da sua carreira esportiva, vc tem patrocinadores?

VV: Meus pais e o clube são os principais apoiadores da minha carreira esportiva. Não tenho patrocinadores por enquanto, mas acredito que seja de grande importância encontrar algum considerando o atual momento em que vivemos.

LP: Sabemos, que alegria da vitória sempre preenche o atleta, mas e a derrota, o que ela te traz? Que sentimento ela te inspira? Te traz algum aprendizado?

VV: Quem me conhece sabe que eu fico MUITO frustrada, triste e com raiva depois de uma derrota, mas acredito que de certa forma isso me inspira a querer treinar cada vez mais para alcançar os meus objetivos

LP: Vc tem um adversário com quem vc gosta mto de jogar, independente da vitória ou derrota, quando termina o combate a alegria da vitória, ou o sentimento de derrota é tomado pelo seguinte pensamento: Nossa como joguei bem, como foi bom jogar este combate, que pena que acabou? Vc fica com gosto de quero mais.

VV: Não me lembro muito bem de ter esse sentimento com alguém específico, mas em algumas competições me sinto bem indiferentemente do resultado, geralmente quando sinto que eu dei o máximo que eu poderia de mim.



ENTREVISTA COM O ATLETA: VICTÓRIA VIZEU



LP: Qual é a sua comida preferida?

VV: Chocolate, sem dúvidas, sou completamente chocólatra!

LP: O que vc pensa em fazer no futuro com relação aos estudos e profissão?

VV: Sinceramente, não faço a mínima ideia de qual profissão vou seguir, sou mais inclinada a área de biológicas e humanas, mas não tenho nenhum curso muito claro em mente, mas penso em algo como medicina, economia, administração, psicologia, entre outros. A única coisa que tenho certeza é de que quero continuar com a esgrima em alto-rendimento.

LP: É importante conciliar esgrima e estudo?

VV: Com certeza, estudo regularmente, além de manter a ro-



tina de treinos e competições. O meu colégio, Bandeirantes, sempre me apoiou quando precisei faltar às aulas e provas para competir. Ano passado, por causa da agenda cheia de competições, cheguei a fazer provas de 3ª chamada em quase todos os bimestres!

LP: Fale sobre um acontecimento engraçado que aconteceu com vc, ou que vc presenciou na esgrima?

VV: Quando participei em um nacional italiano e no q16 eu estava perdendo de 8x1, e empatei 11x11, então a menina se jogou no chão falando que estava morrendo e depois da médica abanar ela com um leque por 5min ela levantou e voltou a jogar. Terminou 15x12 para mim

VV: Agora, fale sobre um momento inesquecível que vc viveu na esgrima?

VV: Como na vida temos altos e baixos, fale sobre um momento ruim que vc teve na esgrima?

Acho que 2019 foi um ano bem difícil para mim na esgrima, tive uma fratura de estresse no pé logo no início da temporada e por ser a minha primeira lesão mais séria, isso me deixou um pouco nervosa, já que meu pé doía toda vez q eu encostava no chão e tive que competir com ele assim durante o começo do ano.

LP: Vc já pensou em abandonar o esporte? Se sim o que te fez mudar de idéia?

VV: Já pensei em abandonar depois de algumas derrotas e frustrações, mas mudo de ideia logo que lembro o quanto eu amo treinar esgrima e competir. Além disso, meus pais e mes-tres sempre me incentivam a me dedicar cada vez mais.

LP: Vc acha que a esgrima traz coisas, que vc usa ou irá usar na sua vida?

VV: Qual a maior lição, que vc aprendeu com seu técnico? Com certeza, meus técnicos me ensinaram disciplina e perseverança, aspectos que me auxiliam em todas as áreas da vida. Além disso, as relações construídas na esgrima são para a vida toda.

LP: O que vc diria para os novos atletas, que estão começando no esporte hoje?

VV: Continuem indo atrás dos sonhos de vocês, esgrima é o melhor esporte para aprender, fazer amigos, construir relações e se divertir. ◀



ENTREVISTA COM O ATLETA:

PEDRO MAROSTEGA

LPapaiano: Quem é Pedro MAROSTEGA?

Pedro Marostega: Pedro MAROSTEGA Santos, 23 anos, Grêmio Náutico União, treinado pelo Alexandre Teixeira.

LP: Como vc conheceu a esgrima, se interessou por ela e onde a começou?

PM: conheci a esgrima em 2006. No GNU existe um projeto chamado "projeto verão", durante as férias de janeiro/fevereiro as crianças passam a tarde no clube conhecendo todas as modalidades. Desde a primeira aula gostei muito do esporte e em março já comecei as aulas.

LP: Fale um pouco de suas conquistas com a esgrima?

PM: Fiquei em 14 lugar no campeonato mundial cadete em 2014, me classificando para os jogos Olímpicos da juventude em Nanjing/2014. Nesse mesmo ano fiquei em 3 no campeonato panamericano cadete. Sou campeão brasileiro infantil 11, infantil 13 e juvenil. Considero muito importantes as conquistas por equipes que tivemos, como o vice-campeonato panamericano em 2015 e as medalhas por equipes mistas nas copas do mundo de Budapeste(bronze) e Guatemala(ouro).

LP: O que a Esgrima agregou e está agregando em sua vida?

PM: Considero muito difícil responder com precisão pois não consigo lembrar da minha vida sem esgrima. Acredito que sou quem eu sou porque sempre fiz esgrima. Desde que me lembro sempre tive muita disciplina e fui muito focado nos objetivos e sempre tive uma boa capacidade de me concentrar



no que estou fazendo. Acredito que essas características foram exacerbadas pela pratica do esporte competitivo. Fora os aspectos comportamentais a esgrima fez eu conhecer o mundo, ter experiências que nunca poderia imaginar e principalmente conhecer amigos de todas as partes do mundo.

LP: Fale da sua preparação?

PM: Em setembro de 2019 me mudei para Pisa para buscar ter foco total na esgrima por 1 ano, então a rotina mudou um pouco nesses últimos tempos. Na Itália eu fazia mais ou menos 1h de preparação física 4x por semana de manhã, 2x por semana aula individual e tinha treino específico de esgrima todos os dias de tarde por 3h. Gosto de deixar 1 manha livre para descansar, normalmente quarta feira, pois muitas vezes acabamos dormindo menos que o ideal para o corpo se recuperar, então acredito que essa pausa no meio da semana ajuda aos treinos renderem melhor. Aqui no Brasil sempre treinei todos os dias 3x esgrima, mais duas aulas individuais, porem treino físico de manha era intercalado com a faculdade e variava muito dependendo do semestre. Tenho acompanhamento psicológico, preparadora física, fisioterapia e nutricionista a disposição no GNU e busco utilizar toda a estrutura da melhor forma possível.

LP: Vc ouve música nos treinos e nas competições? Em que momento? Qual a sua Playlist?

PM: Gosto de ouvir musica durante o treinamento físico/ academia, porem me sinto bem mesmo quando termino o treino e não percebo que musica estava tocando, pois vejo que estava muito concentrado nos exercícios que estava fazendo. Normalmente nas competições não ouço musica pois prefiro outras maneiras de me concentrar.

LP: Quem é seu maior ídolo no esporte, qual o melhor sentimento que ele te inspira?

PM: João Souza. Ele sempre foi muito dedicado e esforçado, conquistou objetivos considerados impossíveis na época e deixou a mensagem que com trabalho duro e bem planejado não existem objetivos inalcançáveis. Tenho a sorte de ter ele próximo e de ter podido jogar e aprender muito ao vivo.

LP: Quem são os maiores apoiadores da sua carreira esportiva, vc tem patrocinadores?

PM: Meus pais são meus maiores apoiadores e estão sempre do meu lado, momentos bons ou ruins. eles são o suporte necessário e fazem parte fundamental da minha carreira. Tenho patrocínio da espaço laser e da churrascaria barranco.



ENTREVISTA COM O ATLETA: PEDRO MAROSTEGA



LP: Sabemos, que alegria da vitória sempre preenche o atleta, mas e a derrota, o que ela te traz? Que sentimento ela te inspira? Te traz algum aprendizado?

PM: Normalmente a derrota me faz estar de volta na sala de esgrima o mais depressa possível, buscando entender os erros e corrigir para que não se repitam. Porém é óbvio que algumas derrotas mexem diferente e fazem parar um pouco e repensar os próximos passos, normalmente ocorrem quando o objetivo final de uma preparação longa não é satisfeito. Nesse caso ter um tempo para entender a situação é o melhor remédio para voltar mais forte.

LP: Vc tem um adversário com quem vc gosta mto de jogar, independente da vitória ou derrota, quando termina o combate a alegria da vitória, ou o sentimento de derrota é tomado pelo seguinte pensamento: Nossa como joguei bem, como foi bom jogar este combate, que pena que acabou? Vc fica com gosto de quero mais.

PM: Não tenho um nome específico, mas gosto muito de jogar com pessoas que fazem pensar, que mudam um detalhe minúsculo e te obrigam a perceber isso e mudar também. Quando acontece esse confronto mental o jogo se torna muito interessante. Apesar de gostar desse tipo de jogo existe o problema que, quando se torna derrota, é mais dura, pois normalmente saímos com a sensação de que poderia ter ganho e demorou demais para virar a chave.

LP: Qual é a sua comida preferida?

PM: Acredito que um bom prato de massa. De doce adoro bolos.

LP: O que vc pensa em fazer no futuro com relação aos estudos e profissão?

PM: Atualmente estudo engenharia de alimentos na UFRGS, porém não tenho ideia nenhuma de o que vou trabalhar.

LP: É importante conciliar esgrima e estudo?

PM: Para mim é fundamental, um dia a esgrima acaba e é muito importante ter estudado e estar preparado para quando esse dia chegar. Não é uma tarefa fácil, porém é possível. Outro ponto importante de se manter estudando é ter outra coisa para se preocupar/importar, pois se a única coisa que te deixe feliz e motivado for o esporte, as derrotas ou até mesmo lesões podem trazer frustrações muito maiores.

LP: Fale sobre um acontecimento engraçado que aconteceu com vc, ou que vc presenciou na esgrima?

PM: No mundial de 2014 as meninas jogavam um dia antes que nos, eu estava no quarto com o Daniel Zanete e combinamos de ir para a competição só para o início das poules, porém o despertador não tocou e acordamos na hora do início da poule. Saímos correndo e na recepção do hotel tinham folders da competição (era na Bulgária, então o alfabeto é cirílico) para mostrar para o taxista e ele nos levar. No folder tinha uma imagem de 2 esgrimistas e o anfiteatro da cidade, além de vários

rabiscos que a gente não sabia ler. Era nosso primeiro dia indo para competição, então não sabíamos as distâncias muito bem, depois de um tempo considerável o taxista para e diz que a gente tinha chegado, olhamos pela janela e não tinha nenhum ginásio, dissemos que não estava certo e o taxista só apontou um pouco mais para frente, estava o anfiteatro da imagem do folder. Quase surtamos na hora e demos um jeito de explicar que era o lugar errado e ele nos levou de volta para o hotel, onde pedimos para explicarem o endereço. Acabamos descobrindo que o folder oficial da competição não tinha o endereço do ginásio escrito. Chegamos no ginásio e o Teixeira estava enlouquecido, fomos xingados muito, porém acabando a mijada ele nos olha e pergunta sobre o Bernardo Sancho, que tava no quarto como ele (mas também ficou para sair depois). Nós achamos que ele tinha ido mais cedo e não nos preocupamos, acabamos pegando outro taxi para o hotel procurar o Bernardo, que continuava dormindo. Acordamos ele e voltamos para a prova. Não conseguimos ver a poule de nenhuma delas mas para nossa sorte todas jogaram bem e pudemos ver as eliminatórias.

LP: Agora, fale sobre um momento inesquecível que vc viveu na esgrima?

PM: O momento mais marcante foi a classificação para os jogos

olímpicos da juventude em 2014, classificavam 2 atletas por continente e quando entrei no quadro de 32 tinham sobrado 3 (eu, um americano e um chileno) e eu tinha dado 1 toque a menos que o chileno na poule. Nessa situação eu era obrigado a ganhar o jogo e estaria classificado, se perdesse estava fora. Joguei contra um alemão e ganhei com uma certa tranquilidade, entrando pela 1 vez para o quadro de 16 em um campeonato mundial e me classificando para os jogos Olímpicos.

LP: Como na vida temos altos e baixos, fale sobre um momento ruim que vc teve na esgrima? Vc já pensou em abandonar o esporte? Se sim o que te fez mudar de ideia?

PM: Meu último ano de juvenil (2016/2017) foi muito difícil, tive um planejamento pensando em fazer algo inédito no mundial, porém as coisas não aconteceram muito bem durante a temporada. Eu estava treinando muito forte e consciente, porém tinha um bloqueio nas competições, meu corpo não respondia. Acabei descobrindo que estava tendo crises de ansiedade que geravam esse desconforto. Acabou sendo o pior mundial da minha carreira e foi um momento muito importante para me conhecer melhor, descobrir meus limites e aprender a me respeitar mais. Durante esse processo tive uma crise muito forte no campeonato brasileiro juvenil de 2016 onde cheguei a pensar em largar a esgrima pois não estava me fazendo bem, porém tive todo o suporte necessário para me recuperar desse período bem complicado e voltar a ver graça no esporte.

LP: Vc acha que a esgrima traz coisas, que vc usa ou irá usar na sua vida? Qual a maior lição, que vc aprendeu com seu técnico?

PM: Com certeza, toda a questão de disciplina, organização e foco serão fundamentais para qualquer trabalho. Aprendemos a ter mais comprometimento com prazos e regras. A principal coisa que levarei para a vida que o Tex passa sempre é acreditar nos objetivos e trabalhar duro para realizar, não se sabotar achando que não vai dar certo. Temos que confiar em nós e trabalhar todos os dias. O esforço sem talento supera o talento com pouco esforço.

LP: O que vc diria para os novos atletas, que estão começando no esporte hoje?

PM: Aproveitem cada momento na esgrima, se divirtam jogando e curtam cada ação diferente que conseguirem fazer. Uma dica é aprender a fazer as coisas simples bem feitas. Acredito que é importante saber fazer o maior número de coisas diferentes para não ficar sem opção no meio do jogo, porém sempre busco começar o jogo de uma maneira simples e ir "complicando" somente se for necessário, porque muitas vezes o simples é mais eficiente que o mirabolante. Ouçam as histórias e dicas dos mais velhos, assistam vídeos e busquem conhecer os atletas do Brasil e do mundo. ◀



LPapaiano: Quem é Lorenzo?

Lorenzo Di Francesco Mion: Sou Lorenzo Di Francesco Mion, tenho 16 anos, sou do Esporte Clube pinheiros e tenho como técnico Roberto Lazzarini e como preparador físico Márcio Bernardino, mas não posso deixar de mencionar o Gennady que com certeza teve grande papel no meu desenvolvimento na esgrima.

LP: Como vc conheceu a esgrima e se interessou por ela?

LM: Eu ficava assistindo o treino enquanto esperava minha irmã, que estava na natação. Interessei-me e quis começar a fazer. Sempre gostei de esporte, praticava natação, hipismo e tênis.

LP: Como e onde vc começou na esgrima?

LM: Comecei aos 7 anos no Círculo Militar de São Paulo, com o Técnico José Acosta Martinez (Pepe) que me incentivou muito. Fez-me gostar mais do esporte, acompanhou-me na minha iniciação e nas minhas primeiras competições.

LP: Fale um pouco de suas conquistas com a esgrima?

LM: Demorei muito para participar de uma competição após iniciar a esgrima, mas na minha primeira competição, com 9 anos, um Campeonato Brasileiro, recebi uma medalha de bronze e estava jogando bem, apesar de não entender muito bem como funcionava a competição. Passei por tempos bom se e ruins e meus resultados foram melhorando. Recentemente fui medalhista pan-americano cadete duas vezes, quarto lugar no Challenge CEP Marathon Fleuret em Paris e fui Vice-campeão Brasileiro adulto.

LP: O que a Esgrima agregou e está agregando em sua vida?

LM: A esgrima proporcionou-me muitas coisas. Aprendi a desenvolver foco, determinação. Fez-me amizades. Levou-me a conhecer vários países culturas em viagens, tive várias experiências e etc.

LP: Fale da sua preparação? (horas de treino por semana, aulas na semana, alimentação, etc...)

LM: Treino de 3 a 4 horas por dia (incluindo preparo físico) 5 vezes por semana. O número de aulas por semana é indefini-

do, mas são mais ou menos duas ou três por semana. Não tenho uma dieta específica, porém mantenho uma alimentação saudável.

LP: Vc ouve música nos treinos e nas competições? Em que momento? Qual a sua Playlist?

LM: Escuto música antes da competição, mas não durante o aquecimento nem durante a competição. Minha playlist de competição contém músicas antigas, raps americanos, eletrônicas e trilhas sonoras que podem promover concentração, tensão, relaxamento, determinação, agitação, calma e etc.

LP: Quem é seu maior ídolo no esporte?

LM: Não tenho ídolos específicos, apenas pessoas que admiro e assisto para basear minha técnica e tática. Um deles é o Alexander Massialas (USA).



LP: Qual o melhor sentimento que seu ídolo te inspira?

LM: Criatividade.

LP: Sabemos que os pais sempre são os maiores fãs dos filhos no esporte, como vc e seus pais lidam com este sentimento? Ele é positivo?

LM: Meus pais sempre me apoiam em competições, viagens, etc. Nada seria possível sem eles. Meus avós também não perdem a oportunidade de ir a uma competição.

LP: Quem são os maiores apoiadores da sua carreira esportiva, vc tem patrocinadores?

LM: Não tenho patrocinadores, meus maiores apoiadores por enquanto são meus pais, o clube e a confederação.

LP: Sabemos, que alegria da vitória sempre preenche o atleta, mas e a derrota, o que ela te traz? Que sentimento ela te inspira? Te traz algum aprendizado?

LM: A derrota é tão motivadora quanto a vitória. A derrota

leva-me a pensar em meus erros para melhorar.

LP: Vc tem um adversário com quem vc gosta mto de jogar, independente da vitória ou derrota, quando termina o combate a alegria da vitória, ou o sentimento de derrota é tomado pelo seguinte pensamento: Nossa como joguei bem, como foi bom jogar este combate, que pena que acabou? Vc fica com gosto de quero mais.

LM: Mesmo perdendo ou ganhando um combate, ele pode ser divertido. Claro que após um combate ficamos com uma certa vontade de jogar mais, mas se você se esforçou ao máximo, fez tudo que deveria, podia e deu seu melhor, não deveria querer jogar mais imediatamente.

LP: Qual é a sua comida preferida?

LM: Gosto de muitos tipos de comida mas a preferida é hambúrguer (mas não fast-food).



ENTREVISTA COM O ATLETA: LORENZO DI FRANCESCO MION



LP: O que vc pensa em fazer no futuro com relação aos estudos e profissão?

LM: Talvez estudar no exterior. Não sei que profissão exatamente, opções giram em torno de engenharia, administração e cinema.

LP: É importante conciliar esgrima e estudo?

LM: Sim, pois se um for prejudicado o outro vai ser também.

LP: Fale sobre um acontecimento engraçado que aconteceu com vc, ou que vc presenciou na esgrima?

LM: Todas as viagens proporcionam vários acontecimentos engraçados. Competições em equipe também são muito divertidas.

LP: Agora, fale sobre um momento inesquecível que vc viveu na esgrima?

LM: Inúmeros, todas as viagens, por exemplo, ficam na memória para sempre. Uns recentes foram quando fui vice-campeão brasileiro adulto, quando fui quarto lugar no Challenge CEP Marathon e quando fomos quarto lugar no Circuito Europeu em equipes na Bratislava.

LP: Como na vida temos altos e baixos, fale sobre um momento ruim que vc teve na esgrima?

LM: Mais ou menos um ano depois de eu começar a esgrima quando eu tinha 8 anos o treino era meio monótono e eu ficava entediado, mas ainda bem que não desisti, pois logo depois quando comecei a jogar e depois competir comecei a gostar bastante.

LP: Vc já pensou em abandonar o esporte? Se sim o que te fez mudar de idéia?

LM: Bem no começo, quando eu tinha uns 8 anos e não competia ainda o treino era meio monótono, mas não parei e com o tempo comecei a me divertir mais.

LP: Vc acha que a esgrima traz coisas, que vc usa ou irá usar na sua vida? Qual a maior lição, que vc aprendeu com seu técnico?

LM: A esgrima traz várias habilidade úteis na vida. Para mim o importante não é uma única lição que se destaca, e sim o conjunto de ensinamentos de vários técnicos que me formam como esgrimista e pessoa.

LP: O que vc diria para os novos atletas, que estão começando no esporte hoje?

LM: A maior diversão pode não vir no começo, mas se você focar e não parar, ela chega. ◀



ENTREVISTA COM O ATLETA:

ALEXANDRE CAMARGO

LPapaiano: Quem é Alexandre Camargo?

Alexandre Pereira de Camargo: CAMARGO, 20 anos, AMK, Mestre Kato.

LP: Como vc conheceu a esgrima, se interessou por ela e onde vc começou na esgrima?

AC: Conheci a esgrima através do meu pai. Ele treinou Esgrima quando estava na escola com seu professor de Educação Física Fernando Kato. Depois de muitos anos se encontraram e foi aí que surgiu o convite para que eu e minha irmã iniciássemos a Esgrima com ele. Mesmo com o Mestre estando parado e sem uma academia, nós fomos treinando onde hoje é a AMK, mas na época era apenas uma academia do Kato fechada. E assim foi o retorno do Kato e o meu início no esporte.

LP: Fale um pouco de suas conquistas com a esgrima?

AC: Campeão Estadual Infantil, Pré-Cadete, Cadete e Juvenil e Livre; Campeão Brasileiro Pré-Cadete, Cadete e Juvenil e Livre; 7x primeiro colocado em competições Nacionais Livre; Campeão Sul-americano Infantil, Pré Cadete, Cadete e Livre; Campeão dos Jogos Sul-Americanos da Juventude Lima 2013; Campeão Pan-americano Cadete (2x), Juvenil (2x); 3º colocado Pan-americano Livre 2017; 2x Campeão da Copa do Mundo Juvenil em El Salvador (2018-2019); 3º Colocado na Copa do Mundo Juvenil do Bahrein 2019; Atleta Olímpico Rio2016.

LP: O que a Esgrima agregou e está agregando em sua vida?

AC: A Esgrima acabou fazendo parte da minha vida e viran-



do meu principal objetivo. Aprendi muito com o esporte como atleta, mas também como pessoa. Tive oportunidade de conhecer o mundo e pessoas do mundo e também aprendi idiomas e culturas diversas.

LP: Fale da sua preparação?

AC: Meu treino varia muito se estou em Curitiba ou em Roma. Em Curitiba treino em média 5 horas por dia, exceto Sábado e Domingo. Em Roma é difícil dizer uma média, as vezes participo de estágios de treinamentos com 6 horas de treino por dia, já outros momentos treino somente na sala por 3 horas por dia. Depende muito em que momento de preparação está se é perto de competições importantes ou não.

LP: Vc ouve música nos treinos e nas competições? Em que momento? Qual a sua Playlist?

AC: Escuto normalmente em competições, as vezes Rock as vezes musica eletrônica.

LP: Quem é seu maior ídolo no esporte?

AC: Nikolai Novosjolov.

LP: Qual o melhor sentimento que seu ídolo te inspira?

AC: Ele mostrava muita tranquilidade em seus combates e tinha um jogo muito bonito e super eficiente.

LP: Sabemos que os pais sempre são os maiores fãs dos filhos no esporte, como vc e seus pais lidam com este sentimento? Ele é positivo?

AC: Meus pais me apoiam muito os meus objetivos e sonhos, e muitas vezes até investem neles para me ajudar. Sem eles nada disso seria possível com toda certeza.

LP: Quem são os maiores apoiadores da sua carreira esportiva, vc tem patrocinadores?

AC: Prefeitura de Curitiba, Allstar (Deise), Bolsa Atleta, CBE e TOP2020.

LP: Sabemos, que alegria da vitória sempre preenche o atleta, mas e a derrota, o que ela te traz? Que sentimento ela te inspira? Te traz algum aprendizado?

AC: Eu acredito que as derrotas trazem mais aprendizados do que a vitória. É difícil, é um sentimento doloroso, mas que ajuda nos objetivos maiores e no futuro.



ENTREVISTA COM O ATLETA: ALEXANDRE CAMARGO

LP: Vc tem um adversário com quem vc gosta mto de jogar, independente da vitória ou derrota, quando termina o combate a alegria da vitória, ou o sentimento de derrota é tomado pelo seguinte pensamento: Nossa como joguei bem, como foi bom jogar este combate, que pena que acabou? Vc fica com gosto de quero mais.

AC: Joguei com muitas pessoas que me trouxeram esse sentimento, mas a maioria deles foram nos treinos. A ultima pessoa que senti isso foi os treinos com o atleta italiano Di Veroli.

LP: Qual é a sua comida preferida?

AC: Pizza.

LP: O que vc pensa em fazer no futuro com relação aos estudos e profissão?

AC: Penso em seguir no ramo do esporte e do condicionamento físico, penso muito nos cursos de Educação Física, Fisioterapia ou Nutrição.

LP: É importante conciliar esgrima e estudo?

AC: É importante sim, mas no cenário do nosso esporte hoje, e as dependências de viajar para o exterior para conseguir um rendimento melhor acaba dificultando muito.

LP: Fale sobre um acontecimento engraçado que aconteceu com vc, ou que vc presenciou na esgrima?

AC: A ultima que me lembro, foi em um torneio de equipes na Itália onde eu estava com meus companheiros de equipe Fabrizio Lazaroto, Gabriel Bonamigo e Leopoldo Gubert.

E o Fabrizio estava começando a ter dificuldades em um combate (não me lembro contra quem), e ainda pra piorar teve um problema com a espada, e ai começou a trocar o fio, depois espada e tendo cada vez mais dificuldades e se atrapalhando. Ai eu peguei a ULTIMA espada dele e entreguei pra ele, depois que testou percebeu que espada estava torta bem próxima da ponta, mas ele não conseguia colocar no lugar. Foi ai que eu peguei a espada e disse q concertava, mas como já tinha passado muito tempo e minha paciência já tinha ido, peguei a espada sem esquentar e fui concertar. E ela quebrou... E ele me olhou com uma cara de "não acredito" hahahaha. Depois disso graças a deus o Gubert era destro e emprestou uma pra ele pelo menos terminar aquele assalto.

LP: Agora, fale sobre um momento inesquecível que vc viveu na esgrima?

AC: Ter ido para os Jogos Olímpicos, simplesmente TUDO lá foi inesquecível.

LP: Como na vida temos altos e baixos, fale sobre um momento ruim que vc teve na esgrima?

AC: Ter tido uma lesão no cotovelo antes do Mundial Juvenil do ano passado que me fez não participar da prova que eu estaria no meu melhor condicionamento para participar e onde eu era 3 do mundo naquele momento. Ainda por causa da lesão acabei caindo no ranking nacional e perdendo a classificação para jogar o individual dos Jogos Pan Lima 2019 e também começando atrás na corrida para classificar ao Pré-Olímpico para Tóquio.

LP: Vc já pensou em abandonar o esporte? Se sim o que te fez mudar de idéia?

AC: Já, por uns 4 seg mais ou menos, ai depois cai na real hahaha.

LP: Vc acha que a esgrima traz coisas, que vc usa ou irá usar na sua vida?

AC: Muitas, como disse, ela te faz crescer como pessoa, te ensina a ter respeito pelas pessoas e valorizar as coisas importantes da vida.

LP: Qual a maior lição, que vc aprendeu com seu técnico?

AC: Humildade e Respeito.

LP: O que vc diria para os novos atletas, que estão começando no esporte hoje?

AC: Que continuem no esporte e treinem muito, porque são momentos que passam. A esgrima pode trazer muitas coisas boas, mas para isso precisa se dedicar e ser persistente. Desfrute de cada momento que ela ira te trazer, tudo vai valer a pena. ◀



ENTREVISTA COM O TÉCNICO

ALEXANDRE TEIXEIRA

Oi, não sei se é bom ou ruim, mas temos a honra de te entrevistar para a nossa Revista Eletrônica, que será lançada em breve.

Antes de tudo agradecemos o tempo, que vc está dispondo.

Agradecemos muito a sua participação e pode acreditar sua carreira e opinião é muito importante para nós e todo o esporte.

L.Papaiano.



1 – Quem é Alexandre Alves Teixeira?

Alexandre Alves Teixeira, 50 anos – Grêmio Náutico União - Graduado no IPA – Instituto Porto Alegre em Educação Física. Julho de 1992. Especialização 1993-94 – Curso de Mestre D´armas FIE – Escola de Educação Física do Exército (Esefex- RJ).

2 – Como vc conheceu a esgrima e se interessou por ela?

Conheci quando estudava no Colégio Militar de Porto Alegre aos 15 anos. Na oportunidade, iniciaram o pentatlo moderno na escola e eu me interessei, mas depois de fazer uma aula de esgrima, decidi que queria ficar somente praticando aquele esporte. Até então, praticava atletismo desde os 11 anos.

4 – Quando vc percebeu a sua vocação para ser técnico?

Na realidade, sempre gostei de ajudar o meu primeiro técnico (Silvio Sampaio) nas aulas, ainda no Clube Farrapos. Muitas vezes ele não podia ir, então eu ministrava uma escola de passos para os colegas e achava muito legal.

Apesar de eu não acreditar muito, o Sampaio sempre me dizia que eu trabalharia com esgrima no futuro.

5 – Qual é a principal obrigação de um técnico antes até de ensinar o esporte?

Somos educadores, antes de qualquer coisa. Sendo assim, temos a missão de olhar para o nosso aluno como um todo, e procurar desenvolvê-lo como ser humano através do nosso esporte. Então devemos ter sensibilidade, respeito e dedicação.

6 – O que a Esgrima agregou e o que sua carreira como técnico está agregando em sua vida?

Na realidade, eu sempre digo que a Esgrima me deu quase tudo na vida.

Me deu uma profissão (onde trabalho há 29 anos), me deu a oportunidade de conhecer minha esposa quando estava fazendo a especialização no Rio de Janeiro, a esgrima também me deu oportunidade de conhecer vários locais do mundo e também, fazer vários amigos. A esgrima também me fez aprender muito sobre mim mesmo, pois me colocou em situações como atleta e técnico que me fizeram crescer.

Tenho certeza que devemos ser esgrimistas na vida, pois o jogo de esgrima nos ensina muito em como devemos encarar nossos problemas, insucessos e sucessos.

7 – Existe rotina para um técnico de esgrima?

Eu dividiria em duas situações:

Na parte de treinamento, pode haver uma rotina, inclusive até necessária para o dia-a-dia, mas quando falamos da parte competitiva, certamente não vejo como ter uma rotina para o técnico, pois são vários atletas e cada um tem comportamento e expectativas diferentes em diferentes níveis de eventos competitivos. Mesmo que o técnico só acompanhe 1 atleta, cada evento é bem diferente do outro e exige adaptações e aprendizados contínuos.

As duas situações me estimulam, pois na rotina do dia-a-dia, temos que tentar manter o estímulo dos alunos e atletas e nas surpresas competitivas, temos que nos desafiar a buscar a melhor forma de nos adaptar para que o nosso atleta tire o melhor proveito possível da experiência vivida.

8 – Vc gosta de usar música em suas instruções e aulas? Em**que momento? Qual a sua Playlist?**

Só usamos música, às vezes, em trabalhos físicos de circuito. Nesta ocasião, a playlist fica por conta dos atletas... então é um momento arriscado..kkkk

Mas sou bem eclético em relação ao gosto musical.

9 – Vc tem um ou um técnico, que vc admira?

Bah! Tem tanta gente boa aqui no Brasil e no mundo... Vários estilos diferentes e todos vencedores.

Dentre vários, posso citar alguns que conheci e admiro. São super vencedores, mas não é somente por isto que os admiro, mas também pela forma de relação com seus alunos e atletas. São Giulio Tomassini (Itália), Ziemowit Wojciechowski (GBR) e Fábio Galli (Itália). São apenas 3 de uma infinidade de técnico com quem aprendi bastante, ou através de cursos feito com eles, caso do Mestre Giulio, ou pela observação e conversas.

10 – Qual o melhor sentimento que a sua profissão te traz?

Bem, quando um atleta de teu clube ou país vence, é sempre um sentimento incrível. Mas creio que o que me emociona bastante, é quando vemos o que o nosso esporte pode fazer em relação ao crescimento como pessoa. E isto inclui vitórias também, pois quando o aluno/atleta consegue se dominar emocionalmente ou consegue ultrapassar obstáculos na vida ou no esporte, mostra este crescimento. Quando uma pai ou uma mãe vem dizer o quanto o filho melhorou em relação a alguma variável, após conhecer a esgrima, quando um ex-atleta volta para a tua sala d'armas para colocar o filho, pois diz que ali ele aprendeu muito para a sua vida, creio que estas coisas todas podem resumir o melhor sentimento que ser professor /técnico pode significar pra mim.

11 - Sabemos que os pais sempre são os maiores fãs dos filhos no esporte, como vc lida com os fãs/pais fanáticos ?

Acredito que é uma situação muito comum e inevitável, pois são os filhos, não é? Creio que os pais podem ser grandes aliados no desenvolvimento do aluno.

O que tento passar para os pais, são os limites em relação ao prejuízo para os próprios filhos e também os limites em relação à instituição e professores. Creio que se deixarmos sempre claros estes limites, teremos menos problemas, pois se os pais não sabem os limites, podem cometer erros involuntariamente. E se sabem, poderemos cobrá-los caso algum deles seja ultrapassado. Claro que tudo isto deve ser bem explicado com suas justificativas, para não deixar dúvidas.

12 – A paixão exacerbada do pai ou da mãe como fã do filho, faz bem ou faz mal, para o atleta?

Acredito que dependendo de como é canalizada esta paixão, pode ajudar ou prejudicar. Se esta paixão se traduz apenas em apoio positivo às necessidades do(a) filho(a) em relação à prática do esporte e participação em competições, creio que pode ser benéfico. Mas se esta paixão se traduz em pressão para desempenho e intromissão nas práticas do(a) filho(a), ou até mesmo em relação à parte técnica e gerencial do local onde o(a) filho(a) pratica, isto pode ser danoso, pois pode até fazer o filho(a) perder a vontade de praticar o esporte.

Sei que toda esta questão é muito complicada, pois as coisas vão acontecendo e nós pais, podemos fazer algumas coisas sem perceber que está sendo ruim para o nosso filho. Falo assim, pois tenho um filho de 8 anos que pratica esgrima e estou aprendendo também esta relação do outro lado, tentando não errar para que seja o mais prazeroso pra ele enquanto permanecer no esporte.

Acredito que é muito importante podermos perceber e ouvir nossos filhos sobre os seus sentimentos sobre a nossa participação junto a eles.

13 – Por traz de todo grande técnico, existe uma comissão técnica e assistentes fazendo colocações duras?

Certamente que o sucesso não é alcançado sozinho e quando se tem um grupo de trabalho, fica muito mais fácil, pois são várias visões sobre uma mesma questão. Sendo assim, várias vezes uma idéia inicial de um técnico, é rebatida pelos outros, fazendo assim que haja uma reflexão e uma nova decisão baseada no problema colocado.

Resumindo, ninguém atinge o sucesso sozinho em nosso esporte. Sempre haverá um grupo de apoio tão responsável quanto o técnico principal.

14 – Sabemos, que toda a profissão ligada ao magistério, tal como a técnico em nosso país, é muito dura e com poucas recompensas do lado financeiro, mas ela te traz outro tipo de satisfação?

Eu trabalho há quase 30 anos com esgrima e posso dizer que tive muitas alegrias e satisfações neste período.

A satisfação de ver um atleta conseguir alcançar um objetivo.

A satisfação de ver uma criança entrar na esgrima com 6 anos e

ficar no teu clube até se formar na universidade.

A satisfação de ver a gratidão dos pais com o que a esgrima significou para evolução de seus filhos.

Certamente, o outro tipo de satisfação compensa mais que o lado financeiro.

15 –Sabemos, que alegria da vitória sempre preenche o atleta e o técnico, mas, e a derrota, como vc trabalha a cabeça do atleta que se frustra com ele mesmo? E vc como fica, como trabalha tais sentimentos?

Em relação às derrotas, fui aprendendo com as experiências e ainda aprendo. Tento passar para aos atletas que, em geral, teremos mais derrotas que vitórias, se contarmos nossa carreira inteira. Sendo assim, devemos nos preparar para usar os momentos de derrota em nosso favor, sei que isto é um pouco comum de se ouvir, mas poucas pessoas, realmente fazem uso deste hábito. É muito mais fácil ficarmos nos lamentando e nos vitimando... Por exemplo, muitos atletas não querem assistir os vídeos de suas derrotas. Isto é um grande erro, pois podemos aprender muito vendo e revendo algumas derrotas.

A partir do momento que nos conscientizamos 100% de que ao entrarmos em um jogo, temos também a chance de perder, ou quando iniciamos um ciclo de metas e objetivos temos a chance de não alcançarmos, estaremos mais preparados para as frustrações. Estar preparado, não é sair rindo da derrota, mas sim, sofrer apenas o necessário, mas logo levantar a cabeça e partir para o próximo desafio, seja ele o próximo jogo ou um próximo ciclo mais longo de objetivos.

16 – Qual é a sua comida preferida?

Um bom Churrasco.



17 – Como vc vê o futuro da esgrima no Brasil?

Sou um otimista neste ponto. Vejo alguns sinais muito bons do crescimento da nossa esgrima. Sempre disse aos meus colegas de clube que queria chegar em uma competição e encontrar muitas pessoas que não conhecia. Pois por muito tempo, ficamos em uma esgrima feita pelas mesmas pessoas, sem muita renovação. A partir de alguns anos, conseguimos ver várias salas de esgrima nascendo pelo Brasil, principalmente com o desenvolvimento da esgrima escolar. Neste ponto temos que exaltar o projeto Esgrima para todos que colocou muita gente em contato com o nosso esporte, assim como outros projetos.

Com o número de praticantes aumentando, certamente poderemos sonhar com a melhora nos resultados competitivos. Falando nisto, acredito que temos uma nova geração que tem toda a chance de alcançar resultados inéditos se trabalharem corretamente e continuamente.

18 - É importante conciliar esgrima e estudo? Vc incentiva seus atletas neste sentido?

Conciliar a esgrima e o estudo é muito importante. Muitas vezes, alunos nossos de escolinha melhoraram o desempenho escolar após entrar na esgrima, pois além do nosso estímulo, eles viram a necessidade de estar bem na escola para poder participar de campeonatos fora de sua cidade, pois ocasionam dias sem poder ir à escola. Para os atletas de equipes é muito importante manter o foco e se organizar para manter o nível nas duas atividades.

19 – Fale sobre um acontecimento engraçado que aconteceu com vc, ou que vc presenciou na esgrima como técnico?

Ano de 2010, Jogos Sulamericanos em Medellin.

Tenho um costume de fazer apostas com os atletas. Naquele evento, quem conquistasse a medalha de ouro, teria que entrar no chafariz da principal praça da cidade juntamente com o técnico, é claro. Até aí, seria apenas “pagar um mico”. O atletas do Florete Masculino e o Renzo do Sabre, toparam o desafio e, como ganharam ouro, tiveram que cumprir o combinado.

O problema é que quando chegamos à noite na praça, estava acontecendo uma grande festa da cidade no local. Ficamos apavorados, mas tínhamos que cumprir o combinado. Falamos primeiro com a polícia que fazia a segurança por lá e eles autorizaram incrivelmente, acho que foi devido ao nosso uniforme do Brasil, já que estávamos em uma competição em que a cidade toda estava envolvida. O mais engraçado, foi que quando nos preparávamos para entrar no chafariz, todos nós de sunga e os atletas com as medalhas no peito, a multidão se aproximou e começou a pedir para tirar fotos. Os atletas viraram atração inusitada na praça e foi muito divertido, todos molhados e a galera abraçando para tirar fotos.



ENTREVISTA COM O TÉCNICO

ALEXANDRE TEIXEIRA

20 – Agora, fale sobre um momento inesquecível que vc viveu na esgrima como técnico?

Tive o privilégio de viver vários momentos legais como técnico, mas vou pedir a permissão para destacar dois, e não apenas um. Abril de 2008 e Abril de 2012. Nas duas oportunidades o Torneio Pré-olímpico, o primeiro em Queretaro (MEX) e o segundo em Santiago (CHI).

Momentos em que os atletas João Souza(2008) e Guilherme Toldo(2012) venceram os respectivos torneios e classificaram-se para os Jogos olímpicos. Foram momentos inesquecíveis, pois pude ver estes dois atletas incríveis desde o início até este momento onde tiveram uma conquista muito merecida por toda a dedicação de vários anos.

21 – Como na vida temos altos e baixos, fale sobre um momento ruim que vc teve na esgrima como técnico?

Infelizmente um dos momentos ruins, aconteceu recentemente. Foi quando não conseguimos a classificação para os Jogos Olímpicos de Tóquio com a equipe de Florete Masculino. Fiquei muito triste pelos meninos.

22 – Vc já pensou em abandonar a carreira? Se sim o que te fez mudar de idéia?

Não, nunca tive nenhuma dúvida de que quero continuar fazendo isto ainda por muito tempo, pois acredito que ainda posso fazer muita coisa para ajudar o nosso esporte.

23 – Vc acha que ser técnico esgrima traz coisas, que vc usa no seu cotidiano?

Certamente que sim. Principalmente como lidar com os obstáculos e também me ajuda na tomada de decisão.

24 – Vc aprende com seus atletas? Fale sobre algo que vc aprendeu?

Aprendo sempre com meus atletas. O meu maior aprendizado foi com os atletas da esgrima paralímpica. Aprendi muito sobre as pessoas com deficiência, sobre inclusão, sobre superação e resiliência.

25 – O que vc diria para aqueles que já descobriram sua vocação para serem técnicos e tem dúvidas em seguir este caminho?

Digo que sigam, pois é uma profissão incrível. Estudem sempre, façam tudo com muito amor e tenham muita disciplina, respeito, humildade e perseverança.

ESTUDEM SEMPRE, FAÇAM TUDO COM MUITO AMOR





Oi, não sei se é bom ou ruim, mas temos a honra de te entrevistar para a nossa Revista Eletrônica, que será lançada em breve.

Antes de tudo agradecemos o tempo, que vc está dispondo.

Agradecemos muito a sua participação e pode acreditar sua carreira e opinião é muito importante para nós e todo o esporte.

L.Papaiano.



1 – Quem é Bernardo Schwuchow ?

Bernardo Schwuchow, 33, Esporte Clube Pinheiros, Formação em educação física pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro.

2 – Como vc conheceu a esgrima e se interessou por ela?

Conheci em 2000, Através do meu primo João Souza esgrimista participante dos jogos olímpicos de Pequim.

Mas realmente quem despertou meu interesse e incentivou foi o Guennady desde os meus 11 anos sendo meu primeiro e único técnico e depois tive o prazer de trabalhar com ele nos últimos 5 anos.

4 – Quando vc percebeu a sua vocação para ser técnico?

Quando adolescente nunca me vi em um terno e gravata rsrs ... Sempre gostei de esportes, sou de uma família de esportista acho que a vocação veio naturalmente.

5 – Qual é a principal obrigação de um técnico antes até de ensinar o esporte?

Acho que ensinar o respeito é a base de tudo.

6 – O que a Esgrima agregou e o que sua carreira como técnico está agregando em sua vida?

A esgrima me trouxe muitos amigos, viagens, aprendi a me virar sozinho desde cedo por causa do esporte.

A vida de técnico no dia a dia é muito gratificante ver a evolução da criança não só na esgrima, mas também nos outros aspectos individuais de cada um.

7 – Existe rotina para um técnico de esgrima?

Sem dúvida, cada faixa etária tem uma característica para ser trabalhada!

Procuro fazer planilhas de aulas bem diversificadas, para cada idade e buscando o máximo de cada aluno.

8 – Vc gosta de usar música em suas instruções e aulas? Em que momento? Qual a sua Playlist?

Na faixa etária em que trabalho prefiro não colocar música, acho que merece uma atenção maior na atividade, a partir do pré cadete é uma boa ideia em dia de combates livres... bom para dar uma descontraída.

10 – Qual o melhor sentimento que a sua profissão te traz?

Ensinar é um processo contínuo, e o mais gratificante em ser professor é ver a evolução do aluno, ver como cada um começa e como conclui aquela etapa de formação.

11 - Sabemos que os pais sempre são os maiores fãs dos filhos no esporte, como vc lida com os fãs/pais fanáticos

Acho que ser o fã é normal, só não pode pressionar ou exigir algo da criança como obrigação.

12 – A paixão exacerbada do pai ou da mãe como fã do filho, faz bem ou faz mal, para o atleta?

Faz bem, porem em um certo nível de FÃ pode atrapalhar e muito.





ENTREVISTA COM O TÉCNICO

BERNARDO SCHWUCHOW

13 – Por traz de todo grande técnico, existe uma comissão técnica e assistentes fazendo colocações duras?

Duras não, no Pinheiros trabalhamos em conjunto isso é o mais importante sempre tentando buscar a excelência

14 – Sabemos, que toda a profissão ligada ao magistério, tal como a técnico em nosso país, é muito dura e com poucas recompensas do lado financeiro, mas ela te traz outro tipo de satisfação?

Hoje eu trabalho com mais de 100 crianças de 7 a 13 anos, de diversas classes sociais, acho que não existe recompensa maior do que isso, é gratificante e amo o que eu faço

15 – Sabemos, que alegria da vitória sempre preenche o atleta e o técnico, mas, e a derrota, como vc trabalha a cabeça do atleta que se frustra com ele mesmo? E vc como fica, como trabalha tais sentimentos?

Esse é a tarefa mais importante, "sentimento" não é fácil lidar com isso ainda mais de criança, isso marca na cabeça deles, você precisa conhecer bem cada criança, uma derrota machuca muito, e isso na esgrima acontece sempre, tento sempre buscar algo positivo em cada aluno mesmo na derrota e sempre colocar um pequeno objetivo futuro.

16 – Qual é a sua comida preferida?

Strogonoff de frango.

17 – Como vc vê o futuro da esgrima no Brasil?

A base brasileira está no caminho certo em todas as armas, o futuro promete!!

O investimento é muito importante nesse momento, tanto dos pais, clubes e da CBE.

18 - É importante conciliar esgrima e estudo? Vc incentiva seus atletas neste sentido?

Sem dúvida! Estudar é o mais importante

19 – Fale sobre um acontecimento engraçado que aconteceu com vc, ou que vc presenciou na esgrima como técnico?

Tem várias, nossas guerrinhas de espuma todo final de campeonato infantil é o momento mais esperado por eles e engraçado... rrsrrs

20 – Agora, fale sobre um momento inesquecível que vc viveu na esgrima como técnico?

Não gosto de falar inesquecível, mas ver a construção de cada um no dia a dia é a melhor coisa que pode acontecer.

21 – Como na vida temos altos e baixos, fale sobre um momento ruim que vc teve na esgrima como técnico?

Ver a decepção dos meus alunos

22 – Vc já pensou em abandonar a carreira? Se sim o que te fez mudar de idéia?

Não.

23 – Vc acha que ser técnico esgrima traz coisas, que vc usa no seu cotidiano?

Sem dúvida, acho que disciplina e determinação trabalham juntos

24 – Vc aprende com seus atletas? Fale sobre algo que vc aprendeu?

Sempre aprendo no dia a dia, são pequenas coisas que me fazem entender que podemos ter outra visão das situações.

25 – O que vc diria para aqueles que já descobriram sua vocação para serem técnicos e tem dúvidas em seguir este caminho.

**DEDICAÇÃO É TUDO!!
ACREDITE NO SEU SONHO ◀**



SOB A ÓTICA DE CORSETTI

SEM ESTUDO, SEM ESGRIMA!!!

Quero muito agradecer a oportunidade de estar escrevendo aqui na WE.BRASIL. Este é um meio de desenvolvimento do esporte e, estar entre as pessoas que podem botar um tijolinho a mais nessa construção, me dá boas sensações.





Para minha estréia por aqui, gostaria de abordar um tema que creio ser importante em nosso meio esportivo. Não falo somente da esgrima, mas do esporte no Brasil como um todo. Gostaria de falar de um dos folclores mais inadequados que temos : O famoso

AH, MAS NÃO DÁ PRA ESTUDAR E TREINAR NO ALTO RENDIMENTO. UM DOS DOIS, FICA MAL.

Não, não e não. O estudo e a manutenção deste deveria ser condicionante à prática do esporte e do alto rendimento, especialmente em clubes. A esgrima ainda é um Oásis nesse pensamento mas mesmo assim volta e meia ouço tal afirmação pelos ginásios por onde ando.

Quando fui atleta de natação, bem ruinzinho , o clube exigia o boletim dos atletas nos finais de bimestre. Quem ia mal na escola, e poderia ser campeão, tomava um gancho pra se recuperar no mais importante : a escola.

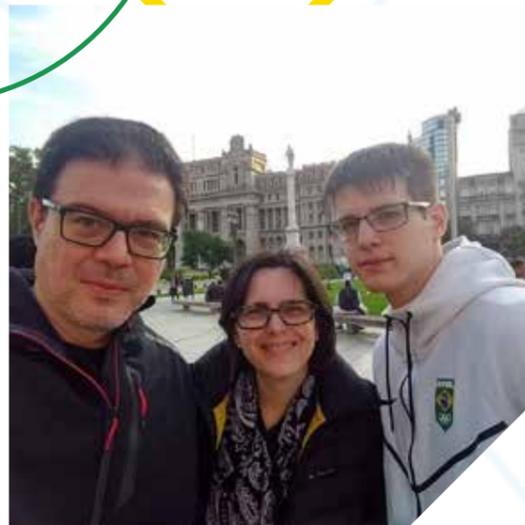
Entreí no mundo da esgrima por acaso e quando vi que meu filho gostaria de levar bem mais a sério do que eu imaginava, fiz a frase do título. Era um acordo: eu te ajudo, mas tu tem que fazer tua parte. Fui a escola justificar faltas, montei viagens, tudo o que todos os pais

que estão lendo este texto sabem muito bem como é. Mas exige e exige bastante. Era condicionado, assim mesmo. Se não estudar, não vai viajar, jogar e buscar os sonhos no esporte.

Se pensarmos, o país mais vitorioso em Jogos Olímpicos, os Estados Unidos, tem toda sua política esportiva baseada no estudo das universidades. As pessoas querem ir bem no esporte para ter a oportunidade da Universidade. Os resultados são bem conhecidos.

Me alegra que, em nosso esporte, tal mentalidade do "ou um ou outro" não reverbere muito, mas me entristece ver que no esporte olímpico do Brasil, há atletas largando a escola no ensino fundamental por acreditar nesse folclore equivocado.

SOB A ÓTICA DE CORSETTI



Se conselho fosse bom a gente vendia

mas nessa estréia aqui gostaria muito de estimular essa pequena discussão entre todos de nossa comunidade e que sirvam de exemplos os grandes destaques de nosso esporte. Nathalie estudou muito e é uma profissional destacada no universo de eventos, Renzo estudou muito e é profissional destacado. João Souza é profissional destacadíssimo na area de direito e assim por diante.

Certa vez, em conversa com o saudoso Pierluigi Chica ele estava muito bravo por ter ouvido esse "ou um ou outro" aqui no Brasil. Considerou total absurdo e reportou que um dos grandes destaques de conselhos de Neurocirurgia na Itália era campeão mundial de sabre. Dizia que alguém para ser neurocirurgião tem que estudar muito e, em momento algum, o sujeito deixou seus treinos de lado. Apenas um exemplo.

O nadador brasileiro Marcos Macedo (Rio 16) é médico e está na linha de frente do combate à pandemia hoje. Sua frase é reveladora:

"Nunca foi fácil, mas também não é o que todo mundo achava de muito fora da realidade. Era questão de organização".

E para voltar à, esgrima, nossa medalhista mundial Gabriela Cecchini acaba de ser indicada ao prêmio de melhor atleta/estudante dos Estados Unidos. A carreira de Gabi é linda e esse destaque torna maior e mais importante cada um de seus feitos.

Sendo mais uma vez chato, não deixem que esse pensamento tão equivocadamente tome corpo em cada um dos atletas do Brasil. O esporte é um formador de cidadãos e o alto rendimento, apenas uma consequência.

De resto aviso a toda a meninada da esgrima do Brasil que em cada campeonato que eu encontrá-los, antes de perguntar sobre treinos medalhas etc... vou perguntar

E o colégio, como está???



Marcelo Corsetti Santos, não, não me chamo Marostega!!

SOMOS MAIORIA E PODEMOS IR MAIS LONGE

Não se tergiversa com ética. Não existe meia ética. Não negocio valores. Rejeito permanecer em qualquer ambiente em que os padrões mais rígidos e universais de ética são relativizados.

| Por Alberto Murray Neto



Alberto Murray Olímpico
Blog sobre o Movimento Olímpico

Eu sou assim. Quando vejo sabotarem a ética, eu pulo fora. Não contem comigo para criar a “ética de conveniência.” Quando fui eleito, com extrema honra, por considerável maioria de votos, para o cargo de membro do Conselho de Ética do Comitê Olímpico do Brasil (“COB”), fiquei extremamente feliz. Junto com meus diletos colegas, coube-nos elaborar o primeiro Código de Conduta Ética do Movimento Olímpico do Brasil. Era – como de fato foi – um documento histórico, um ponto de inflexão no esporte brasileiro. Enquanto trabalhávamos no Código de Conduta Ética, pensava comigo:

“Ora, para que um Código, em que iremos definir o que é ético e o que não é? Ética não deveria necessitar de regras escritas. Ética é fazer a coisa certa sem precisar olhar no livrinho. É fazer o correto quando ninguém está olhando”.

Em 05 de junho de 2018, o Conselho de Ética do COB promulgava o primeiro Código de Ética do Movimento Olímpico do nosso país. Foi um momento de muito regozijo. Afinal de contas, por mais de dez anos ininterruptos entreguei minha vida à luta contra a corrupção no esporte, de forma franca, aberta, honesta, transparente e consistente, cujas repercussões positivas foram muito além das fronteiras do Brasil. Eu me expus, empe-

nhei-me em uma luta sem quartel que, finalmente, no dia 05 de outubro de 2017 teve seu ponto mais relevante. Naquele dia, começava a ser desmantelado um gigantesco esquema de corrupção que durante anos assolou nosso esporte. Tinha ciência da minha modesta, mas importante participação nos fatos que, naquela fatídica manhã, assistia pela televisão. O telefone não parava de tocar. Mensagens invadiam meu celular, eram cumprimentos que não paravam de chegar. Gente muito feliz, como se naquele dia o muro de Berlim tivesse vindo abaixo e o futuro voltasse a sorrir para o esporte nacional. Eu estava feliz com a contribuição que houvera dado àquilo.

É natural que quem se beneficiava daquele esquema que, corajosamente, ajudei a desmantelar, não goste de mim. Não tenho qualquer problema com isso. Ao contrário, eu me envergonharia muito se aquelas pessoas estivessem ao meu lado. Aqueles que se refastelavam com aquele sistema podre, quero distância.

Por dois anos presidi o Conselho de Ética do COB. Também com toda humildade, sei que eu e meus companheiros fizemos um bom trabalho nesse período. Trabalhei bastante. Dediquei-me inteiramente ao Conselho de Ética, dando prioridade às

demandas das Confederações, dos Atletas e da sociedade em geral, que esperavam que no esporte fossem criados novos paradigmas. Durante o tempo que estive lá, prezei pela transparência, ao mesmo tempo em que preservei a confidencialidade daquilo que era necessário. Julgamos vários processos éticos, publicamos, transparentemente, os resultados de todos eles. Fizemos Recomendações para aperfeiçoar a governança do esporte. Respondemos à inúmeras questões que nos eram encaminhadas pelo Canal de Ouvidoria. Nos aproximamos dos Atletas, das Confederações e dos fãs do esporte, que passaram a ver esperança no esporte.

Quando eu vi que as coisas deixaram de caminhar corretamente (não por culpa e vontade nossa) não hesitei em sair. Em 09 de janeiro de 2020 fiz uma Carta Aberta e divulguei-a. Liste todos os fatos que me desgastaram. Não pensei duas vezes em pular fora. Não vale a pena seguir adiante em um serviço voluntário, movido a paixão, ao vê-lo sabotado. Não acho que é o cargo que faz o homem, mas justamente o contrário. Por isso, porque tenho luz própria, não me submeterei a algo com o que não compactuo. A mitologia grega diz que quando os deuses querem destruir alguém, a primeira coisa que fazem é enlouquecer a pessoa. Eu complemento que, para enlouquecer alguém, basta torna-lo vaidoso. E vaidade é algo que não faz parte do meu repertório. Não me inebrio com pompas, viagens e mesuras. Não me vendo por isso e nem por nada.

Ainda bem que a enorme maioria das pessoas que gostam de esporte e querem vê-lo cada vez mais pujante, concordam comigo e eu com elas.

UMA LONGA BATALHA!

Eu venci uma longa batalha de mais de dez anos, em que ajudei a desbaratar uma quadrilha que jogou o esporte brasileiro em seu pior momento da história. Vocês não imaginam o que passei. Fui perseguido, bisbilhotado, invadido em minha privacidade. Mas nunca duvidei que venceria. Tudo o que eu dizia, denunciava, reclamava, estava certo. Não entro em aventuras, tampouco em ações temerárias.

Por tudo isso que tenho certeza que posso ir além. Nós podemos, juntos, irmos muito mais longe. Porque somos maioria. Pessoas boas. Durante meus dois anos comandando o Conselho de Ética do COB aproximei-me de pessoas muito competentes. Fiz novos amigos. Vi muita gente honesta arregaçando as mangas por um esporte melhor, mais democrático. São Atletas, Dirigentes, colaboradores, imbuídos em seguir um trabalho correto.

Por isso tudo é que não desisto nunca. Somos maioria e o bem sempre vencerá o mal. ◀

TÓQUIO 2021

Ser justo ou buscar mais vagas olímpicas?

Recentemente foram publicadas as prováveis datas das competições qualificatórias para as Olimpíadas de Tóquio. No caso dos atletas brasileiros, a competição de maior relevância será o pré olímpico, na qual teremos a possibilidade de conquistar mais 4 vagas olímpicas (lembrando que Guilherme Toldo e Nathalie Moelhausen já estão garantidos).

Segundo informação divulgada recentemente, a previsão é de que o pré olímpico ocorra em abril de 2021, dentro de quase um ano. Neste cenário, foi publicado pela CBE que os atletas que já estavam classificados para o pré olímpico, que deveria ter ocorrido em 2020, terão sua participação garantida nesta competição do ano que vem. A princípio, esta decisão parece estar em linha com as diretrizes da FIE, de garantir todas as vagas já definidas para os atletas que se classificaram, no entanto, o questionamento que faço é: a vaga para o pré olímpico é similar a uma vaga na olimpíada?

Participar dos jogos olímpicos é o sonho de 10 entre 10 atletas no Brasil e no mundo, portanto não há dúvidas de que a forma de definição dos atletas que participarão do pré olímpico é uma das mais importantes que a CBE teve de tomar nos últimos meses e anos. O cenário provocado pela pandemia não tinha como ser antecipado. No entanto, parece-me que houve certo afobamento por parte da CBE quando garantiu a todos que estavam classificados para o pré olímpico sua participação na edição postergada da competição, sem qualquer contrapartida, como manutenção de treinamentos e classificação em ranking quando do retorno às competições.

A segunda questão que coloco é: o que é mais relevante, garantir aos atletas que estavam classificados sua participação na próxima edição do pré olímpico ou maximizar as chances de classificação para a olimpíada? Na minha opinião, devemos colocar na balança a justiça de garantir aos atletas a oportunidade ganha nas pistas e os objetivos da esgrima brasileira como um todo.

A decisão é complexa, mas devemos ter em mente que o orçamento da CBE é diretamente ligado ao nosso sucesso nas pistas, isto é, quanto mais brasileiros classificados para as olimpíadas, mais recursos receberemos no próximo ano, aumentando o investimento e possibilitando nossa entrada em um ciclo virtuoso.

Como essa coluna é sobre minha opinião, não vou me furtar de me posicionar. Acredito que o ideal seria encontrar um equilíbrio nesta balança, por exemplo, garantindo a vaga daquele atleta que estava classificado, desde que se mantenha entre os dois primeiros do ranking até 60 dias antes do pré olímpico. Esta é apenas minha opinião, acredito que seria relevante o conselho técnico da CBE estudar esta questão, pois, ao que parece, não houve qualquer debate sobre este tema. ◀



PIERRE

É HORA de renovação

A grande certeza que tenho é que o esporte sempre precisa de **renovação** e este ano temos a **oportunidade**.

Lafaiete Papaiano

Existe a grande necessidade no esporte nacional de uma visão nova e mais olímpica, livre do ranço das administrações anteriores, que mostraram sua toxidade e o grande mal que fizeram ao esporte nacional.

A grande certeza que tenho é que o esporte sempre precisa de renovação e este ano temos a oportunidade de colocar na Presidência do COB, uma pessoa que não negocia com princípios, um dos maiores e mais respeitados advogados do país e, que foi a única voz contra os desmandos da era Nuzman, sendo que com a prisão deste último, provou, que estava com a razão em sua ferrenha oposição.



Presidiu o Conselho de Ética do COB, tendo em sua gestão sido implementadas importantes mudanças junto a Entidade maior de direção do desporto nacional.

Além de ter uma formação e entendimento único no que diz respeito ao Olimpismo e ao Esporte, é ligado por laços familiares a quem na minha opinião foi o maior e melhor Presidente que a ENTIDADE COB e o Desporto Nacional já viram em toda a sua existência o Major Sylvio de Magalhães Padilha.

Nosso amigo e companheiro de competições Alberto Murray, que já há muito tempo milita pelos corredores do COB e do olimpismo, será candidato e nele depositamos nossa esperança de um futuro melhor para o desporto nacional e o movimento olímpico em nosso país.

Seria interessante nossos dirigentes atentarem-se ao fato de que Alberto Murray representa algo novo, uma nova chance ao COB de retornar a seus princípios lastrados no olimpismo, que deu origem ao Movimento Olímpico mundial, hoje representado pelo COI.

Chega do passado do esporte, que nos levou a uma olimpíada em nosso país, que não deixou nenhum legado estrutural ou positivo.

Que venham novas ideias e um novo tempo de valorização do esporte nacional e dos princípios que devem ser constantemente lembrados, objetivando uma prática e competições justas, sem que interesses financeiros, venham antes dos interesses humanos e dos reais objetivos do esporte. ◀

Momentos da Competição



NOSSOS APOIADORES

